



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO ESPÍRITO SANTO

DANUZA DE OLIVEIRA FONSECA

**CIDADES-ESPAÇOS IN-VISÍVEIS: ESTRANGEIRANDO-SE POR
ESPAÇOS DE DIMENSÕES FORMATIVAS NA CIDADE**

VITÓRIA
2021



Centro de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO ESPÍRITO SANTO

DANUZA DE OLIVEIRA FONSECA

CIDADES-ESPAÇOS *IN-VISÍVEIS*: *ESTRANGEIRANDO-SE* POR ESPAÇOS DE DIMENSÕES FORMATIVAS NA CIDADE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) como requisito parcial para a obtenção de título de Doutora em Educação.
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Elizabeth Barros de Barros.

VITÓRIA
2021



Centro de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação

DANUZA DE OLIVEIRA FONSECA

**CIDADES-ESPAÇOS *IN-VISÍVEIS*: *ESTRANGEIRANDO-SE* POR
ESPAÇOS DE DIMENSÕES FORMATIVAS NA CIDADE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, da Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes, como requisito parcial para a obtenção de título de Doutora em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação, Formação Humana e Políticas Públicas

Aprovada em: de novembro de 2021

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a. Doutora Maria Elizabeth Barros de Barros
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora

Prof. Dr. Carlos Eduardo Ferraço
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Fabio Hebert da Silva
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof.^a. Dr.^a. Cristiana Mara Bonaldi
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Danichi Hausen Mizoguchi
Universidade Federal Fluminense

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

F676c FONSECA, DANUZA, 1971-
CIDADES-ESPAÇOS IN-VISÍVEIS:
ESTRANGEIRANDO-SE POR ESPAÇOS DE DIMENSÕES
FORMATIVAS NA CIDADE / DANUZA FONSECA. - 2021.
123 f.

Orientadora: MARIA ELIZABETH BARROS DE
BARROS.

Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação.

1. Cidade. 2. Formação. 3. Educação. I. BARROS DE
BARROS, MARIA ELIZABETH. II. Universidade Federal do
Espírito Santo. Centro de Educação. III. Título.

CDU: 37

(...) Este espaço sitiado –

em meio ao burburinhos de gente que transita por ruas, edifícios, prédios, ruínas e casas outrora nobres.

Este espaço imaginário –

para além dos peixes, das pontes, das colunas, das águas cintilantes, das grades de metal, das copas das árvores indiferentes ao sol e à chuva – um lugar onde os pássaros se escondem da multidão e as araras gritam gritos escarlates e azuis.

Este espaço suspenso –

entre o céu – que desafia o suor brutal e o cansaço do dia a dia de quem passa sobre as fitas de cimento cru das calçadas – e a terra – que sustenta a ociosidade dos corpos e das almas.

Este espaço geográfico –

feito em trilha e conchas de som e jogos circulares: (...).

**Parque Moscoco
Por Bernadette Lyra**

AGRADECIMENTOS

“O agradecimento ou a gratidão é o desejo ou o empenho de amor pelo qual nos esforçamos por fazer bem a quem, com igual afeto de amor, nos faz bem (...)”
Espinoza

Somos todos tese. Foram muitos *corpos-tese* que me ajudaram direta e indiretamente a chegar até aqui. Como um trabalho de pesquisa não se acaba, mas vai se modificando a cada olhar, a cada leitura de outros, a cada escrita que, com palavras, tenta dar conta das empreitadas de um corpo que pesquisa, meu primeiro agradecimento é Àquele que se fez Palavra e que, a partir dela, criou o mundo: Deus. “No princípio era o Verbo (...) E disse Deus: Haja luz; e houve...tese”. O Divino se fez Luz, Palavra, inspiração, companhia, força de diversas formas nesta pesquisa.

Agradeço à minha família, em especial ao meu pai, que investiu até quando pôde em minha educação e hoje, em vida, tem uma filha doutora. Às minhas irmãs e irmão e mãe que, por muitas vezes, me ouviram falar: “Hoje eu não posso ir. Tenho que estudar”, e que reconhecem meus esforços para ser uma profissional e pessoa melhor.

Aos meus sobrinhos: Ana Beatriz, Reinaldo (que já seguem suas carreiras), Luiza e Manuela (que ainda não entende o que é ser “doutora”, mas entenderá). Tenho muito orgulho de vocês.

Obrigada pelas amizades conquistadas no grupo de pesquisa PFIST & NEPESP, companheiros de orientação, discussões e provocações. Agradeço pelo cuidado em tentar me ajudar, pelas sugestões dos artigos e livros, pelas leituras cuidadosas das minhas escritas, pelos bate-papos, pelo respeito à minha pessoa, pela formação que se deu e dá nos nossos encontros. Foi um privilégio tê-los como colegas e aprender tanto com vocês. Consigo alcançar um pouco do orgulho que a nossa orientadora tem de vocês. Que todos façam diferença na sociedade com as suas pesquisas.

Agradeço aos meus amigos, que me deram tanto suporte nesses anos. Amigos que souberam entender minhas ausências, que estavam nos bastidores torcendo, em

oração, se fazendo presentes de várias formas. Vocês são muito importantes para mim.

A todos os professores que pude conhecer do PPGE e PPGPSI. Destaco meu (re)encontro com o professor Carlos Eduardo Ferraço; encontro que se deu lá no início – muito antes de eu imaginar “o que seria quando crescesse” – no quinto ano do ensino fundamental como meu primeiro professor de matemática. E (não) coincidentemente, nos reencontramos no meu mestrado, em que fez parte da minha banca; e, “no final”, no doutorado. *Merci beaucoup, Professeur*. Ainda, pesquisadores experientes, que me deram a honra de contribuir com minha pesquisa. Ainda, meu carinho e respeito aos professores Danichi Hausen, Cris Bonaldi e Fábio Hebert, que me deram o privilégio de tê-los em minha banca.

Finalmente, esta tese se fez por via de vários movimentos e passos. E foi ao circular pela universidade que tive um encontro alegre, alegríssimo, com aquela que apostou em mim antes de eu mesma, talvez, e antes de eu entrar no mestrado, minha orientadora Prof^a. Doutora Beth Barros. Obrigada pela aposta em me aceitar como orientanda, pelas conversas, pelo suporte, pelos sustos, pela formação e pelo exemplo que é para mim e para tantos como profissional, de incansável luta por uma Educação transformadora e pelas causas dos trabalhadores em Educação. Nosso encontro foi um presente e um privilégio para mim. *Thank you, my dear adviser. Our story is not over.*

RESUMO

Esta tese busca discutir acerca da potência formativa de experiências advindas de andar pela cidade, em especial, o Centro de Vitória, por acreditarmos em suas dimensões formativas. Apostamos nos dispositivos do caminhar, do circular como experimentações que acionam em nós processos de uma formação que vai além de espaços não escolarizados e que nos deixa tocar nos encontros com outros corpos, espaços, saberes, intentando desvelar fissuras, abalos, (des)construções que, por muitas vezes, não são consideradas, ou pouco visibilizadas na cidade. A tese é que a formação via alguns espaços, ruas, ruelas habitados na cidade é um importante vetor de experimentação nos processos formativos, que se engendram por meio das possibilidades de encontros, tecendo-se uma **rede-rizomática** pela cidade. Ao lado dos espaços escolares, propõe-se visibilizar *loci* na cidade para pensar os movimentos *formativos-fios*, que se fazem por meio de conexão com uma grande diversidade de atores que produzem caminhos, que oportunizam encontros, que se desdobram em movimentos de *re-existência*. O trabalho se apoia no método da cartografia, pois acredita-se que essa direção metodológica está em maior sintonia com os objetivos da pesquisa e com relação às suas principais linhas teóricas. A ideia foi se lançar nestes fios e urdiduras percorrendo espaços do Centro da cidade como ricos celeiros formativos de novos *ethos*, sem perder de vista que poder e resistência não se dissociam. Como suporte, foi criado o verbo “estrangeirar-se” como forma de melhor explicar e circular tanto na escrita quanto nas *viagens-andanças* ao campo.

Palavras-chave: Cidade. Educação. Formação.

ABSTRACT

This thesis seeks to discuss about the formative power of experiences arising from walking around the city, especially Vitória Downtown, since we believe in its formative dimensions. We bet on the device of walking, of circularity, as experiments that trigger in us processes of training that goes beyond unschooled spaces and that lets us touch in encounters with other bodies, spaces, knowledge, in an attempt to unveil cracks, shakes, (un) constructions that are often not considered, or barely visible in the city. The thesis is that training, via some spaces, streets, alleys inhabited in the city, are important vectors of experimentation in the training processes, which are engendered through the possibilities of encounters, weaving a rhizomatic network across the city. Alongside the school spaces, it is proposed to make loci visible in the city to think about formative movements, which are made through a connection with a great diversity of actors who produce paths, which provide opportunities for meetings, which unfold in movements of re- existence. The work is based on the method of cartography, as it is believed that this methodological direction is more in tune with the research objectives and in relation to its main theoretical lines. The idea was to dig in into these threads and warps running through spaces in the Center of the city as rich formative granaries of new *ethos*, without losing sight of the fact that power and resistance do not dissociate. As a support, the verb “to foreigner” was created as a way to better explain our moves both in writing and in field trips.

Keywords: City. Education. Formation.

RESUMEN

Esta tesis busca discutir sobre el poder formativo de las experiencias que surgen al caminar por la ciudad, especialmente por el Centro de Vitória, ya que creemos en sus dimensiones formativas. Consideramos como dispositivo el caminar y el circular por la urbe como experimentos que desencadenan en nosotros procesos de formación que van más allá de los espacios no escolarizados y que nos permiten tocar en encuentros con otros cuerpos, espacios, saberes, en un intento de desvelar grietas, desperfectos, (des) construcciones que muchas veces no se consideran o apenas se hacen visibles en la ciudad. La tesis es que la formación, por medio de algunos espacios, calles, callejones habitados en la ciudad, son importantes vectores de experimentación en los procesos formativos, que se engendran mediante las posibilidades de encuentros, tejiendo una red rizomática a lo largo de la ciudad. Paralelamente a los espacios escolares, se propone visibilizar loci en la ciudad para pensar en movimientos formativos, que se realizan a través de una conexión con una gran diversidad de actores que producen caminos, que brindan encuentros, que se despliegan en movimientos de re-existencia. El trabajo se basa en el método de la cartografía, ya que se cree que esta dirección metodológica está más en sintonía con los objetivos de la investigación y en relación con sus principales líneas teóricas. La idea fue lanzarse a estos hilos y urdimbres que recorren los espacios del Centro de la ciudad como ricos ambientes inmersivos y formativos de un nuevo ethos, sin perder de vista que el poder y la resistencia no se disocian. Como apoyo, se creó el verbo “extranjerarse” como una mejor forma de explicar nuestro moverse tanto en la escritura como en los viajes y andanzas al campo de estudio.

Palabras clave: Ciudad. Educación. Formación.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Centro de Vitória	18
Figura 2: Centro de Vitória, comércio	18
Figura 3: Delícias do Centro de Vitória.....	20
Figura 4: Centro de Vitória, o teatro	24
Figura 5: Apresentação no Teatro Carlos Gomes do Coro de Câmara de Vitória....	24
Figura 6: Centro de Vitória, a praça	30
Figura 7: Centro de Vitória, um bar	39
Figura 8: Parque Moscoso	44
Figura 9: Parque Moscoso	44
Figura 10: Procura da poesia	50
Figura 11: Centro de Vitória, religiosidade	52
Figura 12: Centro de Vitória, encontros.....	60
Figura 13: Centro de Vitória, mais encontros	61
Figura 14: Centro de Vitória, continuando os encontros	62
Figura 15: Centro de Vitória, museu.....	64
Figura 16: Centro de Vitória, <i>performances</i>	64
Figura 17: Apresentação de uma banda	65
Figura 18: Exposição do evento: Ditadura nunca mais	65
Figura 19: Entrada da galeria, fachada da casa	69
Figura 20: Mulheres	77
Figura 21: Palestra	80
Figura 22: Centro de Vitória, participação	80
Figura 23: Centro de Vitória, escadaria	81
Figura 24: Rua Sete de Setembro.....	81
Figura 25: Rua Sete de Setembro.....	82
Figura 26: Centro de Vitória, vista aérea da Rua Sete de Setembro.....	82
Figura 27: Protesto.....	86
Figura 28: Projeções afetivas	89
Figura 29: Centro de Vitória, foco: projeções afetivas.....	89
Figura 30: Projeções Afetivas.....	90

Figura 31: Projeções afetivas.....	90
Figura 32: Janela.....	92
Figura 33: A rua.....	97
Figura 34: Estrangeira.....	101

SUMÁRIO

1 DE ALGUM LUGAR	13
1.1 SOU VIAJANTE	16
2 OBJETIVOS OU DISPARADORES DA PESQUISA	21
2.1 EU PRECISO IR PARA A RUA	22
3 <i>METHA-ODOS</i> OU O CAMINHO DAS PEDRAS	26
4 ESTRANGEIRANDO-SE EM VITORINHA	31
5 VIAJANTE AQUARTELADA: OUIDOS QUE VEEM A CIDADE E OLHOS QUE A OUVEM	83
6 OS CONTÁGIOS NÃO SE CONCLUEM	96
7 CONCLUSÃO E RITORNELO	100
7.1 O CÉU DE SUELI.....	102
REFERÊNCIAS.....	109

1 DE ALGUM LUGAR

Caminhante não há caminho,
se faz caminho ao andar...

Antônio Machado

Por onde começar? Este é um questionamento que persegue aqueles que pesquisam. Como definir o momento que marca seu início? Os começos se constroem, se desmancham e se reconstroem diversas vezes ao longo de um trabalho acadêmico. Mas é preciso escrever e reescrever para fazer surgir novos começos, para criar um outro modo de dizer, ou desdizer, para poder construir com o outro, com o campo. Movimentos de coengendramento. Começar é sempre um desafio... mas é necessário seguir adiante e, assim, começo minha escrita, como quem se prepara para uma viagem, uma viagem ao estrangeiro com duas coisas cruciais no corpo: levar pouca bagagem e estar aberta aos encontros; conduzir meu olhar para a cidade, deixar os olhos e o corpo agirem como mapas me auxiliando a habitar seus espaços.

Vamos, então, ensaiar um começo. Meu passaporte foi carimbado quando passei pelo mestrado. Carimbo de ida. Parti do Cinema, o “Cinema como dispositivo de formação ética, estética e política”. Logo depois desse passeio, dessa viagem, não tive como não continuar a me abrir para outras viagens. Agora, continuo a jornada para um outro campo. Dou passos para o curso de doutorado, um espaço a se “estrangeirar”¹. Passei. E agora? E o mapa-pesquisa? Será que saberei falar a língua deles? Será que alguns de nós, que entramos em um programa de doutorado, esperamos ser “especialistas” que possuem um código comunicativo próprio? Talvez sejam expectativas de um corpo em formação, tanto pelos espaços escolarizados habitados, quanto fora deles. Na verdade, só saberei como efetivar a comunicação ao experimentar essa nova etapa da minha formação e dar novos passos. Passos à *porter*.

[...] quando menos se espera se vislumbra uma cidade diferente, que

¹ Estrangeirar-se: O que se faz Estrangeiro; do latim *extraneus*, “o que é de fora, desconhecido, não-familiar”. Assim, tomo a palavra *extraneus* para colocá-la em movimento. Estrangeirar-se é um verbo transitivo direto (VTD) e pronominal, ou seja, é um verbo que precisa de um complemento para fazer sentido. Os VTD Pronominais apresentam-se sempre com um pronome oblíquo átono como parte integrante do verbo. Assim foi formada a etimologia de “estrangeirar-se”, verbo que fica aberto a complementos outros.

desaparece um instante depois. Talvez toda a questão seja saber quais palavras pronunciar, quais gestos executar, em que ordem e ritmo, ou então basta o olhar a resposta o aceno de alguém [...] naquele momento todos os espaços se alteram, as alturas, as distâncias, a cidade se transfigura [...] (CALVINO, 1990, p. 141).

Então, ir para onde e por onde? A experiência com os estudos do mestrado deixou em mim algumas marcas que só consegui entender depois. Inquietações me chamavam para a rua. Quando eu me perguntava o que e como fazer, meu corpo ecoava: “Vá para a rua!” Mas quais potências há nas ruas e quantas teses cabem nela? O que é isso que me toma o corpo? É vontade de respirar outros ares e vias de formação? Sentir outros corpos?

Em meio a um *corpo-caos* me veio à mente Deleuze e Guattari (1992) quando afirmam que a arte trava luta com o caos, mas para torná-lo sensível. Acredito que me sinta convocada por esse (re)organizar e (des)organizar do caos.

Parece até que me deu um nó. Nessa hora caótica canto Lenine:

Às vezes parece até, que a gente deu um nó. Hoje eu quero sair só. Não demora eu tô de volta (Tchau). Vai ver se eu tô lá na esquina. Devo estar (Tchau). Já deu minha hora e eu não posso ficar (Tchau). A lua me chama. Eu tenho que ir pra rua (Tchau). A lua me chama. Eu tenho que ir pra rua... (LENINE; ARAGÃO; CHEBABI, 1997).

Daqui parto, ou apenas parto, para a rua. O partir me remeteu ao parto, parir, ao ato de dar vida, *labour* (que é “trabalho” ou “dar à luz em inglês”), partir-parir.

Meus olhos, ouvidos e olfato foram e são meus mapas. Meu corpo é minha bússula. Me levo para a cidade, bem no Centro², que é uma área que conheço, mas, certamente, muito desconheço. E nem sei o que é que desconheço, por isso (o) parto. Vou para o Centro Histórico da Cidade de Vitória. Na verdade, meu pensamento-partida ao Centro pode ter se dado antes; porém não sei bem quando. Será que foi no meio do mestrado? Não. Talvez depois. Centralizar começos, meios ou fins, talvez esse não seja um objetivo necessário. Procuro estar entre, nem início nem fim, em meio a processos.

Sou professora, aluna, pesquisadora e muitas outras coisas e os processos

² Durante toda a escrita deste trabalho, usarei “centro”, letras em minúscula, e “Centro”, em maiúscula, onde neste último me refiro ao Centro da cidade de Vitória.

formativos são, portanto, temas que surgem de forma insistente: na docência, na discência, na pesquisa, na mulher etc. A realidade não é linear, homogênea; se faz por empuxo, está em constante mudança e movimento. Mulher, professora, pesquisadora, aluna – sempre se deslocando, se (re)inventando.

Assim, nessa trajetória, trazer para o diálogo uma Formação que seja inventiva é também sublinhar que, quando nos situamos no campo da invenção, não estamos no domínio da espontaneidade, já que não falamos aqui de uma Formação que é sujeita, seja pelos territórios que já habitamos e/ou pelo presente que experimentamos. Nesse sentido, desmancham-se as formas e os valores de uma cidade que não estão dados e que são construídos por nossas práticas. Andar, circular, vivenciar, experienciar a cidade nasce, nesta pesquisa, como uma necessidade, e daí a possibilidade de abertura de um problema.

Mergulho. Apostar nas andanças pelo centro de Vitória como vetor formativo-inventivo é provocar seu caráter de devir, exigindo do sujeito uma errância, um mergulho, o que implica um movimento de dessubjetivação, de desprendimento de si mesmo.

In-visibilidade(s). Como norteador importante desta tese, trago um pouco de Marco Polo, a figura do viajante-estrangeiro da obra *Cidades Invisíveis* (CALVINO, 1990), do escritor italiano Italo Calvino. Inspirada nessa obra de Calvino, ensaio uma fabulação de linhas de *pensamentoescrita*. A ideia de “cidades” e “invisíveis”, partes do título do livro, também são companhias nesse deslocamento. Tendo a obra como fio metodológico, fui compondo meu estudo unindo-a com a de outros teóricos, o que me permitiu um melhor deslizamento pelas linhas sensíveis que apontam caminhos possíveis, de uma escrita que afirme uma linguagem errante. Deleuze, em *Conversações*, argumenta sobre essa escrita outra, uma escrita menor, quando afirma que

Escreve-se sempre para dar a vida, para liberar a vida aí onde ela está aprisionada, para traçar linhas de fuga. Para isto, é necessário que a linguagem não seja um sistema homogêneo, mas um desequilíbrio, sempre heterogêneo. O estilo cava na linguagem diferenças de potenciais entre as quais alguma coisa pode passar, pode se passar, surgir um clarão que sai da própria linguagem. Os clarões podem nos fazer ver e pensar o que parecia na sombra em torno das palavras, entidades cuja existência mal suspeitávamos (DELEUZE, 1992, p. 176).

Outros autores inspiram uma escrita que está à margem. Assim, a problemática

desta tese ganha força por meio da forma pela qual se apresenta, marginal, que, por conseguinte, impulsiona nossa *aposta-tese*.

É importante pontuar aqui que, mesmo não sendo o intuito desta pesquisa se fazer um debate sobre Arte, sigo algumas pegadas da potência formativa da Arte como um dos vetores de afirmação da vida, pensamento elaborado por Friedrich Nietzsche e pelo olhar da filósofa brasileira e capixaba, Viviane Mosé³. Ademais, procuro entrelaçar vários fatores advindos das andanças como dispositivo de formação, uma formação que se faz com elementos de mundo, promovendo *ethos outros*.

1.1 SOU VIAJANTE

Os olhos comem coisas
Que a boca cospe como sílabas
Meus olhos são bocas que não
mastigam.

Viviane Mosé

Lanço-me nessa *empreitada-tese* como os viajantes de Calvino, como as possibilidades que a eles se apresentam, muitas; mas sempre guiados pelo desejo de conhecer o outro, a diferença, os processos de diferenciação. É difícil não lembrar imediatamente do Marco Polo e suas cidades *nAs Cidades Invisíveis*. Viajante incansável que percorre lugares fantásticos nos quais é possível transitar pelos mais diversos percursos. Quantas cidades cabem na Cidade? É andar para ver, andar para experienciar e é habitá-la para senti-la e tocá-la pelos encontros com corpos outros, é seguindo rastros⁴ como pistas. Investigar vestígios presentes do espaço urbano do Centro de Vitória que também promovam processos formativos.

Estrangeirar-se. É doar o seu tempo a viagens sem mapas; corpo que decide viajar sem se prender às condições financeiras e sociais ou climáticas. É verificar, no

³ A poetisa, filósofa, psicóloga e psicanalista Viviane Mosé, baseada nos princípios e questionamentos feitos por Nietzsche, discorre acerca da possibilidade de aproximar os opostos, a razão e a emoção, a natureza e a cultura, a dor e a alegria.

⁴ A escolha pela palavra-termo “rastros” foi a partir do pensamento de Walter Benjamin cujos escritos trazem rastros ou lampejos para a análise da cidade moderna.

processo da viagem, o processo de construção-subjetivação que vai se processando nesse percurso. Busca um encontro com o outro, o desconhecido, sendo, então, a construção de um outro si mesmo, *outrar-se*.

Uma viagem, por mais curta que seja, implica deslocamento, palavra esta que vem do latim *des-*, “fora, ação reversa”, mais *locare*, “colocar”, de *locus*, “lugar”. Eis o parto. Me ponho para fora. Aposto no espanto, no desconforto, na curiosidade cara de pau, uma aventura na angústia do encontrar e desencontrar nas intensidades do viver. Afinal, eu não espero Godot⁵.

Para além das avenidas. No Centro de Vitória existem duas principais avenidas e, para além delas, me interessa o que há por detrás. As ruas estreitas, as ladeiras, as vielas nos interessam bastante, pois elas nos abrem para desvios que podem guardar vias que vão na contramão da correria das avenidas centrais.

O Centro de Vitória (Figuras 1 e 2) é um bairro histórico e turístico. Chegar no Centro quase me faz esquecer de algo óbvio: esbarrar em outros sujeitos nas estreitas calçadas e rapidez dos passos. Deve ser por conta do barulho intenso dos carros, dos vários sinais de trânsito e dos pedestres que atravessam as avenidas correndo e entre os carros para não perder o ônibus. Avenidas que abrigam comércios populares, muitas lojinhas que vendem produtos parecidos – como roupas e calçados – e pouco espaço de circulação para pedestres, já que muitas das calçadas abrigam também pontos de ônibus. Aliás, arrisco dizer que se encontrar ou entender os pontos de ônibus podem exigir um certo esforço para os usuários, não só para turistas, mas para os próprios moradores de Vitória, já que pouquíssimos são sinalizados.

⁵ Quase nada acontece na peça “Waiting for Godot” (BECKETT, 1952) que abre tanto quanto fecha, com poucas mudanças – exceto a compreensão existencial dos personagens do mundo. O existencialismo requer que o indivíduo encontre significado em suas vidas sem referência a um deus ou vida após a morte, algo que os personagens de Beckett acham impossível. É interessante ao atentarmos pelas linhas finais da peça, ela começa e termina com palavras semelhantes: “Bem, vamos. Sim, vamos. (Eles não se movem).”

Figura 1: Centro de Vitória



Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA (2015)⁶

Figura 2: Centro de Vitória, comércio



Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA⁷

Pontos de encontro. Falando em pontos e avenidas, me lembrei que, se alguém que está entrando na casa dos quarenta anos for perguntado acerca de locais de encontro de adolescentes na cidade, o Centro de Vitória aparecerá nas conversas. Lanchar em umas das duas grandes lojas de departamento da época e ir a um dos maiores (e poucos) cinemas da cidade eram pontos de encontro famosos de muita circulação; lugares de diversão garantida. Os parques poderiam também ser incluídos,

⁶ Disponível em: <<https://www.vitoria.es.gov.br/noticia/placas-de-publicidade-sao-retiradas-para-despoluicao-visual-do-centro-18717>>. Acesso em: 20 set. 2021.

⁷ Disponível em: <www.vitoria.es.gov.br>. Acesso em: 18 set. 2021.

mas não acho que os adolescentes da época confessariam isso. Talvez falassem que “parque é coisa de criança”.

Se grupos de adolescentes preparavam-se (aqui, sinônimo de “arrumar-se”) para habitar os espaços mencionados, é bem possível que hoje pessoas desconhecidas se conectem, ao descobrirem que faziam as mesmas coisas e iam aos mesmos lugares do Centro. E ao lembrar e tentar reconstruir essas aventuras, ou histórias outras, envolvendo aqueles pontos de encontro de adolescentes no Centro, aposto que essa conversa entre muitos adultos de hoje pode oportunizar entre esses corpos uma potência afetiva inigualável. E aqui nos lembramos de Espinoza (2008)⁸, encontros alegres, um bom-encontro, corpos afetam e são afetados. Um bom encontro aumenta a potência de existir, uma potência maior de ser e agir no mundo.

Ainda em Espinoza (2008), em nossos encontros, um corpo pode descobrir novas habilidades, interesses, gostos nunca antes experimentados. E voltando aos tais velhos pontos de encontro no Centro, desafio os leitores acima dos 35 anos, moradores da cidade e que puderam habitar aqueles espaços, a negarem que não foram afetados por encontros proporcionados naqueles espaços.

“Nossa! Ir ao cinema no Centro era chique. (...)”

“E ir àquela lanchonete comer ...” (Figura 3)

“E eu que entrava na loja só para comer bolo e ficar subindo e descendo na escada rolante!”

Falas e falas engendradas entre entusiasmados amigos, em um momento descontraído de bate-papo, podem produzir a Formação que defendemos. O Centro teve (e ainda tem) um caráter formativo importante para aqueles adolescentes, que, hoje adultos, guardam boas lembranças dos encontros. Destacar o Caráter Formativo trazido aqui é lançar mão da importância dos encontros, conversas e trocas entre atores cujas histórias foram atualizadas a partir de experimentações de uma cidade-cento.

Parênteses. Acabei de lembrar que, das cinco ou seis vezes em que eu assisti ao filme “De Volta para o Futuro 1”⁹, duas delas foram pelo prazer e emoção de ir ao

⁸ Para Espinoza (2008, p. 163), “o corpo humano pode ser afetado por muitas maneiras que aumentam ou diminuem a sua potência de agir”.

⁹ O filme De Volta para o Futuro, *Back to the future*, é um filme norte-americano de 1985.

tal cinema chique, do Centro. Eu não tinha nem 15 anos, mas estar lá me fazia sentir diferente, como quem descobre um outro mundo. Aquele espaço com muita gente da mesma idade, o enredo do filme em si, a música tema, enfim, tudo compunha.

Power of Love

(...) You don't need money, don't take fame. It's strong and it's sudden and it's cruel sometimes Don't need no credit card to ride this train But it might just save your life That's the power of love That's the power of love	(...) Você não precisa de dinheiro, não precisa de fama Não precisa de cartão de crédito pra subir nesse trem É forte e é repentino, e é cruel às vezes Mas pode salvar sua vida Esse é o poder do amor Esse é o poder do amor
---	---

(Huey Lewis and The News. Tradução nossa).

Figura 3: Delícias do Centro de Vitória



Fonte: Acervo pessoal

2 OBJETIVOS OU DISPARADORES DA PESQUISA

Ousadia. Vislumbrando a perspectiva de compreensão da potência formativa de espaços e movimentos na cidade de Vitória-ES, no Centro, dispomos, via andanças e experimentação como dispositivo, pensar a cidade-centro como lócus de potência formativa e vetor intercessor de novos *ethos*, dando visibilidade à dimensão formadora de espaços e movimentos invisibilizados na cidade. Deleuze (1992, p. 156) dizia que “o essencial são os intercessores, que podem ser pessoas, um objeto, um livro, uma obra de arte, aquilo de que se apropria para provocar algum movimento. Não é acompanhar o movimento do outro mas, com ele, criar o próprio movimento”.

Experienciar, tencionar e vivenciar movimentos que perpassem o que pode produzir Formação e Pensamento na cidade na qual me faço estrangeira, também suscita produzir pensamento acerca da minha própria formação. Como criar intercessores? Qual a nossa aposta? Lançar luz sobre o dispositivo *andar* é sentir as urdiduras dos movimentos tecidos na cidade como intercessores criando seus próprios movimentos.

A cidade, seu Centro e suas vias e vielas são nosso cenário, território de nossas andanças. Arrisco desenhar uma narrativa acompanhada, vou conversando com vocês enquanto ando e escrevo ou apenas olho. Roupa de viajante, não de turista, já que nos interessa movimentar o pensamento, no sentido de nos distanciarmos cada vez mais de uma visão planejada que os mapas convencionais oferecem das cidades, das imagens do *Google satélite* ou imagens, dos guias de rotas turísticas e de suas prescrições sobre os caminhos que devem ser percorridos quando se quer conhecer uma cidade. Um viajante parece ser menos propenso às rotas comuns. Desta forma, seu olhar, idas e vindas e encontros permitem experimentos robustos ao se deixar ir e se lançar em um território indefinido.

Estrangeirar, abrir o corpo à improvisação, explorar a cidade mediante os em-pre-vistos paradoxais da vida, experienciando-a com o gosto que ela se apresentar. Nesses processos, queremos saber o que pode ou poderá um corpo solto na cidade. Nossa proposta foi analisar como (re)inventar a vida e produzir redes afetivas e de resistência, de des-ter-ritorializações via as várias formas de manifestações artísticas em espaços reforçados e arejados por momentos de troca de ideias, debates,

conversas e política. Espaços com potência de promover novos *ethos*. Em um percurso solto, indagamos sobre efeitos e tensões criadas neste caos-cidade que possibilitam e incitam formação/produção de subjetividade numa direção que não perspectiva modelos a serem seguidos. A aposta é que nossas andanças, encontrem cacos¹⁰ como potencializadores de criação de linhas de vida que abram possíveis outros. De percebermos por onde e como estão passando *fiospensamentos* de novos *ethos*. Que espaços e/ou grupos são esses que parecem já não obedecerem aos ditames de subjetivação hegemonicamente instituídos? Como são esses espaços que se põem a fazer vibrar outras intensidades?

2.1 EU PRECISO IR PARA A RUA

Nunca se sabe, de antemão, como alguém chegará a aprender através de que amores se chega a ser bom em latim, por intermédio de que encontros se chega a ser filósofo, em que dicionários se aprende a pensar. [...] Não há um método para se encontrar tesouros e tampouco há um método de aprender, a não ser um traço do violento, um cultivo ou Paideia que percorre o indivíduo em sua totalidade [...] (DELEUZE, 1988, p. 270).

Sigo como Marco Polo no romance de Italo Calvino – *Cidades Invisíveis* – e como pesquisadora, que é afetada e afeta o campo ao mesmo tempo, num movimento de coengendramento incessante. Impossível guardar para si o que se vê e o que se escuta e é vital tentar expressar o que se sente. Estou em um “parto”. No ato de estrangeirar-se há o sentimento daquela em que os olhos não veem coisas, mas figuras de coisas, que significam outras coisas (CALVINO, 1990).

As cidades invisíveis estão dentro de nós, assim como os espaços in-visíveis e desviar o olhar para alguns sujeitos também não é incomum na cidade. Esses corpos-ideias-espaços não são algo a serem descobertos; eles estão lá e vão se coengendrando com a pesquisadora. Criar fios que nos viabilizem tal coengendramento é o desafio. Eles vão o mais longe no sonho e o mais perto na

¹⁰ A escolha pelo uso da palavra “cacos” foi inspirada por um texto do filósofo alemão Walter Benjamin que, em um de seus textos, “Passagens” (2007), intenta, ao elaborar uma teoria da modernidade, a busca de um caminho por entre os escombros da realidade social da modernidade.

realidade. Entre as ruas, becos, curvas, esquinas, fios desencapados, soltos, podem estar mais visíveis do que imaginamos. Sua visibilidade insere-se num corpo de sensibilidades. As cidades-espaço invisíveis são, em sua multiplicidade, sensíveis. Mas, o que faz as pessoas se juntarem para intentar, experimentar alguma coisa diferente? Como, a partir de encontros, novas configurações aos nossos olhos podem ser criadas, reinventadas? Que redes-formação estão conectadas nestas várias urdiduras feitas de arte, conversas, meio-fio de calçadas, escadas, habitados por atores, fazem circular política, ideias e discussões que nos sugerem uma perspectiva outra de existir?

Nessas experiências, relações que nos constituem e que constituímos no *entrevaguear* a cidade, como forças em composição, cooperação, que nos colocam em comunicação e nos reinventam, nos modificam, nos ligam uns aos outros: aprender, produzir conhecimento por experiências de problematização.

Continuidade e descontinuidade de fluxos, revelando as múltiplas faces e experiências que um espaço formativo abarca. Desconstituição de sujeitos tomados como entidades acabadas, emergência do diverso e diversificado. As *cidades-espaço* invisíveis são, em sua multiplicidade, sensíveis e lutam contra forças que tentam forjá-las a continuarem invisíveis a muitos.

Não moro no Centro, mas procuro ocupá-lo. Aliás, um lampejo me trouxe a primeira vez que fui ao Centro por um outro caminho, digo, que não era o da minha antiga escola. Era o quarto ano do ensino fundamental; eu tinha uns 10 anos e fui ao teatro pela primeira vez. Minha escola havia ganho alguns ingressos para levar um pequeno número de alunos ao principal teatro da Cidade, Teatro Carlos Gomes¹¹ (Figuras 4 e 5), para uma peça infantil. Fui escolhida e, curioso, não consigo me lembrar da ida, somente do momento de estar sentada na cadeira do teatro de olhos arregalados para palco. Pronto. Abrem-se as cortinas. Nem poderia imaginar que aquele espaço e suas cercanias, também, seriam cenários que atravessariam vários outros cenários para esse *corpo-criança-adolescente-adulta*.

¹¹ O Teatro Carlos Gomes é um teatro localizado na Praça Costa Pereira, no centro da cidade de Vitória. Foi inspirado no Teatro Scala, de Milão, e projetado pelo arquiteto italiano André Carloni. Apresenta uma mistura de estilos em que predomina o neoclássico. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Teatro_Carlos_Gomes_\(Vit%C3%B3ria\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Teatro_Carlos_Gomes_(Vit%C3%B3ria))>. Acesso em: 01 nov. 2020.

Figura 4: Centro de Vitória, o teatro



Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA (2021)

Figura 5: Apresentação no Teatro Carlos Gomes do Coro de Câmara de Vitória.



Fonte: Arquivo pessoal

Palcos. Centro da Cidade, lócus de construções e desconstruções. Aos 10

anos de idade, desci para o Centro e seus palcos. Desde então, subo e desço do e no Centro e transito em *arte-espacos* formadores que se mostrem articuladores importantes de sentidos que anovelam diferentes tipos de relações entre sujeitos na cidade.

Segundo Calvino (1990), a realidade apresenta-se múltipla, com estratos densamente sobrepostos, próxima à imagem de um rolo, um aranzel, algo que precisamos decifrar. As cidades guardam segredos dentro das palavras que a descrevem e, assim, emergem plenas de força, repletas de sentidos. Os “segredos” não são os que não se pode falar, mas algo que se deve guardar com cuidado até poder contar para outrem e, assim por diante, sem que ninguém seja interceptado por formas hegemônicas. Para que *reexistamos*, o que implica resistir-existir, é preciso constituir um coletivo-rede numa perspectiva crítica, de forma que os saberes instituídos e suas regras sejam postos em crise.

Com o objetivo de discutir o vigor formativo de *loci* e encontros no Centro da Cidade, nos lançamos nesta pesquisa, a fim de produzir pensamento, problematizando o instituído e, por conseguinte, experienciar disparadores de construção de sentidos e formação de sujeitos operando um Pensar não dogmático. Produzir crise, experimentar a diferença e a diferenciação através de um *corpopesquisa* a postos, proposto a pinçar recortes enquanto se move, se anda por *pontosespacos* que potencializam os sujeitos da, e na urbe.

Estrangeirei-me. Adentro as ruas e espacos de boca fechada e corpo aberto; porém, provo dos *afectos* e *perceptos*¹² oportunizados pelos encontros com expressões artísticas que se apresentam no Centro da Cidade de Vitória.

Para os autores Deleuze e Guattari (1992), os gêneros artísticos (pintura, escultura, música, literatura etc.) se expressam através de sensações. Arriscamos aqui trazer a potência da arte como dispositivo de agir no pensar, de criar pensamentos. Nesse sentido,

O objetivo da arte, com os meios do material, é arrancar o percepto das percepções do objeto e dos estados de um sujeito percipiente, arrancar o afecto das afecções, como passagem de um estado a um outro. Extrair um bloco de sensações (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 217).

¹² *Afectos* e *Perceptos* são sensações que valem por si mesmas. É o que transborda, transcende ao visível. Um tornar-se visível ao que não é visível e, ainda mais, “uma captação de forças” (DELEUZE; GUATTARI, 1992).

3 METHA-ODOS OU O CAMINHO DAS PEDRAS

Das Pedras

Ajuntei todas as pedras
que vieram sobre mim.
Levantei uma escada muito alta
e no alto subi.
Teci um tapete floreado
e no sonho me perdi.

Uma estrada,
um leito,
uma casa,
um companheiro.
Tudo de pedra.

Entre pedras
cresceu a minha poesia.
Minha vida...
Quebrando pedras
e plantando flores.

Entre pedras que me esmagavam
levantei a pedra rude
dos meus versos.

(Cora Coralina)

Educadora e aprendiz. Pesquisar Educação, Formação ou tudo junto é uma forma de fazer caminhos usando as próprias “pedras do caminho¹³”. A *pedraspesquisa* se fez como um ato multifacetado, que buscou modificar as “duras e rudes pedras”, esculpindo-as, lapidando-as e organizando-as em etapas-pistas do que buscamos conhecer sobre o mundo e sobre nós mesmos. Um *viajantecorpo*, ao estrangeirar-se, depara-se com pedras no caminho e não trago as pedras como um problema. Apenas parte do percurso. Sendo esta uma pesquisa que se lança à rua, às ruas da cidade, pedras apareceriam de qualquer forma.

Uma etapa importante para os preparativos em uma viagem é a organização da bagagem, mas pode ser uma desorganização também. É preciso separar os itens indispensáveis que devem nos acompanhar ao longo do percurso. E no percurso desta pesquisa, os movimentos de pesquisa transformam-se em movimentos de

¹³ Frase retirada do poema de Cora Coralina: Das Pedras.

andanças. Nesse sentido, esta pesquisa é chamada de estrangeirar-se, pois ela é feita de andanças a lugares cujos códigos, sabores, cheiros ou línguas saberemos ora nos movimentos, ora nas paradas.

Uma andança consiste em caminhar, perder-se entre pulsações, construir moradias provisórias ou fictícias, criar conexões nas franjas dos territórios, percorrer o invisível. Fazer uma pesquisa/andança é viajar construindo cartografias, recolhendo coisas pelo caminho e perdendo-as ou abandonando-as em seguida e é trabalhar com aquilo que nos surge, com o que se tem em mãos. “Podemos dizer que assim a pesquisa se faz em movimento, no acompanhamento de processos, que nos tocam, nos transbordam e produzem mundos” (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 73).

[...] diferente do método da ciência moderna, a cartografia não visa isolar o objeto de suas articulações históricas nem de suas conexões com o mundo. Ao contrário, o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente. Para isso é preciso, num certo nível, se deixar levar por esse campo coletivo de forças (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 57).

Deixar-se levar pelas forças que movem a pesquisa/andança não significa uma atitude de relaxamento ou de falta de rigor metodológico. Trata-se de evitar que a busca por informação predomine e impeça o cartógrafo de abrir-se ao encontro, à experiência, ao que acontece. Muitas vezes, a correria do dia a dia nos faz perder um olhar sensível para pequenos detalhes que compõem as vias nas quais nos conduzimos. Na agonia de cumprir tarefas nas horas marcadas, percorremos caminhos na cidade dentro de carros, em cima de bicicletas ou a pé, como se as batidas do nosso coração entoassem o mesmo *beat*: “não posso perder tempo” e “tenho que correr porque já estou atrasado”. Pensar em reservar um pouco de tempo para uma prática bastante vital do sujeito da *polis*, que é a contemplação da cidade onde vivemos, pode parecer “vagabundagem”, ofendendo os que correm e produzem num ritmo frenético de produtivismo. Retardar os passos ou dar-se tempo à contemplação nos lembra o *flâneur*¹⁴ de Baudelaire, aquele que vaga pelas ruas desligado da produtividade do fazer imposto pelo *modus vivendi* e *modus operandi*

¹⁴ O poeta Charles Baudelaire criou uma de suas mais famosas expressões: *flâneur*, ou um “andarilho” contemplativo urbano, que se atenta a cada detalhe das ruas e vê nelas sua fonte de inspiração. O *flâneur*, ao buscar uma outra-nova percepção da cidade, estaria em contraposição àquele que, absorvido pela necessidade de velocidade, caminha apressadamente para cumprir seus compromissos diários.

capitalístico. Esse “vagabundo” não é citado sem pretensão aqui. Visito o pensamento de um cronista carioca do início do século passado, Paulo Barreto – o João do Rio (1997). Para o autor, ser *flâneur*

[...] é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flanar é ir, de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da população. Flanar é a distinção de perambular com inteligência. Nada como o inútil para ser artístico. Daí o desocupado *flâneur* ter sempre na mente dez mil coisas necessárias, imprescindíveis, que podem ficar eternamente adiadas (RIO, 1997, p. 51).

É agora e já. Em uma pesquisa, o tempo também corre, existe um calendário a ser seguido e as horas de produção, muitas vezes, nos sequestram. Então, o que pode uma pesquisa? Será que daria tempo para tecê-la com o relógio parado, mas sem perder o calendário de vista? E se não fosse possível deixar o relógio de lado?

[...] Meu amor o que você faria? Se só te restasse um dia? Se o mundo fosse acabar. Me diz o que você faria? Corria pra um shopping center ou para uma academia? Pra se esquecer que não dá tempo. Pro tempo que já se perdia. Meu amor o que você faria? Se só te restasse esse dia. Se o mundo fosse acabar. Me diz o que você faria? (BRANDÃO; MOSKA, 1995).

Desta forma, como transformar a vivência em experiência?

Marco, o Polo. Inspirada por Italo Calvino em Cidades¹⁵ invisíveis, que estrutura uma narrativa encadeada por pequenos textos formados pelos relatos de viagem de Marco Polo, desenho minha escrita com textos-narrativas que foram tecidos a partir dos meus muitos (des)encontros e do ato de estrangeirar-me. Se na história, o imperador dialoga com Kublai Khan, nesta tese eu dialogo ora comigo mesma, ora com minha memória e com o leitor. Assim como Marco Polo, não é minha intenção narrar cenários, mas abrir horizontes contínuos a possíveis cenários formativos na relação com os espaços-corpos-encontros e com a palavra, palavra esta que se faz presente de diversas formas, sons...

O catálogo de formas é interminável: enquanto cada forma não encontra a sua cidade, novas cidades continuarão a surgir. Nos lugares em que as formas exaurem as suas variedades se desfazem, começa o fim das cidades. Nos últimos mapas dos atlas, diluem-se retículos sem início nem fim [...] (CALVINO, 1990, p. 126)

¹⁵ Sigo os passos de Polo, como quem traça um plano-dispositivo-metodológico para essa escrita.

Leituras e relatos. A minha primeira viagem à obra *Cidades Invisíveis*, de Calvino, foi, também, um dispositivo importantíssimo para quem se lança ao campo e a campo. A cada vez que relia o livro, a leitura provocava minha memória e memórias sobre a cidade onde vivo. Imagens, sons, cheiros, relatos ressoavam em meu corpo. Nesta escrita, também sou Polo, o Marco, encontrando cidades “invisíveis”, na Cidade.

O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes (CALVINO, 1990, p. 18).

Na narração de Marco Polo, em *Cidades Invisíveis*, mais importante do que preocupar-se com a conformidade entre o relatado e o fático é a poesia intrínseca em cada história, o encantamento pelas imagens e trajetões. Na obra, a cada cidade invisível encontramos inúmeras cidades: cidades mortas, enterradas, sonhadas, duplicadas, triplicadas, centrais, periféricas, inacabadas, demolidas, submersas, suspensas. Em um desses relatos de Polo, destaco Tamara¹⁶, que é a cidade dos símbolos. O olhar do viajante-Polo lê suas ruas. A narratividade que impregna a cidade permite a Marco Polo conhecê-la por meio do que ela tem a dizer. A cidade se abre, se dá a ver e a ler, de modo que é possível interpretá-la, não por uma visão autônoma, mas por uma definição de como ela se constrói. Na obra, não é o viajante que reina no discurso, mas a construção material da cidade é que o direciona na interpretação. A partir dos espaços da cidade é feita a leitura de Tamara.

Assim, quais discursos se produzem nela? Quem discursa? A cidade que se abre a olhares e leituras talvez não o faça para ser descoberta. Se assim o fosse, o viajante seria mais uma espécie de detetive que busca achar algo escondido.

É Vitória, ao centro. E é possível pensar a cidade e seus movimentos-corpos, não como uma pesquisadora que sai em busca de algo que já intenta encontrar; ao contrário, pelas vias de um corpo sensível aos sons, tons, toques, aromas, barulhos,

¹⁶ Na referida obra de Calvino, Marco Polo, conhecido como “o maior viajante de todos os tempos”, conta as histórias de 55 cidades (todas com nomes de mulheres) ao imperador mongol Kublai Khan, primeiro governante não chinês a governar a China (viveu entre 1215 e 1294 e era neto de Gengis Khan). A obra é dividida em nove capítulos e as cidades em onze grupos ou temas. Em Tamara, na narração de Polo, é abordada a questão da memória, com detalhadas descrições de imagens, símbolos, lugares, registros.

olhares e uma gama de outros quesitos e urdiduras que, ajuntados, nos oportunizam pensar como várias linhas soltas da cidade se (des)encontram e se constroem, não necessariamente nessa ordem, como o exemplo da Figura 6.

Figura 6: Centro de Vitória, a praça



Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA (2021)

Volto a Calvino. Como na obra de Calvino, não é o viajante que reina no discurso, mas o modo pelo qual nosso *corpo-Polo* é direcionado a fazer suas leituras, a partir dos espaços da cidade. Encontros, narratividade, passadas e pensamentos tornam-se cúmplices para que sejam possíveis as experiências na, e com, a cidade e seu Centro. A experiência do viajante em alguns espaços pode proporcionar a criação de uma narrativa, seja ela sobre a própria cidade seja sobre si mesma.

O estrangeirar-se da viajante conecta-se com alguns aspectos do *flanêur*: este corpo livre cujos olhares e encontros evocam relações múltiplas com as cidades. Como em uma conversa, a tentativa de se lançar proseando com a cidade se efetiva deixando que ela, a cidade, fale: ela é quem conta, ela é quem revela, ela é o Centro.

4 ESTRANGEIRANDO-SE EM VITORINHA¹⁷

Você viaja para reviver o seu passado? — era, a esta altura, a pergunta do Khan, que também podia ser formulada da seguinte maneira: — Você viaja para reencontrar o seu futuro?

Italo Calvino

“**VAI ACONTECER LÁ NO....!**”. Quão potente é estrangeirar-se, corpo que segue desprezioso, que circula em um vai e vai, e vem e volta. Como Calvino (1990), pensamos que é difícil lembrar o nome de todas as cidades invisíveis, mas é fácil reconhecer, na sua descrição, traços das nossas cidades, tanto a(s) cidade(s) do passado, quanto a(s) contemporânea(s). Nela(s), depositam-se características da(s) cidade(s) que conhecemos, mas que também desconhecemos. A vontade de experienciar novas sensações disparadas com ares vindos de outros cantos do centro, espaços, vozes é inquietante.

Os vários ruídos que tocavam a minha pele me remeteram a uma canção:

Ahora yo soy para ti. Solamente un extranjero. Tengo la vida en dos mitades. Pero amor lo tengo entero. No traigo una verdad. Nada bajo de mi bandera. Mis canciones en las lineas. Finitas de la frontera. Llamándote me voy. Buscando los espacios (CORRER; PINTO, 2011).¹⁸

Não procurei buscar um espaço; eles se descortinavam nas falas de muitos. Segui meus ouvidos, também se transformaram em bússola. Vou usar bússola e não o GPS. Uma particularidade dos espaços-in-visíveis é que cada qual não está na lista de “o que fazer na cidade”, como em um catálogo turístico. Toda cidade possui inúmeros adjetivos que habitualmente a caracterizam. Para muitos dos seus adjetivos existem imagens correspondentes. Exemplo: Centro de Vitória = boemia, parte histórica. Praia do Canto = (bairro) nobre, (bares) caro. Santo Antônio = antigo, burlesco.

Ao contrário do que buscamos descolar nesta pesquisa, as imagens e tantos outros cenários na cidade são costumeiramente esteriotipados via adjetivos que

¹⁷ Muitos capixabas referem-se à cidade de Vitória como “Vitorinha”, seja por carinho, seja por ironia.

¹⁸ Música: Extranjero, interpretada por Maria Gadú.

acabam por atuar na configuração de coisas a serem consumidas e, por conseguinte, constroem clichês capazes de forjar “verdades”. Hegemonicamente, a cidade compõe, de modo harmônico, um *modus operandi* que se repete diariamente; entretanto, cada espaço é singular.

Mas de que lado estou? Acho que me encontro no início do Centro de Vitória. Bem, dependendo de que lado uma pessoa vem para o Centro, o que é início para mim, é final para ela. Assim, começo sem dar muita ordem a esse começo.

Uma pausa. Pegar uma garrafa de água na mochila e mais dois exemplares do mesmo livro. Não exatamente os trouxe para lê-los, mas para não ficar sem eles. O mais velho está todo riscado. Olhá só: .

[...] quando menos se espera se vislumbra uma cidade diferente, que desaparece um instante depois. Talvez toda a questão seja saber quais palavras pronunciar, quais gestos executar, em que ordem e ritmo, ou então basta o olhar a resposta o aceno de alguém [...] naquele momento todos os espaços se alteram, as alturas, as distâncias, a cidade se transfigura [...] (CALVINO, 1990, p. 141).

Perfeito fragmento para minha pausa, para meu parto.

Assumo que considero o mover-se pelo Centro da Cidade menos labiríntico do que por outros bairros. Entretanto, estranhar-me por um espaço onde passei grande parte da minha infância e adolescência não me exime de estranhamentos. Hoje, este *corpo-mulher-pesquisadora* sente a fisionomia da paisagem, em suas várias apresentações e, em alguns pontos e lugares, de forma mais ampliada. Já outros, de modo mais reduzido e/ou sobreposto. Enfim, percepções as quais eu nem imaginava que estariam por-vir guardam o que *viria-a-ser* hoje, de onde venho, o Centro – em especial, porque este corpo, agora adulto, já havia feito algumas imersões por seus espaços histórico-culturais por quase oito anos ininterruptos. Nesses mergulhos, novas (re)descobertas foram feitas, e pude me (in)formar, me deixar formar, misturando-me a tudo que me ligava a expressões artísticas e seus atores (des)conhecidos.

Um caldo e dois pastéis. Volto para onde comecei a dar meus primeiros passos em direção ao mundo exterior ao meu bairro. Estranhamente, me vem à mente

algo importante: quatro espaços de 15 anos¹⁹. Estudei no centro da cidade aos 5 anos de idade e volto aos 15 para estudar novamente. Aos 30, inicio experimentações outras, e mesmo não escolares, elas mantêm sua importância. Nesse sentido, cito os palcos, as ruas, a música, outras *pessoas-pensamentos*. Finalmente, aos 45, percorro idas e vidas misturadas de estudos, formação, atores, artistas e arte. Nessa linha de tempo, elenco algumas marcas tatuadas no corpo: cinema, teatro, churrasquinho da esquina, pipoca, churros, escadas, esquinas, igrejas, música, política, palco, um caldo e dois pastéis.

Coincidentemente, me dou conta de que volto ao Centro; num *flashback*, revisito um ponto, que prefiro não chamar de início. Do meu *debut* ao centro da Cidade para ir à escolinha, a um *grand finale* (as palavras *Grand e Finale* me vieram à mente por conta da presença constante de palcos vistos e pisados no centro da cidade), a adulta, na pele de pesquisadora que, via muitas vias, se propõe neste estudo, (re)viver a potência formativa do Centro da Cidade de Vitória.

Sem carro. Nos últimos 15 anos, indo e vindo ao Centro, estive praticamente sempre de carro. Hoje, sem carro, meu olhar é literalmente outro: meus pés calmos, ouvidos e olhar sensíveis, parto, despretenciosa. Talvez me perca, mas é para isso que escrevo e pesquiso, para me perder, depois me achar e me perder novamente.

Gosto de me deixar conduzir pelos movimentos das ruas, me deparar com a diversidade de rostos e de paisagens. Atravesso ruas e sou atravessada pelo que me passa. Prefiro cruzar a cidade sem mapas predefinidos. Quando olho para a multidão, para as cercanias, é como se esta dinâmica me fizesse voltar para mim mesma. Num movimento circular, volto meu olhar para o mundo, volto para mim mesma, e o mundo (se) volta para mim e já não é mais o mesmo mundo, nem sou mais a mesma pessoa.

Tropeço. Algumas ruas ainda conservam pedras. Bem, estar na Cidade é olhar tudo e nada específico, por isso os tropeços. Ah! Algumas ruas do centro e parte do chamado Centro Histórico são constituídas de paralelepípedos e algumas de suas

¹⁹ Aos 5 anos de idade, fiz o pré-primário na escola Ernestina Pessoa. Localizada dentro de um parque da cidade (o Parque Moscoso) e onde pude ver um piano pela primeira vez. Aos 15 anos, retorno ao Centro para fazer meu ensino médio, no extinto colégio Nacional, escola de arquitetura imponente, datada do século XIX. Uma antiga escola de padres, cujos velhos cubículos e porões eram objeto de várias lendas. Aos 30 anos, volto ao Centro em um movimento quase que *non-stop*, a históricas igrejas, teatros, ruas, praças e até o palácio do governo, como membro integrante de um Coro de Câmara, o Coro de Câmara de Vitória. Hoje, quase 15 anos depois, a criança de 5 anos do *prezinho*, que foi apresentada ao mundo pelas velas do centro, retorna a ele, doutoranda, para revê-lo e *estrangeará-lo*.

edificações datadas de séculos anteriores estavam fechadas e entreabertas.

“Ah, menina, quando eu venho visitar mamãe à noite, eu sempre deixo o carro o mais próximo da casa dela possível. Essa rua é meio deserta e escura; esse casarão aqui do lado da casa de mamãe [...]”.

“Qual? O hotel?”

“Não é um Hotel. É um Motel”.

Curioso. Curioso o que partes silenciosas do Centro hospedam. O casarão em questão ficava em uma ladeira íngreme, em uma rua próxima ao Palácio do governo e tinha uns três andares. No primeiro, mesmo com a porta entreaberta, via-se o nome do “hotel” e uma escada bem longa. Por que pensar em fachadas de motéis é trazer luzes e painéis à mente?

E vamos embora, esperar não é, necessariamente, saber. Quem sabe faz a hora, quem não sabe, espera acontecer (VANDRÉ, 1968). **Quero deixar acontecer.** Início no início do Centro? Que início? Talvez o início seja o meio. Faz algum tempo que não andava por aqui. E o verbo é andar, não ir, lembrando que, nessa “última” volta, não tinha mais carro. Às vezes parece que nunca passei por essas ruas, outras me são familiares. Ora, os cenários me soam os mesmos, ora, parecem que mudaram demais. Disseram-me que há bares novos e que, em alguns, acontecem debates potentes, pois são espaços de produção artística e *de-batepapo*. Aliás, falaram-me muitas coisas. Meus amigos, *amigos-rede*²⁰, *rede-de-amigos*, cujos olhares e passos expressam a multiplicidade da vida, espalham novidades, vêm contar notícias. Alguns desses amigos eu fiz no Centro, no meio da minha jornada de iniciação artística; outros são da universidade-local mais habitada por mim em números de anos do que o Centro e que fazem parte da minha formação.

“Aposto que aquele pessoal ali é tudo povo da Ufes”. “Aquele grupinho alternativo ali é aqui do Centro”. Quantas vezes essas falas eram lançadas quando estava em algum evento de cunho cultural no Centro, entre amigos que iam ao centro de Vitória, mas que não necessariamente o habitavam. O que seria esse “alternativo do centro” ou “povo da Ufes”? O que faz alguém criar significantes como esse:

²⁰ O médico Ricardo Teixeira (2004) pesquisa o que ele chama de “potência de ação coletiva”, em que atores, dependendo da potência de suas interações, constroem e materializam ideias que se corporificam na qualidade das relações e troca de conhecimentos. Defende então uma dinâmica visceral dos encontros entre sujeitos.

gentedaufesdocentro?

Muitos dos meus amigos – *gentedaufesdocentro* – e outros que não estão lá só de passagem, me falam de espaços desvendados, de eventos na cidade promovidos por atores e lugares, os quais não se ouve falar nas mídias. Esses locais abrem múltiplas possibilidades de ações e conversas, que arejam os ares não só do calor da cidade, mas do corpo, das cabeças quentes depois de um dia cheio de trabalho. Os *amigos-rede*, como caules de um rizoma²¹, fazem as notícias correrem. Ao ouvi-los, percebo que deixei passar tanta coisa... Onde eu estava que não vi? Por onde essas notícias estavam circulando? Estavam?

Centro da capital. Revisitar esse espaço, nesta escrita, é reencontrar com a memória de forma a desenvolver uma relação de deslocamento do passado, ainda presente. Memória como duração, como momento que está sendo vivido, não passou. Memória como um curso de um rio, fluindo sempre. O que passou não acabou, não está no passado, mas aqui. O passado não se esvai, não é tal qual uma foto desgastada que vai perdendo nitidez com o passar do tempo, perdendo contornos que lhe dão visibilidade.

Habito o Centro com memórias dessa experiência ao longo da vida. Ando, olho, contemplo, me indago: “É possível, hoje, a sobrevivência de espaços de histórias do cotidiano, que caracterizam uma roda de conversa enquanto se toma uma bebida e os relógios não obedecem ao deus *Khronos*²²? É possível inaugurar *espaços-casa*, *espaços-boteco*, *espaços-multicoisas*, cujas portas se abrem para as trocas através de exposições artísticas como obras fílmicas, exposição de arte, danças, leituras de poesia e bate-papos que usam desses dispositivos²³ – de conversa, de encontros, de crítica e autocrítica – que agenciadores governamentais buscam sequestrar? Podem esses *loci* não subordinados a academicismos *reexistirem* aos interesses das

²¹ Para Deleuze e Guattari (2000), que pegam emprestado o termo da botânica e o trazem para a filosofia, rizoma é uma raiz, mas não aquela raiz-padrão que aprendemos nos livros da escola. Trata-se de uma raiz que tem um crescimento diferenciado, polimorfo, cresce horizontalmente, e não tem uma direção clara e definida (DELEUZE; GUATTARI, 2000).

²² Já grafado Cronos e será tratado aqui como o tempo mensurado, com dias, meses e anos. É finito, metódico, controlado. É o tempo linear, que cobramos aos outros e do qual dizemos que “tempo é dinheiro”. É o tempo do calendário, o tempo do relógio.

²³ Mas o que é um dispositivo? É uma espécie de novelo ou meada, um conjunto multilinear. É composto por linhas de naturezas diferentes e essas linhas do dispositivo não abarcam nem delimitam sistemas homogêneos por sua própria conta (o objeto, o sujeito, a linguagem), mas seguem direções diferentes, formam processos sempre em desequilíbrio e essas linhas tanto se aproximam, como se afastam umas das outras.

corporações governamentais e midiáticas que, em geral, seguem seus formatos? Quais formas essas vias no Centro vão se articulando de maneira a descortinarem o que vai a contrapelo de um certo imaginário acerca do Centro de Vitória?

Podocrê. “O centro está abandonado!!”

“Tem muita coisa legal rolando no Centro”.

“O centro não está abandonado”.

“Cuidado. Sempre foi muito perigoso”.

“Aquele bar na rua... é de pagodeiro, né”?

“O bar da... é o que há”.

“Vou pouquíssssimo ao Centro”.

“Ah, que pena que a programação Cultural será no Centro, não gosto de ir de carro para lá à noite”.

“Ué?! Tem esse lugar assim lá”?

“Fui a um bar no Centro, pequenininho, com uns músicos tocando *jazz* e MPB e tinha uma exposição de quadros de uma amiga e outras artistas. Depois ela falou um pouco para o público”.

“Que legal. Onde é isso? É no Centro? Me chama quando você for”.

“Ah, sabia que eram moradores do Centro. Esse pessoal *podocrê* é tudo do Centro”.

“Poxa, você cantou e nem chamou a gente!! Você não sabe que você é nosso *Caderno Dois*²⁴?”

“Obrigada por ter me convidado. Achei que o evento seria chato”.

Nossa! Como o Centro adquire tantos sentidos e, dependendo do interlocutor, que por vezes só repete o que ouviu – “galera alternativa do centro...”, – tem espaços tachados e *status* delimitados e impostos sobre ele produzidos por outras vozes que querem fragilizar sua força formativa. Alguns espaços no Centro são a extensão de suas casas e espaços vêm imbuídos de características das casas, o que pode fortalecer, fazer emergir e circular relações afetivas nos lugares e nos encontros de

²⁴ “Caderno Dois” é o nome dado a uma sessão de entretenimento de um dos jornais do estado.

corpos. Para alguns sujeitos, o Centro parece ser o último canto da cidade onde se localiza a Rodoviária. Para outros, lugar central, alegre e potente de encontros e produções de projetos, programas, perguntas, proposições.

Nos Corredores. “Como assim o Centro não tem nada”?

“Você nunca ouviu falar dessa Casa”?

“Não”.

A casa era aberta uma vez por mês para um projeto que envolvia gastronomia música, teatro, dança, *performances* e moda. Um lugar no qual ela, a dona, acolhe as pessoas, recebe a comunidade e, mais do que isso, atrai gente de todo canto do estado e até de fora dele.

“Sério? Que massa! Pô, quero ir lá”.

O que leva um morador a abrir seus portões e portas para quem quiser entrar e habitar seu espaço domiciliar? O que pode um *espaçocasa* aberto, com atividades diversas que vão desde exposição de artes e lançamento de livros até massagem, meditação, ioga, oficina de desenho, de pintura, de estamperia, além de feiras?

A atuação de alguns atores que fazem circular acontecimentos, eventos e movimento dos movimentos nas ruas e locais “sem portas” no Centro possibilita a passagem de fios geradores de redes. Essas redes, por sua vez, abarcam relações afetivas, consolidando e criando os laços de vizinhança e sentimento de pertencimento não só nos habitantes desses espaços, como nos que veem o centro de longe.

“Menina, semana passada, aquela minha tia de Serra, por exemplo, a gente fez uma oficina de ‘pães’. E ela me disse um negócio bem legal, e que durante o processo de fazer o pão, a instrutora ia falando de economia criativa, economia solidária, de como a gente pode se reinventar e tals”.

“Essa rua não conheço ou não passei pela casa ou pela rua...”

Enfim, como é crucial um espaço como esse, com “as pessoas fazendo pão, mas que não estavam ali só pelo pão, entende?” Minha tia me ligou contando, toda animada!

É inimaginável pensar quanta potência formativa há naquele espaço. E, ele não

é um, ele é um entre outros. Está escrito: “**Nem só de pão viverá o homem [...]**”.²⁵

Ando sem pressa, caminho e me sinto em casa na cidade. O Centro na minha adolescência era o centro das atenções para fazer compras, para diversão, para encontros políticos, passeatas estudantis. Enquanto ando, rememoro. Também, tento compreender os processos que transformam espaços como teatros e galerias de arte em casas abandonadas. Muitos monumentos foram esquecidos e as praças, sujas, desabitadas. Por outro lado, outros imóveis foram revitalizados.

Andar sem relógio é raro hoje em dia. Eu aboli o meu, melhor, só uso o do celular, mas como dá trabalho para pegá-lo na pequena bolsa que carrego, quase não consulto. Busco fazer um percurso solto, quero empreender a cidade. Um corpo-pesquisa, observadora que sente e até cheira a cidade. Falando em cheiro, tenho fome. É noite, quem sabe encontre asilo no carrinho de churrasquinho.

“Com ou sem farinha?”

“Com, por favor.”

O movimento da manhã em ruas, talvez ‘mais centrais do Centro’, me parece maior, em especial um pouco depois das 7h da noite.

“Oi, querida! Tudo bom? Sente aqui com a gente”.

“Ei, bom te ver! Deixa eu te apresentar o pessoal... Vai comer ou beber o quê?”

“Na verdade, nada ainda. Depois eu penso”.

Sentar em uma mesa de bar no Centro, junto a tantas outras mesas e sujeitos, é quase estar em uma grande mesa de muitos lugares (Figura 7). O Centro de Vitória é bem propício para a mobilização de ideias-projetos e o espaço agrega pessoas em torno de dispositivo-música, dispositivo-poesia-de-rua, dispositivo-dança, gastronomia (churrasquinho, fritas, pipoca), dispositivo-história, dispositivo-papos, dispositivo-colegas. Como um mosaico inacabado, multicolor, de peças de tamanhos diversos e cujos cacos contam várias histórias, tudo vai compondo para uma Formação de nós mesmos, do outro e do mundo.

No poste.

“Ué, você sabe se aquela peça ali já rolou?”

²⁵ Versículo bíblico: Livro de Mateus, 4-4.

“Então, já. Mas ouvi dizer que vão repetir. Aquele cartaz do poste ali é velho. Depois, o pessoal da organização coloca outro”.

“Posso dar uma olhada nesses livros?”

“Lógico”.

“Você não quer mesmo cerveja? Tá dirigindo?”

“Não, não; eu tô sem carro”.

“Esses dois aqui são de autores capixabas, certo?”

“Onde comprou?”

“Ali. Mais pra cima, depois do poste coloridinho. Na editora que funciona como um espaço de cervejaria!”

“Caramba, minha amiga! Você está há menos de seis anos em Vitória, não mora no Centro e sabe mais do que eu. “Vamos marcar para ir lá um dia.”

Figura 7: Centro de Vitória, um bar



Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA (2021)

Se você não conhece, por que fala que não gosta? “Cara, se você não houve música erudita, ópera, saiba que no estado temos ótimos profissionais.”

“Tá bom, se for chato eu não vou mais não. Vou ligar para Dudu. A Pri vai?”

“Sim, chamei a galera toda”.

O teatro e os teatros do Centro ainda parecem muito distantes das pessoas.

“Vocês vieram! Que legal!”

“Gente! Foi lindo!”

“Que massa! Vamos tirar uma foto?”

“Eu tirei fotos suas e da apresentação. Depois te passo”.

“Depois pega um daqueles caderninhos para mim? Quando a gente chegou já tinha acabado”.

“Ah, o Libreto?”²⁶

Boemia e criatividade. “Agora, a gente vai comer onde?”

“Seu carro está onde? Eni, vai comigo”.

Atravessar as portas de um teatro, de uma galeria de arte e depois sentar em um bar a céu aberto pode nos propiciar um entendimento de mundo mais amplo. Os afetos vindos desses encontros são um meio de comunicação potente e nos dão subsídios para compreender a vida de outras formas; nos proporcionam aumento de potência, movimentam saberes, degustam sabores de cardápios que nunca nos foram apresentados, mas também não estavam escondidos.

Como esses arredores me intrigam!! Como me cativam! Contemplar a cidade em um circular investigativo implica pensar os fenômenos que a envolvem e a constituem. Experiências urbanas, sob certos modos, podem se revelar como fonte importante de produção de conhecimento e de subjetividades: as cidades e os corpos que se forjam nas relações entre eles.

O bicho-preguiça. É difícil passar naquele parque e não rememorar as descobertas proporcionadas por ele. O Centro de Vitória de 45 anos atrás tinha uma temporalidade diferente. Os espaços da ordem, da circulação, do trânsito e das pessoas sentadas no banco da praça-parque na qual se localizava a escola primária em que estudei aos cinco anos. Foi lá que conheci a existência dos retratistas-lambe-lambe; as famílias tinham que entrar em uma fila para esperar sua vez de tirar fotos, digo, retratos. E, logo depois, mais alguns minutos para sua revelação e colocação em um pequeno binóculo. A área do parque abrigava a escola, que abrigava os

²⁶ Um *libreto* (italiano para "livreto") é o texto usado ou destinado a uma obra musical extensa, como uma ópera, opereta, oratório, cantata ou musical. O termo *libreto* também é algumas vezes usado para se referir ao texto das principais obras litúrgicas, como a missa, o réquiem e a cantata sagrada, ou o enredo de um balé. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Libreto>>. Acesso em: 19 set. 2021.

animais; dentre eles, um que me dava pavor: a preguiça. Aliás, o parque, o algodão doce, famílias, a preguiça-ócio, o ócio, o balanço, palhaços pernas-de-pau e o bicho-preguiça²⁷, vadiagem e o churrasquinho se entendiam muito bem. Ao menos pela manhã. À noite, há ainda bastante movimento, mas com menos atores.

Estava com cinco para seis anos e aquele espaço era o primeiro que conheci fora do meu bairro. Ir ao Centro para se divertir parecia ser muito mais um hábito da população periférica, que, habitualmente, não frequentava as chamadas áreas nobres da cidade.

O Centro dá muitas voltas. Minha *estrangeirança* se intensifica. Alguns amigos, em nossas conversas, deixaram escapar (a informação, ela “escapa” como algo que emerge nas falas) informações de lugares que acabaram de conhecer e/ou haviam passado a frequentar. Ainda, citavam outros que amigos haviam conhecido e alguns indicados por amigos dos amigos e...

Peguei um fio da meada. Senti-me convocada a conhecê-los. Mas, por que poucas informações circulam sobre esses espaços? Por que não aparecem na internet, na TV, nos programas locais que falam de entretenimento na cidade? A quem interessaria saber o que acontece lá? Disseram que são lugares interessantes de produção cultural e debates políticos. Processos formativos em curso! Como estão sendo tecidos em meio às forças capitalísticas que buscam modelizar a cidade, a vida? Como se efetivam os enfrentamentos às ações do biopoder²⁸? O que podem espaços-coletivos de resistência, calçadões que dividem espaço entre artistas de rua e os *debatedoresdepapo* e esquinas fazer reverberar em meio à cidade?

Hoje. Trago no corpo um desejo de encontrar espaços informais, não acadêmicos, não escolarizados. Falar e escrever do que fazem circular. Centros no Centro que se constituíram de uma vontade de sujeitos moradores e outros *corpos-redes* do Centro que, como eu, decidiram se estrangeirar por aí, até se perderem – para se acharem e acharem outros sujeitos achados e perdidos. Possibilidades outras

²⁷ Os bichos-preguiças são animais em extinção e têm como características longas garras; aliás, garras que os auxiliam a viverem pendurados na vegetação, geralmente em copas de árvores, alimentando-se de folhas, frutos e brotos. Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/animais/bicho-preguica.htm>>. Acesso em: 26 maio 2021.

²⁸ Foucault discutia Biopoder como a captura do caráter vital dos seres humanos; estratégias de intervenção na existência coletiva em nome da vida e da saúde e modos de subjetivação, nos quais os indivíduos atuam sobre si próprios em nome da vida ou da saúde individual ou coletiva (DELEUZE, 1988).

de habitar a cidade como mais uma linha importante de produção subjetiva; processos de formação por meios de expressões artísticas; atores multiplicadores de experiências e ideias em ruptura com o que é hegemônico nos modos de fazer a vida andar hoje.

Meu corpo segue leve desejando encontros com sujeitos e locais que podem se fazer intercessores²⁹ nesse desafio de produzir estratégias outras de (re)existência. O estrangeirar-se se impõe como direção ética, caminhar, partir daqui e dali, sem prescrições rígidas e imobilizadoras.

Três vezes 15. De volta. Eu, dos cinco aos 15, dos 30 aos 45. Lembro que eu sempre me pegava olhando para os prédios antigos do Centro quando criança. Na adolescência, seus teatros e cinemas; Ah! E padarias (época que se comprava um pedaço de bolo com recheio). O Centro comporta espaços-memória importantes, que contam um pouco da nossa história e que, vez ou outra, abrigavam eventos para a comunidade capixaba.

“Você conhece aquele museu que fica perto do parque Moscoso?”

“Tem museu no Parque Moscoso?”³⁰ (ver Figuras 8 e 9)

“Sim. E, inclusive, meu irmão faz aulas de canto lá e passou a fazer parte do coral da instituição e, agora, quer seguir carreira”.

“Ah, tá. Acho que sei onde é esse prédio, mas nunca entrei não”.

Hoje, é curioso o fato de inúmeros cidadãos que moram nesta capital desconhecem a existência e potência das esquinas e ruas, projetos em grandes e antigos casarões em um ambiente no qual eles próprios pisam, olham, mas não veem.

“Sabe, quando eu vou lá no evento, eu me sinto representado como homem preto *gay*”.

“Eu não fui lá não, mas vi fotos. Na verdade, me explica melhor. Não entendi bem a proposta do evento, festa. E é sempre no mesmo local, no Centro?”

²⁹ Quando me refiro a **intercessores**, me reporto a Deleuze. A arte, para Deleuze, é uma importante intercessora, provocando movimentos para pensar o meio, os discursos sociais. Uma arte imanente à vida, que não possui compromissos com o belo e o feio, com métodos e técnicas; uma arte que promove encontros sensíveis e potencializa vida.

³⁰ O Museu Capixaba do Negro (Mucane) é localizado no centro de Vitória. É um espaço de resistência e de produção artística e, também, considerado símbolo da negritude.

“Ah, tem muita música, muito *funk*, muita gente feliz, bonita. O evento é feito de forma colaborativa, né?!”

“E acontece toda semana?”

“Uma vez por mês. Assim, é um evento para gente preta, mas é claro que é aberto. E vem gente de tudo quanto é lugar da cidade. É muito legal. A gente encontra ‘cazamiga’”.

Na andança, os espaços de convivência na cidade vão se tornando invisíveis.

“Eu já fui chamado para fazer um curta-metragem com um pessoa de lá!”

“Que massa!”

“Estão editando assim. Quando sair o lançamento, eu te aviso”.

“Adorei saber. Tem algo a mais junto a música? Tem apresentação de dança, por exemplo?”

“Claro. O lance é politizado. Algumas vezes, a música para e alguém do movimento pega o microfone e vai falar algo”.

“Movimento? Do movimento Negro?”

“Sobre racismo, feminismo, empoderamento... várias coisas.”

Juntei as fotos e vídeos que vi numa rede, mais a fala do meu colega e não consegui chegar perto da potência do lugar. Evento-festa com entrada e bebida a preços populares, enriquecidos de debates e outras formas de manifestos. Entendi mais ainda quando ele disse: “Eu me sinto representado”.

Figura 8: Parque Moscoso



Fonte: Acervo pessoal



Figura 9: Parque Moscoso



Fonte: Acervo pessoal

No Centro, a cada passo *estrangeirante*, olhos ouviam e ouvidos viam sussurros, sons, conversas, portas abertas com decorações ora intimistas, ora apenas com suas cadeiras e mesas de aço. Coletivos-espacos com seus frequentadores, habitantes ou *estrangeirantes*, que parecem circular, se olharem e interagirem entre si. Aromas, luzes e cores diferentes, diferenciando-se. Como vagalumes, *vagalumes-*

*resistentes*³¹ às forças políticas instituídas.

Lembro que o Centro costumava ter mais espaços para as pessoas sentarem. Percebo que algumas praças têm, nos seus arredores, carros de um lado a outro e calçadas e ruas mais largas para pedestres estão delineadas por paralelepípedos, ou algo que evite a possibilidade do tempo *khronos* ser afetado pelo *kairós*. Quando as pessoas têm mais espaço para paradas, elas podem se conectar de alguma forma. Todavia, o risco de aglomerações ou *sentações*³² aumenta e, com ele, a probabilidade de um espaço passar a existir, caso seja ocupado. E se espaços passam a existir, eles dão passagem para a formação de redes de afeto. Esse tipo de organização atual da cidade nos parece bem violento. Lugares de passagem de pedestres violentados pelo concreto, numa certa tentativa de colocar “ordem”.

Parada. Avenida Jerônimo Monteiro, quase um portal de entrada para o Centro e para a parte da área chamada Centro Histórico da capital. Curioso, quem passa por essa avenida, não imagina o que possa estar acontecendo no centro, seja na chamada cidade baixa seja na cidade alta. Um outro ponto comentável é que, ao atentar para as sinalizações dessa avenida, as placas apontam para o Rio de Janeiro, Minas Gerais, norte, sul, mas pouquíssimas direcionam para o Centro Histórico. Quem não conhece as ruas³³ tem que parar para perguntar.

Ouçó ecos. Conheço essa música: “Mas lá vem eles novamente. Eu sei o que vão fazer. Reinstalar o sistema. Pense, fale, compre, beba. Leia, vote, não se esqueça. Use, seja, ouça, diga. Tenha, more, gaste, viva” (PITTY, 2003). É uma música que vem de um sobrado. Ufa! Um pouco de ar, senão eu sufoco³⁴. Um pouco de ar, um pouco de *ar-te*. Isso. Me sinto melhor.

³¹ Georges Didi-Huberman (2011) afirma que “vagalumes” sobrevivem na noite e fogem de “luzes artificiais”. Os vagalumes podem ser as resistências – pessoas, coisas, instituições etc. – que insistem em perdurar no mundo moderno.

³² O uso da palavra “sentação” (de quem se senta) apareceu enquanto escrevia o texto e rememorava os espaços do Centro onde havia mais bancos. Entre um passo ou outro, ontem ou hoje, um corpo que se se senta, cansado ou não, senta, pausa, olha, respira e se arrisca até a escutar seu próprio corpo ou um outro corpo. Com bancos substituídos por peças de cimento para dividir os calçados do Centro, ajudam a não quebrar o pensamento daqueles que são levados a não relaxarem os passos. Vai que eles prestam atenção em algo!!

³³ Em “Rua de Mão única”, Walter Benjamin (1979, p. 51) escreve: “A força de uma estrada do campo é diferente quando caminhamos por ela e quando voltamos sobre ela num avião. Desta forma, a força de um texto sendo lido é diferente de sua força quando copiado. [...] somente quem anda a pé pela estrada conhece a força que ela tem [...]”.

³⁴ A frase no texto foi uma paráfrase de uma fala de Deleuze e Guattari (2015, p. 119): “Um pouco de possível senão eu sufoco”.

Bem que meus amigos falaram. Alguns amigos frequentadores do Centro haviam encontrado movimentos interessantes que estavam ali ocorrendo. Nesses últimos 15 anos, fui pouco ao Centro. Eram idas rápidas, à noite, de carro, a bares acolhedores e bem decorados e eu sempre estava com amigos. Bons petiscos, boa música, menos aglomeração e uma certa tranquilidade. Não vi churrasquinho próximo desses lugares.

O tempo. Faz diferença como o experimentamos. Voltei ao, no e com tempo. Um corpo no tempo, o tempo no corpo, corpo que já possua uma espécie de grafia da cidade vivida em tempos diferentes de uma existência, algo inscrito no corpo e, ao mesmo tempo, configurando o corpo que experimenta.

Então, nesse processo de *estrangeiramentopesquisa*, fui sendo levada pelas indicações da *rede-de-amigos*. A aposta era de que, enquanto seguia errante, era possível se deparar não só com os lugares que foram sugeridos, mas, principalmente, propiciava a emergência de outras linhas que iam se forjando no caminho. Não tenho pressa, mas se eu perder o passo, que não perca o olhar, nem a escuta sensível dos sons que me atravessarem. “Ando devagar porque já tive pressa. E levo esse sorriso, porque já chorei demais. Hoje me sinto mais forte, mais feliz, quem sabe? Só levo a certeza de que muito pouco sei ou nada sei [...]” (SATTER; TEIXEIRA, 1990).

Pesquisa, poema, produção, políticas rimam. Rimam por seu caráter formativo e de reinvenção de si. Rimam pelo compromisso político e por portarem a potência de formações outras, articuladas com práticas em luta.

Formação. *O que pode uma Formação*³⁵? Como já pulverizado em diferentes momentos desta tese, partimos do pressuposto de que Formação não se reduz à sua forma escolarizada, conteudista e informacional. Outrossim, como processo de feitura de nós mesmos, de criação e de transformação, de realidades instituídas que apequenam a vida, os pensamentos, olhares. Formação como processo que pode dar

³⁵ Nosso uso de “O que pode?” ressoa com Espinoza (Ética III, Prop. 2) e suas proposições: “O que pode um corpo?” Espinoza acrescenta uma nova definição do corpo. Ele diz que um corpo se define pela capacidade de afetar e de ser afetado. Essa capacidade é altamente variável, de acordo com a forma como agimos diante desse afeto e como isso é capaz de alterar o grau de nossas potências de agir e de pensar. Acerca disso, nos lembra Deleuze, que um corpo se define pelo conjunto das relações que o compõe ou, dito de outra forma, pelo seu poder de ser afetado (DELEUZE, 2002). A pergunta “O que pode...” potencializa nossa tese nesta pesquisa ao apostarmos na força desses espaços na cidade como promotores de um experimentar, devir, contagiar. Corroboramos com nossa investigação acerca dos espaços da cidade como dispositivos que podem afetar corpos, envolvendo modos de sentir, fazer pensar e agir singulares.

nascimento a novas posturas, perceptos, constituição de modos outros de existência.

A dimensão não escolarizada da formação pode estar tão comprometida com lutas e criação de mundos solidários e coletivos quanto a escolarizada. Não se trata, aqui, de dar maior importância a uma ou a outra, mas dar visibilidade a outros espaços de formação, muitas vezes menosprezados ou não considerados. Os *territórios-centro-da-cidade* também se constituem como espaços formadores relevantes. Encontros e experimentações têm poder de formação, são fontes de aprendizagem, palcos de processos de subjetivação.

Portas. O corpo está atento para portas abertas; adentro e me deparo com conversas *a-fiadas*, debates, rodas de conversa, oficinas etc. Esses movimentos vão tecendo redes e se reconfiguram. Desse modo, no nosso entendimento, operam, também, como “técnicas de reconstituição do laço social”³⁶, muitas vezes abalado. Novamente ouço ecos: “Mas lá vem eles novamente. Eu sei o que vão fazer. Reinstalar o sistema. Pense, fale, compre, beba, leia, vote, não se esqueça. Use, seja, ouça, diga. Tenha, more, gaste, viva” (PITTY, 2003).

“BEM-VINDO À MORTE”. Uau! ao passar em frente a um sobrado localizado em uma parte alta no início do Centro de Vitória, lê-se uma frase pichada no muro da casa: “Bem-vindo à Morte”. Fiquei intrigada com a frase. Se por um lado ela soava findar a vida, por outro, invitava à reconstrução de uma Vida³⁷. A ladeira íngreme abrigava casas de arquitetura mais antiga e uma escola ao final dela. Rua sem saída e, além das casas, havia um velho e decadente motel. Do lado de fora do sobrado, um manequim antigo, sem cabeça, e vestido de roupas antigas – era um espartilho com corpete de seda –, uma Kombi velha e uns panfletos colados: **“Noite cultural, sábado, 19:30. Música, apresentações de dança, sarau. Roda de conversa”**. Ouvi vozes, movimentação intensa. Pessoas começam a chegar. Curiosa, entrei, mas pela porta errada. Me perdi. Me acharam. “Oi, você sobe essa escada, vire à esquerda e

³⁶ O médico Ricardo Teixeira (2004) adota a concepção de rede como algo que se constrói coletivamente e de forma compartilhada. Ela se faz por conexão, contato com quem nos comunicamos para uma tarefa ou uma ação que se dá em relação com outros atores que produzem caminhos. Essa rede vai sendo tecida com movimento, isto é, com o modo como as linhas se conectam, produzindo zonas de contato.

³⁷ Peter Pelbart (2000), dialogando com Agamben, traz a noção de Uma Vida. Vida que luta para não se deixar penetrar pelo poder instituído, o qual se modula no intuito de engoli-la para trabalhar em proveito próprio.

depois...”.

Havia pessoas de vários coletivos que teciam redes: *hippies*, alguns profissionais do grafite pintando as paredes; alguém da área multimídia projetando imagens em uma outra parede do local. Pinturas abstratas ora emolduradas, ora pintadas direto na parede. Cheiro de cachorro-quente e parece que a venda seria revertida para os poucos moradores-habitantes do prédio. Vendiam cerveja e refrigerante, mas era proibido fumar. Bancos de *pallets* coloridos, pneus decorados e um sofá velho para quem quisesse sentar, além de um espaço aberto onde podíamos ter uma boa visão de uma parte da baía de Vitória. E à medida que descubro o lugar, me deparo com conhecidos e amigos de amigos; e eu, em um misto de surpresa e curiosidade, me sentia em outra cidade. Seria(m) a(s) cidade(s) *in-visível (is)*?³⁸ A ação do *estrangeiramento* me auxiliará, de alguma forma, a pensar modos outros de organizar meu corpo e visibilizar este *in-visível* ao qual me refiro.

“Oi! Que bom te ver aqui! Vai apresentar alguma coisa?”

“Tudo bem?! Eu? Apresentar? Não. Na verdade, é a primeira vez que venho aqui”.

“Legal. Você é professora?”

“Eu? Você acha que eu tenho cara de professora?”

“Sei lá. Tem. É seu jeito errrr..o jeito que você fala”.

Apesar de reconhecer alguns rostos, eu não sei quem falou comigo, digo, não conhecia a pessoa que me perguntou se era professora. Porta aberta para quem quisesse entrar, sem convite, parecia tornar todos conectados.

Sou aluna. Queria ter dito à moça que me recepcionou tão sorridente que sou aluna ou aprendiz, viajante. Nessas horas, nem lembro que sou professora. Nem me lembrava que pesquisava, produzia dados para uma tese. Era uma mistura de vários corpos e estava aberta para deixar outros fluírem em meio aos acontecimentos.

“Ei, menina, tudo bem? Chega aqui.”

Eu o conheço de vista, ele nunca lembra do meu nome. Talvez o “menina” seja por isso ou porque ele estava mais interessado em falar comigo, me fazer chegar-se

³⁸ A pergunta tem um pouco da narrativa de Polo, a(s) cidade(s) e seus possíveis travestimentos e busca dos espaços vivíveis e invisibilizados. Um lugar dentro de outro.

a dele.

Eu não era a única sozinha; percebi que havia outros também e pareciam estar à vontade. Não estar em par não seria um problema. A cada enconstada na parede sempre se aproximava alguém. A mistura era calorosa, nem dava tempo para ficar desconfortável ou tímida, os corpos pareciam se atrair. Havia muitos casais também; bem jovens, mais maduros, casais hetero, LGBTQI A+, gente com cara de séria, gente sorridente, pessoas falando alto e sentadas em um espaço improvisado para recebê-las. Havia grupos se abraçando, uma criança ou outra correndo entre as pessoas e cujos pais pareciam estar despreocupados.

Sentei em cima de um poema.

“Oi! Tinha alguém aqui?”

“Não”.

Percebi que poemas estavam espalhados por todos os lugares e a ideia era essa, pegar os textos e lê-los. Muitos dos escritos eram de participantes do evento. Outros, *I don't know*. Uma menina ao meu lado repassava o seu poema com uma outra moça, que parecia uma coreógrafa (Ah, o poema era dela sim, foi possível saber depois que ela apresentou. A coreógrafa trabalhava em uma ONG dando aulas de *street dance* para adolescentes periféricos moradores de áreas de bastante vulnerabilidade). Confesso que fiquei meio chocada com tamanha fluência e força no corpo da menina do poema, ela ensaiava olhando para o céu. Ela me parecia ter uns 15 anos e sua voz era tão firme e forte que pode ter sido ouvida pelos vizinhos do sobrado. Quem convidou a menina? Quem a enxergou e a trouxe de um bairro carente e de intenso movimento de tráfico de drogas para declamar no Centro? Como será que ela voltou para casa? Como será que as suas palavras soariam aos ouvidos de quem estava lá?

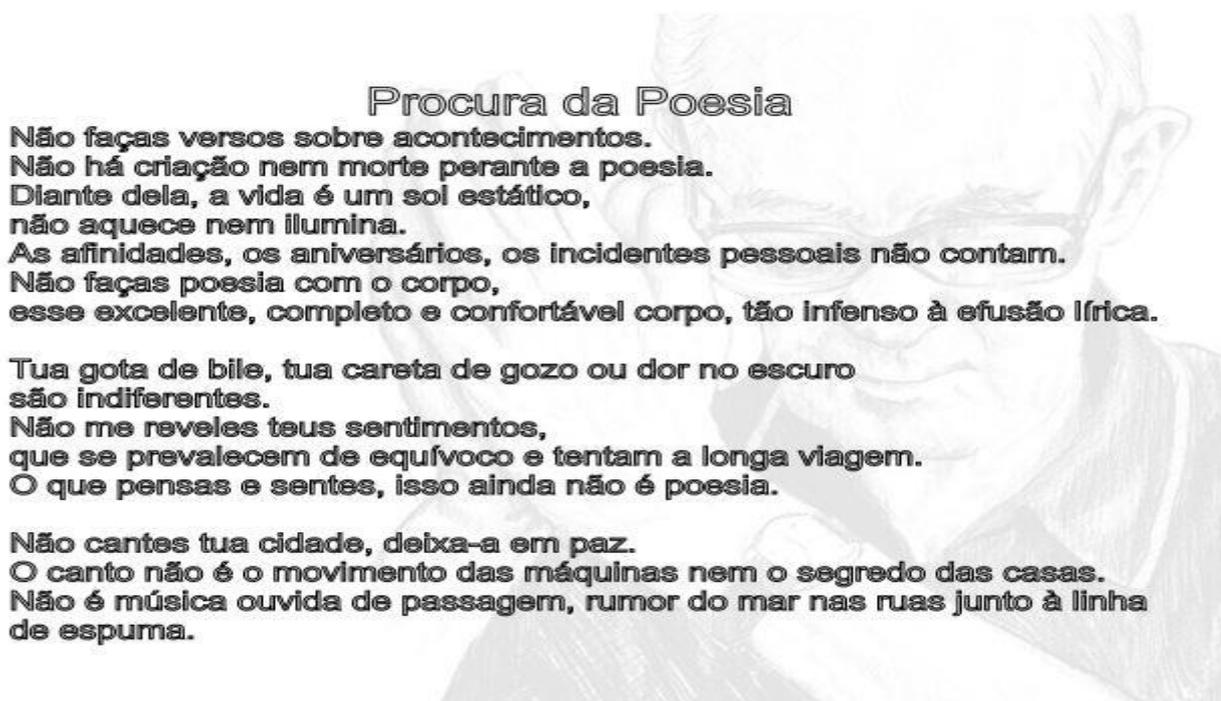
Ao meu lado, à frente, ao centro, se achegavam mais e mais casais, artistas plásticos, *performers*, pares de amigos e gente com cara de “estrangeira”. Parecia que não caberia tanta gente, mas coube.

(P.S.: estrangeiros se reconhecem).

Uma Voz: Procura da poesia, de Carlos Drummond de Andrade (1983), pode ser lida na Figura 10. Algumas pessoas pareciam ensaiar suas apresentações, mas

ao ar livre. Para que coxia? Existia uma organização, mas não era dura ou inflexível. Alguns ensaiavam em um canto, pareciam já estar apresentando seus projetos diversos. Muitas vozes se misturavam à música de fundo, ao cheiro de cachorro-quente, aos “Eis” e “E aís”.

Figura 10: Procura da poesia



Fonte: Acervo pessoal (material distribuído no evento)

O evento, oficialmente, inicia trazendo alguns *performers*. Eram muitos poetas anônimos (muitos com histórico de preconceito por serem negros, ex-moradores de rua, travestis). Muitos dançavam no meio do público, outros dançavam enquanto declamavam seus poemas. Depois, vieram dançarinos de *funk* brasileiro misturando outros ritmos. Ainda, cantores amadores com lindas vozes. Havia uma convidada. Era uma jovem cantora e compositora vinda de Belo Horizonte, que me pareceu conhecida de mais da metade do público. Eu, estrangeira, não a conhecia. **Zoom.** Demorei para perceber que havia um artista visual transformando simultaneamente algumas das apresentações em imagens, e elas, meio distorcidas, eram projetadas no céu do centro ou nas paredes do casarão.

Uma coisa interessante sobre a projeção: como a entrada do sobrado ficava atrás da Avenida Jerônimo Monteiro e a parte de trás dava para a frente da avenida, as projeções ganhavam o céu e os arredores.

O Mestre de Cerimônia arriscava uma piadinha a cada intervalo: “Ei, galera, não pode fumar nada aqui não, hein! – na frente dos outros” (falava essa parte mais baixinho).

A menina, que estava ao meu lado, reaparece no centro, que seria o palco. Aliás, o palco era um grande semicírculo e as apresentações aconteciam no meio dele. Outras poemas, outros jovens. Olha a menina de volta ao centro!!! Ela declama um outro poema que fora coreografado por sua professora de Teatro, uma voluntária de uma Fundação de apoio a adolescentes (foi aí que descobri de onde a adolescente veio). Concentrada e de voz forte, corpo que quase dançava ao som das palavras e entonação da leitura, a sonoridade do poema parecia entrar nos nossos poros. Nós a ouvíamos e os presentes silenciavam. Em seguida, palmas e assovios. O que mais o seu corpo *inscreve*?

“Parabéns, viu?”, sussurrei baixinho, para a moça que a acompanhava, de quem era o poema.

“É dela”. Sem palavras.

Depois, outra pessoa, jovem, declamou outro poema. Em seguida, um casal dançou uma música que, se não me engano, era uma música gospel em passos de balé. Uma das últimas apresentações foi a de dois rapazes fazendo um tipo de “desafio de *funk*”. Eles eram muito bons e o público interagiu bastante.

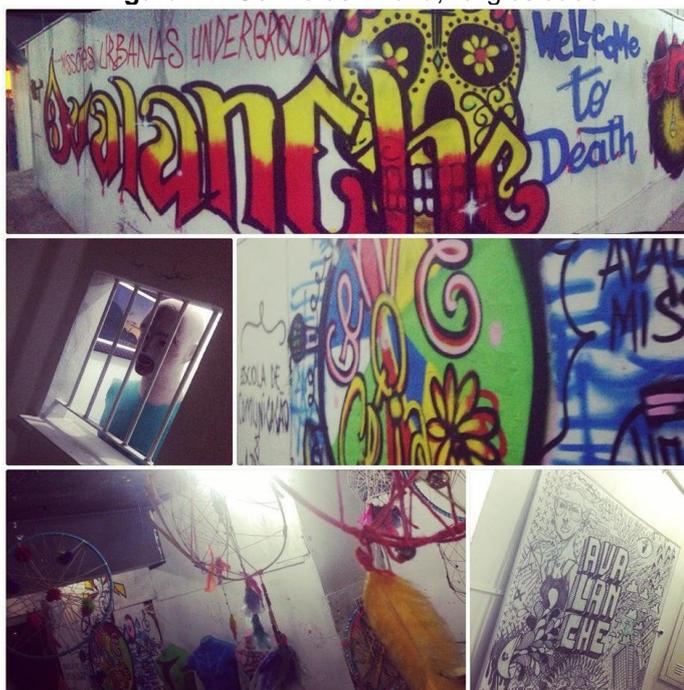
Papo, debate. Depois das muitas palmas, o mestre de cerimônia nos informou acerca dos convidados que comporiam o debate da noite. Eu estava bastante curiosa para o tal *debate-papo*. Os debatedores eram filósofos, teólogos e historiadores que discutiam temas propostos pela organização. Ao final do *debate-papo*, cujo tema era “sociedade, política e religião no contemporâneo”, haveria espaço para perguntas. Hora da discussão. Junto a gritos de conhecidos dos debatedores, ouço: “Manda ver, Brinco! Lindo!!”

Brinco? Outra coisa interessante foi saber que dos cinco participantes teólogos, três tinham tatuagens, *piercings* e alargadores de orelhas e usavam bermudas largas; dois tinham apenas tatuagens e nem todos eram pastores. Os acessórios e

indumentárias pareceram pouco comum nos seus ofícios. Suas igrejas? Históricas tradicionais, situadas no Centro. Nunca iria saber!!! E eu, contempladora, sentada em um dos bancos de *pallet*, bebia da rica discussão trazida pelos participantes e das perguntas do público.

Políticas públicas e Religião. Ao comemorarmos 100 anos da Reforma Protestante, o quanto a religião tem nos ajudado ou atrapalhado como sujeitos políticos? De que forma a igreja ainda age como se estivéssemos na Idade Média? Essas perguntas eram tanto provocações dos debatedores, quanto do público. Debate intenso. Ao final, muitos afirmavam que as políticas construídas pelas igrejas deveriam se preocupar com os excluídos, com os periféricos. A Figura 11 mostra manifestações religiosas no Centro de Vitória.

Figura 11: Centro de Vitória, religiosidade



Fonte: FOURSQUARE (2019)³⁹

Perguntas: “Você acha que esse tipo de debate seria aceito em espaços mais tradicionais?” Indagou um rapaz da plateia.

“Não dependemos de espaços tradicionais para nos dar permissão para trocarmos ideias. Cada um de nós tem que rever nossos papéis como cidadãos e afirmarmos posturas que gerem vida, não aprisionamentos”, disse um dos

³⁹ Disponível em: <<https://pt.foursquare.com/v/avalanche-miss%C3%B5es-urbanas/4cdd8de3c4f6a35d4b2cc46c>>. Acesso em: 25 ago. 2021.

debatedores.

“Professor, como encarar as práxis do Cristianismo hoje?”

“De maneira solidária, lutando de forma generosa, solidária, agindo nas lutas de sua comunidades, a favor de políticas menos fascistas”.

“Quais pautas políticas contemplam as preocupações sociológicas e filosóficas do Cristianismo?”

“Difícil vê-las, mas existem. Infelizmente nos deparamos muito com discursos bastante ‘descolados’ (gíria), mas pouco encarnados.”

Cada resposta, a cada pergunta, é mais uma desconstrução de verdades instituídas. Sujeitos que, a partir de seus papéis sociais e profissões, faziam circular problemáticas e saberes na contramão de muitas formatações instituídas. As pessoas pareciam não querer que aquele debate parasse. As trocas eram muito intensas. Eu me perguntava: “Onde eu estive que não conhecera este lugar antes? E esses caras do debate? De onde saíram e como são vistos em suas comunidades eclesiais? A liberdade de circulação dos corpos naquele espaço parecia deixar quem o habitava muito à vontade para perguntas, interjeições e momentos de silêncio. Todos pareciam conectar seus *quereres* e *fazeres* e, então, intensificar forças. Sujeitos tecendo *redes-quentes* e que, independente de seus estilos – tamanho da tatuagem, alargadores de orelha, maquiagem, cor do cabelo, como se vestiam, suas religiões, gênero, escolaridade ou *status* social –, pareciam estar ali para pensarem juntos, (com)spirarem. Um *evento-encontro* realizado em um sobrado do Centro da cidade cujas portas estavam abertas, em uma rua pouco movimentada. Ali, parecia comportar processos de singularização interessantes⁴⁰.

É crucial pontuar que processos de singularização possibilitam a fuga da produção e da subjetividade capitalística. A conversa sempre voltava para a autocrítica dos próprios autores envolvidos e das instituições por eles representados. Ao final, me aproximei do idealizador do evento e perguntei:

“Quando e onde será o próximo?”

“Daqui a uns três meses. Não sei se será aqui. E você pode ficar à vontade

⁴⁰ Uma singularização existencial diz respeito a um desejo, a um gosto de viver. Reflete uma vontade de construir o mundo em que estamos, com a instauração de ferramentas para mudar os tipos de sociedade e de valores que não são os nossos (GUATTARI; ROLNIK, 1999).

caso queira participar. Nosso tema deve ser sobre a Arte da Rua, os artistas da rua”.

Embragada pelo elixir da noite anterior, tive vontade de aceitar o convite para atuar na segunda edição do evento. Quanta riqueza, quanta provocação em uma noite só! Como não continuar as andanças?!! Momento muito importante de formação⁴¹ e bons encontros⁴² ao estrangeirar naquela noite.

O Fortuna/Velut luna/Statu variabilis... Cheguei atrasada à segunda edição do evento, porém a tempo de ouvir umas das obras mais belas já criadas. “O Fortuna⁴³ (Ópera Carmina Burana). Eu conhecia o espaço. Era um bar cuja rua era deserta e localizado num local que não era bem no Centro, era periférico a ele. Havia um restaurante no primeiro andar e no terceiro, um local para eventos musicais aos finais de semana. Entretanto, naquele dia, era dia do pessoal da rua. Melhor dizendo, dos artistas da rua. Músicos, poetas, artistas plásticos, bailarinos, grafiteiros. Quando acho a porta principal, já me deparo com uma exposição de quadros que retratavam a cidade: fotos tratadas de forma que eu não saberia explicar. O lugar estava cheio e, ao virar o olhar para a minha esquerda, havia uma artista cujo rosto me era familiar e cujos trabalhos que havia trazido para expor e vender eram miniaturas de objetos. Fui falar com ela.

Reconheci algumas pessoas. Isso é muito bom, pois algumas delas eu havia encontrado e conversado em outros eventos. E elas se achegam, se tocam querem saber. “O que você está produzindo?” A rede é quente. O evento teve início. Tentei achar um lugar estratégico para não perder uma nota de “O Fortuna”. Em um palco de um bar, enquanto a peça era tocada, um bailarino lindamente coreografava a obra. Ao ouvir “O Fortuna”, sempre é um prazer indescritível cantar as poucas frases que

⁴¹Virginia Kastrup (2001), em seu artigo “Aprendizagem, Arte e Invenção”, destaca o pensamento de Gilles Deleuze acerca da arte. Para Deleuze (2006) apud Kastrup (2001), a arte não é um foco determinado, mas sim uma fonte de atratividade caótica e a aprendizagem acontece no encontro entre diferenças, de modo que a invenção de si e do mundo seja potencializada. Dessa forma, fica indicada a possibilidade de uma aprendizagem inventiva, tendo a arte, em seus vários polos, um signo catalisador desta possibilidade.

⁴² Destaquei “bom encontro” trazendo a concepção de Espinoza (2008). Num encontro entre corpos, as relações podem se compor e aumentar sua capacidade de agir. Um afeto de alegria acontece quando uma afecção nos leva a uma potência maior de ser e agir no mundo. Espinoza (2008) chama isso de bons-encontros, ampliando a nossa capacidade de afetar e ser afetado.

⁴³ Carmina Burana é uma cantata cênica composta por Carl Orff em 1935-1936 e estreada em 8 de junho de 1937. O movimento tido como o mais célebre é o coro inicial e final: O Fortuna. A roda da fortuna, eternamente girando, trazendo alternadamente boa e má sortes. É uma parábola da vida humana exposta à constante mudança.

sei de cor: [...] **status malus/ vana salus/ semper dissolubilis**⁴⁴.

Desta vez, o local que escolhi ficar era mais voltado para o palco. A maioria dos presentes estavam próximos ao palco, em mesas onde se podia pedir um petisco e um *drink*. Sentada em uma mesa no segundo andar do bar, olhava para os lados, para baixo, para cima. Havia vários poemas espalhados em cima das mesas, nas paredes e no chão.

Peguei um poema. Vi que cada mesa tinha um e que não eram necessariamente iguais. Já que se tratava de um evento que faria fluir as produções de alguns artistas das ruas, alguns daqueles poemas eram locais. Alguns nomes de poetas eram conhecidos. Outros não. Ao meu lado, havia um grupo de adolescentes entre 16 e 18 anos que liam poemas um para o outro. Eis que o evento traz a sua primeira exibição: um bailarino, apresentando seu solo. Que forças o levaram a investir em uma área tão pouco visibilizada quanto o balé? O que é ver o mundo pelas lentes da dança e usar seu próprio corpo, literalmente, para fazer circular a problematização da arte, da rua?

Após a apresentação do bailarino, logo vem a parte de leitura de poemas. Importante dizer que a plateia foi desafiada a ler um dos poemas espalhados ou, se tivessem um, que fossem compartilhá-lo com os outros. E eis que alguém se levanta.

“Muito bom! Qual é seu nome? E o que você escolheu para apresentar?” Que vontade de ir também e arrisco a dizer que outros sentiram vontade de fazer o mesmo. Minutos depois, mais um voluntário.

“Aê!!” Eu, na verdade, eu não vou ler uma poema, eu vou ler uma música que eu compus.”

“AêeÊ, Rod!”

Vibrava o público. Eu conhecia o Rod e um pouco de sua história. Preto, um paulista de família pobre, estilo de vida cigano (tinha uns 30 anos e saiu de casa jovem com a namorada, uma mulher branca, com quem se casou, rodando vários estados até chegar em Vitória). Para quem o conhecia mais de perto, sabia que ele, como muitos negros, sofria preconceito de várias formas: “Ai!! como é que a mulher dele aguenta aquele cabelo?” Eu já ouvi essa frase sobre ele. Rod havia escolhido a arte

⁴⁴ Tradução da parte em destaque “és má/ vã é a felicidade/sempe dissolúvel [...]”.

e a teologia como modo de vida. Tocava vários instrumentos, compunha, escrevia poemas e acabou se identificando com a área de Teologia. Bolsista de uma faculdade particular, comprou um Fusquinha (que tinha um nome engraçado) com o dinheiro do estágio. O estágio? Coordenador do grupo de jovens de uma igreja de um bairro nobre de Vitória. Corpo preto, pobre, em uma instituição religiosa de maioria negra, morador de periferia. Ele sabia que causava um certo incômodo. Era de espírito livre, sem muita burocracia, e seu cabelo *blackpower* e suas camisas floridas causavam susurros em alguns grupinhos quando ele passava.

E segue o bonde. Naquela noite, havia duas bandas. Ambas tocavam músicas autorais e alguns *hits* dos anos 80. Gostei. Me chamou a atenção que uma das canções tinha algo ligado à sacralidade da arte. Deus, arte... Entendi, o tema a ser debatido naquela noite era exatamente este: O quão profana ou sagrada era a arte? Por que a arte de rua também não seria sagrada? O que se entendia por sagrado hoje?

“Por que um quadro de um pintor que expunha uma parte das nádegas de Jesus Cristo seria profano para muitos?”, pergunta um debatedor, como quem provoca os presentes. Pois é, o que pode um encontro repleto de perguntas? Me lembro que, dos três debatedores, um era filósofo e o outro, teólogo. Muita riqueza para pouco tempo. Ah, o tempo...

Você quer ir? Pela manhã, recebo uma mensagem de um amigo. Era um convite para um evento no Centro de Vitória. Bem no Centro, novamente. Algo que envolvia cultura e criação. Pensei? “É, irei. Há mais entre o céu e o Centro do que imagina a minha vã filosofia”⁴⁵. Sigo eu; na verdade, eu parto. Eu não sabia onde se daria o evento. Eu recebi um *folder*, o qual listava os locais e a programação, mas eu não me lembrava de nenhum dos lugares citados. Apenas desconfiei conhecer o local do prédio onde poderia ser a abertura do evento. Confesso que não havia entendido o que aconteceria ou do que se tratava, de fato. Fui experienciar.

Deixo-me levar. Chego em um dos prédios que hospedaria a abertura do evento. Era um antigo edifício do governo e acho que ainda é. Sigo suspeitos, pessoas que pareciam ir para o mesmo lugar. Eu estava certa. Entro no elevador. Cheguei no

⁴⁵ Parafrazeando Hamlet de William Shakespeare (2010): “Há mais coisas entre o céu e a terra do que pode imaginar nossa vã filosofia” / “There is nothing either good or bad, but thinking makes it so”, e, é claro, “To be or not to be, that is the question”.

andar de abertura.

“Oi, tudo bem?”

“Oi. Por favor. Eu vim para a ...”

“É sim, é no final do corredor”.

Ao adentrar a antessala, me deparo com um colega. Era Rô, professor e gestor de uma escola pública em um dos Institutos Federais do estado. É sociólogo, jovem, fazia seu mestrado em Políticas Públicas na época.

“Então, quando eu soube do evento, eu quis participar pra ouvir o que *tava* rolando de ideias em outros setores e vim apresentar a minha proposta de inovação no *campus* onde trabalho. Mesmo sendo gestor de uma instituição pública, tenho certeza que vai rolar muita coisa legal. Eu tô treinando o pessoal e tal para ver se meu projeto é implantado. Galera do meu departamento meio resistente...”

Entramos na sala. Semicírculo. Sala pequena para muita gente. Jovens empreendedores em sua maioria. Alguns já com seus negócios, outros com ideias a serem implantadas. Havia servidores estaduais da área de cultura, professores universitários e pesquisadores, como eu. Notava-se algo em comum, ouvir. Ouvir e falar. Trocar ideias, descrever cada projeto, o porquê deles serem de impacto social. Cada participante teve a chance de falar.

Na sala, muita gente de áreas diferentes. Sentei em um canto e ouvia as conversas, os sussurros. Havia grupos de amigos curiosos, jovens empreendedores na área da arte, moda, culinária, mídias, tecnologia e educação. Mudo de lugar. Sento-me mais à frente e tento entender as coordenadas: “Arte, Inovação e Criatividade”. Quanta gente debatendo inovação na cidade, sustentabilidade e arte nos negócios! Aprendizagem nas perguntas, nas respostas, nas trocas. Via-se que, a cada apresentação de um dos participantes, os olhos de outros brilhavam.

“Nossa! Ei, me passa seu contato, por favor?”

Encontro-formação-rede. Esse tema insistia. Não resisto, interajo e participo das dinâmicas. Algumas atividades que estavam ligadas a um projeto de pesquisa, negócios ou afins, poderiam se conectar?

A outra tarefa, em grupo (todas as atividades eram em grupo) foi relativa a processos de criação, no sentido de pensar “como nasce uma ideia”. Não haviam

fórmulas, não. Os facilitadores, que eram professores, gestores culturais, gente da área de comunicação, teatro e *marketing*, formularam o ajunte de dinâmicas baseados em autores que eles tinham como parâmetro.

Findas as atividades, eu comecei a entender melhor o *modus operandi* do evento e isso faz parte do estranheirar-se. Quando aceitei ir ao evento, me ative às palavras-chave aos ouvidos: criação, inovação, cultura, Centro. Fomos informados que, após aquela primeira parte, que se deu por toda a manhã, estaríamos livres para o almoço. Havia restaurantes de uma rua específica, próxima à chamada “cidade alta” (a parte mais enladeiraada do Centro de Vitória e onde também ficava grande parcela do centro histórico da cidade), que estariam esperando os participantes, já que parcerias foram feitas e se tratava de um dia de feriado. Eu, só, só observando os movimentos, acabei sendo convidada a seguir um grupo que, pelo que vi, se tornou amigo naquela manhã. E lá fomos nos conhecendo no caminho.

Logo as oficinas continuariam espalhadas pela cidade. Soube que havia outras oficinas acontecendo e debates sobre a cidade, arquitetura e artesanato.

“Onde?”

Onde nunca antes pisei no Centro: *hostels*, bares, *casas-coletivo*, *casas-espaço-de-arte-estúdio*, na rua. As ruas e ruelas do Centro respirando intensamente. Gente se procurando, gente se encontrando, casas abertas, cadeiras de boteco na calçada.

“Gente, onde é este prédio onde ocorrerá o *debate-papo* sobre cidade e história?”, pergunto eu a uma colega que cruza meu caminho na cidade alta.

“Ali, continue nessa rua e vire a esquina”.

“Qual rua?”

“Mas, ué!” Exclama minha amiga carioca que havia mudado de estado há menos de dois anos: “você nunca foi lá?”. Sorri, meio sem graça.

“Não”.

“É um casarão de cor rosa. O nome é”. Casa cujo nome me remetia a teatro.

Segui pistas. Achei o sobrado, sem querer. Era grande por dentro. Uma das últimas oficinas aconteceria lá. Tinha três andares e várias portas. Uma moça parecia

conhecer muito bem o lugar.

“Oi, tudo bem? Você pode me explicar como funciona aqui?”

“Claro. Durante o dia a gente aluga para algumas pessoas que não têm onde efetuar seu negócio, tipo estamperia, artesanato. Também oferecemos oficina para atores e, de vez em quando, algumas bandas ou artistas locais vêm aqui para gravar *clips*. No final de semana, aquela parte ali de cima vira bar e tem apresentações de sarau, música. Quando dá, a gente debate filmes ou é ponto de encontro mesmo”.

Caramba! A sensação única de se estranheirar é difícil de descrever. Ora é leveza, liberdade e sentimento de satisfação da descoberta, ou seria da invenção? Também diria que é um pouco de se achar *abobalhada*. Lançar um olhar, seja para onde nunca se olhou, seja para um local mesmo que já existente, mas que, ao mesmo tempo, era recém-nascido. Coemergem a estrangeira e um espaço vivo de criação.

Nessa última passada pela tal casa cujo nome me remetia a teatro, a proposta era trabalhar a criação por meio de alguns dispositivos. Os coordenadores eram alunos de um curso de teatro e comunicação de uma instituição da Cidade.

“Gente! É para fazer um círculo!”

Sento-me perto de um casal de irmãos que conheci em outra oficina. Pela conversa que travamos, não entendi bem o que faziam naquela oficina em especial. Mas eles queriam estar lá.

“Será que a gente vai ter que ir no meio da roda?”

“Ai, não sei. Mas não gosto muito da ideia”.

“Eu também não estou muito confortável, mas, se eu vim, agora é deixar rolar”.

“Sabe”, disse o rapaz como se fosse me confidenciar algo [...]. “Eu sou muito tímido. Às vezes me sinto até invisível aos outros”.

Casa comigo? Pois é. O papo continuou e a oficina se inicia. Eram muitos disparadores para trabalhar o ato ou a arte do improviso. Além disso, dependendo da atividade proposta, um item (como peça de roupa, maquiagem, objeto) deveria ser usado nas falas dos participantes. Destaco, aqui, alguns aspectos que não me pareciam óbvios, produziam espanto ou inquietação. Quando pensávamos que escaparíamos da atividade, a timidez nos tomava com força naquele momento,

tímidos de plantão, mas... “Você e você”. Era comigo!!!!

Recebi uma aliança e um véu para os cabelos. Meu amigo, um molho de chaves. A ideia era improvisar uma situação onde tivesse um problema a ser resolvido e uma solução para a questão. Diante do problema proposto e dos objetos (um véu e uma aliança), além da fala sensível que ele havia compartilhado comigo, topei a improvisação:

“Casa comigo? Já tenho tudo, aliança e vestido. Foi amor à primeira vista”.

Ufa!!! Sem mais comentários.

Alguns dos encontros foram registrados e podem ser vistos nas Figuras 12, 13 e 14.

Figura 12: Centro de Vitória, encontros



Fonte: Acervo pessoal

Figura 13: Centro de Vitória, mais encontros



Fonte: Acervo pessoal

Enquanto me encaminhava para uma outra oficina ou para um *debate-papo*, ou uma porta aberta com gente amontoada, podia perceber que redes eram formadas e que eram *redes-quentes*⁴⁶: parecia que todos já se conheciam há tempos. Trocavam ideias, *Whatsapp*, conversavam sobre variadas questões, concordavam-discordavam. Os tensionamentos eram a tônica dos *debate-papos*. O estranheirar-se deu passagem para um mergulho no processo.

⁴⁶ Para Kastrup (2004), a lógica das redes pode ser entendida por “conexões” que, por conseguinte, são como articulações e não podem ser entendidas como fechadas: “é um todo aberto sempre capaz de crescer através de seus nós, por todos os lados, por todas as direções” (KASTRUP, 2004, p. 14). Ademais, para Barros e Passos (2004), as redes podem se configurar em “quentes” e “frias”. As *redes-quentes* conectam: saberes, cooperação, movimento de fluxos e diversidade.

Figura 14: Centro de Vitória, continuando os encontros



Fonte: Acervo pessoal

Reparto.

“Oi, aqui é o Ká. Lembra aquele dia em que conversamos sobre a segunda edição do evento de cultura e política que eu tinha em mente? Então, vai ser mês que vem, no Centro novamente. Você não quer apresentar nada não?”

Cultura e Política. Na verdade, Ká se referia a um evento em que toda a movimentação dialogaria com o tema: a ditadura, ontem e hoje. OK. Lá fui eu em um outro dia de andanças pelo Centro. Na verdade, rodei pouco, pois tudo aconteceria no mesmo *prédio-casarão-bem-vinda-à-morte*.

O local era aquele sobrado que tinha um manequim de caveira na entrada, no corredor, com desenho da morte. Adentro. Me perco novamente. Era curioso como o prédio parecia ter um pequeno labirinto logo na entrada. Fui informada de que haveria uma exposição acerca da ditadura dos anos 70, um debate, uma banda e o restante

seria uma boa surpresa.

No andar em que tudo aconteceria, em uma ampla sala, me deparo com uma exposição de jornais, revistas, discos e capas de discos originais, de artistas cujas diversas produções haviam sido proibidas e censuradas nas décadas de 60 e 70.

Na exposição, havia crianças, adolescentes curiosos, famílias inteiras, casais. Uns olhavam e comentavam sobre as notícias e fotos, fortes fotos, de jornais da época, cujas manchetes ou tinham títulos de duplo sentido ou chamavam a atenção do leitor para mais um “subversivo” que havia sido interceptado pelo DOPS⁴⁷. Enquanto navegava pelos corredores da exposição, além de ser capturada pela História brasileira e, principalmente, pelas histórias que ouvia de pessoas mais velhas narrando suas experiências e saberes para as mais jovens, havia entre os presentes uma troca de informações que se dava como se por contágio. Alguém contava, outro se chegava e conversas surgiam. Quem estava perto de um quadro ou foto podia ouvir e aprender do e com o outro informações, muitas vezes, cheias de barbárie, acerca da época.

“Legal, hein? De onde vieram as fotos e as reportagens de jornais e revistas?”

“São da época”.

“É do acervo dele aí, ó! Ele doou para a exposição. Foi perseguido naquela época”.

As Figuras 15 a 18 revelam o movimento de eventos e atividades culturais que acontecem no Centro de Vitória.

⁴⁷ Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) foi criado em 1924, com o objetivo de prevenir e combater crimes de ordem política e social que colocassem em risco a segurança do Estado. Instituído pela lei n. 2.304, de 30 de dezembro de 1924, o DOPS foi um órgão fundamental a duas ditaduras que vigoraram no Brasil: o Estado Novo e o Regime Militar.

Figura 15: Centro de Vitória, museu



Fonte: Acervo pessoal

Figura 16: Centro de Vitória, *performances*



Fonte: Acervo pessoal

Figura 17: Apresentação de uma banda



Fonte: Acervo pessoal

Figura 18: Exposição do evento: Ditadura nunca mais



Fonte: Acervo pessoal

“**Conhecem o Hostel?**” Alguém pergunta, quase gritando, no meio de um grupo:

“Vem com a gente conhecer o hostel”.

“Hostel?”

“Sim, no primeiro andar do prédio, você desce as escadas ao lado e dará de frente para a Avenida”.

O tal sobrado era literalmente multifacetado. Com o grupo seguimos, saindo dos *fundos-frente* do sobrado, viramos à direita e lá estava o *hostel* de frente para a avenida.

Era um motel aqui. Compramos e estamos restaurando e decorando devagar.

“Mãe, por que tem tanto vidro no teto dos quartos?” (Uma menina pergunta à mãe).

Era um antigo motel que havia fechado as portas há alguns anos e cujo dono era o mesmo do motel da rua de cima, que ficava quase na frente do *casarão-bem-vindo-à-morte*.

“Então, gente, vamos transformá-lo em um *hostel* e, junto a isso, promoveremos atividades culturais. Vou tentar montar um sebo aqui, também. São várias ideias. Estamos só esperando a prefeitura vir para liberar de vez”, diz a gerente-proprietária, que também era dona do sobrado multifacetado. Um velho espaço outrora decadente, fechado, se abriria e ganhava ar, arte e movimentos.

Volto ao evento. Momento da banda, leitura de *poemas-denúncia*. Logo após a banda, ocorreria o debate sobre “ditadura ontem e hoje” e o expositor faria um panorama histórico da época dialogando com as várias formas de ditadura dos nossos tempos.

O bloco na rua. Pronto. A banda de jovens rapazes, que tocara algumas músicas no início do evento, começa um outro momento da apresentação. Tocam canções outrora proibidas na época da ditadura. Algumas canções eram novas para mim, outras não. Me deu um arrepio. Todo mundo cantando junto.

Eu quero é botar meu bloco na rua. Brincar, botar pra gemer. Eu quero é botar meu bloco na rua. Gingar, pra dar e vender. Eu, por mim, queria isso e aquilo, um quilo mais daquilo, um grilo menos disso. É disso que eu preciso ou não é nada disso / Eu quero é todo mundo nesse carnaval (SAMPAIO, 1972).⁴⁸

⁴⁸ Sérgio Morais Sampaio (1947-1994), cantor e compositor e nasceu em Cachoeiro do Itapemirim-ES. Sua referida canção "Eu quero é botar meu bloco na rua" "concorreu no VII FIC [Festival Internacional da Canção] em outubro de 1972. Embora a música não tenha ficado entre as vencedoras, [...] a composição foi o maior sucesso do carnaval do ano seguinte". Disponível em: <<http://dicionariompb.com.br/sergio-sampaio/dados-artisticos>>. Acesso em: 05 maio 2021.

Nossa! Não tem como não cantar. Não tem como não sentir no corpo e com o corpo a batida e a letra da música. Naquela noite, o evento, as apresentações, as conversas (com formato informal, sentados em pneus que se transformaram em bancos), todo aquele som e cenário me fizeram rememorar as histórias que meu pai costumava contar e outras situações que via em filmes. “Eu quero botar meu bloco na rua”. Enfim, parto. Parto novamente. Assim, parto para outra experimentação⁴⁹.

Como? Muro ou parede? Uma galeria de Arte Contemporânea numa casa de bairro? E os moradores? Estava escrito em uma pequena coluna de entretenimento de um jornal local. Depois de procurar por mais informações e achar apenas uma nota na internet, consegui o contato telefônico da dona da casa, uma artista plástica.

“Oi, Bom dia, é que achei seu número numa página da internet (...). Na verdade, errrr, a galeria (...) então, gostaria de saber mais”.

Esse primeiro contato foi bastante tímido. Uma curiosidade me impulsionava: que espaço era aquele, como funcionava, quais seus propósitos. Bem, depois de uma boa conversa e um convite para visitar a casa, dias depois, lá fui eu me estranhar mais uma vez.

Enfim, de rua em rua, de esquina em esquina, de parede *em-parede* chego lá. O bairro, eu conhecia, digo, achava que conhecia. Fui para me perder e me perdi, literalmente. Me lembrei de Mário, o Quintana: “Nada jamais continua. Tudo vai recomeçar!”

Chego. E depois de algum tempo rodando por ruas muito parecidas do bairro. Muitas são de paralelepípedo, o que provoca um andar menos apressado. Me deparo com ele, o muro, a parede, a casa. Achei a galeria, ou a casa ou a *casa-galeria*.

Quando a arte ocupa a rua, pode ajudar a efetivar uma real democratização da experiência estética. Mas é importante pensarmos em não confundir essa possibilidade de intervenção da arte nesses espaços. Enquanto me aproximava da casa ou da parede ou da galeria, muitas memórias se atualizavam; apostava na possibilidade de me deparar com um *espaço-dispositivo* formador de um novo olhar

⁴⁹ Segundo o conceito de experimentação presente no pensamento de Gilles Deleuze escrito em parceria com Félix Guattari (2010), a experimentação é algo que nos permite criações enquanto se faz, se vê. Experimentações resistem a imperativos, hábitos e costumes de dar nomes, ela escapa a tudo isso.

estético, de um novo *ethos*.

Uma *casa-galeria* intenta suscitar atravessamentos nos visitantes de seus espaços e aposta que educar é promover pensamento, no sentido de uma formação ética, estética e política. Ética, pois somos seres que tomamos decisões e temos que administrar nossas relações com o mundo, imprimindo uma direção que tem a força explosiva da vida como direção. Estética, porque falamos de criação, invenção de mundos e de sujeitos e isso envolve experimentações que criam modos outros de viver. Política, por atuarmos em sociedade de modo concreto, por pensarmos e também aprendermos a criar movimentos que podem intervir nos espaços que habitamos e criamos ao habitá-los.

Bato palmas. Ao chegar, procuro a campainha. O muro era grande, mas eu me confundi com a entrada ou a possível entrada. Um dos motivos era que a varandinha, que era aberta, estava fechada e cheia de livros. Sebo. Lia-se. Bati palmas, antes mesmo de bater palmas e, enquanto aguardava, mirava a casa. A casa tinha dois andares. “Da janela lateral do quarto de dormir. Vejo uma igreja, um sinal de glória. Vejo um muro branco e um voo pássaro. Vejo uma grade, um velho sinal [...]” (BRANT; BORGES, 1972).⁵⁰

Abre-se a porta lateral com uma jovem mulher de largo sorriso.

“Menina, que bom que veio. Antes de você entrar, deixa eu te mostrar a galeria de fora para dentro, né? Veja, é interessante como todos os muros das outras casas da rua foram pichados, mas não o nosso”⁵¹.

Fantástico. As andanças pelo Centro me levaram a um bairro ao redor do mesmo. Nem esperava. Aliás, a ideia era essa, esperar nada e tudo. Ir quase despida para que, a cada encontro, eu fosse *re-vestida* e despida novamente. Aquela pequena parada em uma banca de jornal no Centro foi como um fio que me levava a uma parede. Uma *casa-parede*, melhor, uma parede que habitava uma casa, quase sem paredes e nem portas. “Eu ando pelo mundo prestando atenção em cores que eu não sei o nome; Cores de Almodóvar; Cores de Frida Kahlo, cores” (CALCANHOTO,

⁵⁰ Canção “Paisagem da janela”, cantada por Milton Nascimento.

⁵¹ Fala de Ivana Belchior, artista plástica e proprietária da *casa-galeria*. Yvana Belchior possui Licenciatura em Artes Visuais (Ufes) e Bacharelado em Artes Plásticas (Ufes). É artista, produtora, curadora experimental como arte-educadora. Criou em sua residência um espaço experimental de arte contemporânea: Emparede Contemporânea (desde 2012), projeto que apresentou em vários seminários, local, nacional e internacional.

1992).⁵²

Cheguei à parede. *Emparede Arte Contemporânea*. Arte ocupando a rua, efetivando uma democratização da experiência estética, a arte e seu caráter intercessor (Figura 19).

Figura 19: Entrada da galeria, fachada da casa



Fonte: Acervo da galeria

Já no interior da casa, olho, vejo, sinto, ouço. Há um cineclube, uma biblioteca de livros de arte acessível para empréstimos e a “galeria habitada”, que, apesar de se aproximar dos espaços expositivos tradicionais, é carregada de elementos que constituem um lar: moradores, comida à mesa, aromas, fotos de família, afagos e afetos. O dia a dia dessa *casa-galeria* é partilhado com as mostras artísticas realizadas por artistas profissionais, com duração de até 60 dias, e mostras abertas a

⁵² Canção de Adriana Calcanhoto: cantora, intérprete e compositora. A música citada chama-se “Esquadros”, em que se nota uma acentuada referência às artes plásticas e cênicas, como em toda sua obra. A referida canção faz parte do seu segundo álbum: *Senhas*, de 1992. Disponível em: <<https://www.lettras.com.br/biografia/adriana-calcanhoto>>. Acesso em: 05 maio 2021.

vários setores da comunidade, como estudantes, transeuntes etc. Durante os “Intervalos” (nome dado ao período de exposições), com duração de até 30 dias, há também mostras audiovisuais e visitas de moradores e grupos escolares do bairro e de outras *comunidades-visita*, as quais são previamente agendadas para bate-papos e oficinas práticas sobre as obras/artistas em exposição.

“**Onde é que eles dormem?**”, me perguntava. O modo de vida familiar dessa *casa-galeria* geralmente provoca estranhamento no visitante ao se deparar com a *sala de estar-cineclube*: a parede forrada de tecido, o *corredor-galeria* com uma iluminação especial, o teto vermelho da cozinha ou mesmo o laguinho e as caixinhas de abelhas nativas (em extinção) criadas no quintal. A Emparede convoca seu visitante a um movimento de fazer parte, de atualizar a forma na qual habitamos o mundo, a cidade, nossa casa e nós mesmos. O modo como esta *casa-galeria* funciona também convida todos a produzir um lugar. “Mãe, você viu minha mochila?”

Antes de entrar na casa, muitas pessoas passavam na rua. Umas olhavam, mas pareciam ser vizinhos já acostumados ao movimento. Outras, ao passarem, diminuem os passos. Talvez, intrigados pela parede, que dificilmente passa despercebida. O olhar, o corpo do transeunte são convidados a observar e dialogar com ela. Muitas das exposições da Emparede contam com a ajuda de monitores e elas podem se iniciar com os visitantes sentados em um tapete forrado na calçada para, em seguida, serem convidados a entrar na casa. Esse movimento tem produzido mudanças na relação da comunidade local com os artistas em exposição.

“Sabe, cada artista plástico convidado já inicia sua obra via parede?”

“Uau! Que legal!”

Isso possibilita ao artista, através de linguagens diversas, o diálogo com a comunidade, em um espaço não convencional de uma galeria. Aproxima-o de novos públicos. As experiências e encontros de conhecimentos compartilhados com todos os sujeitos envolvidos naquele espaço (de todos) oportunizam aprendizagem e exercício de um fazer inventivo e, cada criação, novos *ethos*.

“**Amanhã tem cinema na rua**”. Cinema na rua. Às quintas ou sextas, a comunidade e todos estavam convidados a uma sessão de cinema. Era trazer sua cadeira ou se ajeitar na calçada, ou no tapete vermelho. Sim, um tapete vermelho também recepcionava os espectadores.

“Vocês têm um calendário? Como são organizadas as visitas?” O calendário anual propõe a realização de até três exposições de artistas profissionais, a partir de convites da artista/curadora proponente e de dois “Intervalos”, que são mostras abertas, em sua maioria, à comunidade e estudantes geralmente de escolas públicas.

“Então, os encontros iniciam na rua e são concluídos no interior da casa. Em continuidade ao fazer do artista em exposição, com a mostra na galeria habitada, há produção de oficinas, em que o visitante tem a oportunidade de colocar a ‘mão na massa’ guiado pela dona da casa. No final, a gente parte para sessões de audiovisual e pipoca”.

“Aliás, vamos almoçar conosco? Sente o cheiro?”

“Nossa! Não poderia recusar”.

Eu não só sentia, como quase via o cheiro. A cozinha da casa ficava aos fundos, ligada a uma grande varanda e também a um quintal. A cozinha tinha um grande balcão como em um bar.

“Ali, onde funciona a nossa cozinha, fica sendo nosso barzinho à noite, quando tem exposição, lançamento de livros e lançamentos de CDs. Bem debaixo da árvore. A gente se espalha, se embola e curte”.

A casa era muito colorida, peças de arte de amigos do casal dono da casa ou da própria *host*.

“Você não repare a bagunça. É que ontem vieram dois grupinhos de um CEMEI⁵³ da cidade. Ah, menina, quando chegam aqui no quintal é a hora deles criarem. Depois que eles passam pela galeria, a gente explica um pouco a exposição, depois eles tentam falar o que entenderam-sentiram”.

“Oi, tudo bem? Meu marido, chegou agora. É professor também. E ajuda a gente às tardes com as visitas das escolas. Está vendo aquelas abelhas ali embaixo? Então, ele é apicultor e quando os meninos chegam no quintal, eles têm um momento de tocar nas abelhas, ouvirem sobre elas. Essa abelha não tem ferrão”.

Que viagem! A *casa-galeria*. Emparede é um espaço experimental de práticas artísticas, curatoriais e pedagógicas que concebe arte como um dispositivo de

⁵³ CMEI é a abreviação para Centros Municipais de Educação Infantil.

formação. Visa provocar pensamento, aproximar relações entre sujeitos e meios, assim como promover a possibilidade de se experimentar o mundo de múltiplas e sempre imprevisíveis formas.

O encontro *transeunte-Emparede* inicia-se na rua. Experiência com o *espaço-parede*, provocação ao olhar, parar o tempo *khronos*, vivenciar *kairós*, encontros inusitados vão se forjando. Visitantes que habitam ruas e calçadas do bairro são convidados a habitar a casa, senti-la, entrar. A Emparede realiza-se na informalidade da rua e no interior da casa. Interface entre arte, rua e casa, possíveis desterritorializações e inquietações, não só naqueles que habitam o bairro, um convidado outro, estudantes de escolas públicas, mas também o artista cuja obra está exposta na galeria. No *entrefora* Emparede, muitas redes se tecem de forma rizomática nesta *casa-galeria* em que (em)paredes não se fecham em si mesmas, mas deixam fluir seus vários saberes, poderes e fazeres.

Aberta a propostas artísticas, lá o artista realiza um diálogo direto com pessoas, que ora são *transeuntes-passantes*, ora são *públicos-espectadores* e tornam-se responsáveis pela integridade do objeto em exposição. Entre as exposições dos artistas profissionais acontecem os “Intervalos” destinados à exposição da comunidade, estudantes, artistas em formação, num incentivo à criação.

Para início de conversa. A cada início de temporada, com a abertura de uma exposição, o artista expositor começa do lado de fora da casa, na Parede, e há uma conversa. Os convidados, os curiosos, os transeuntes, *whoever* são convidados a expor o que veem e sentem no contato com a obra. Não há falas, opiniões certas ou erradas, o que ocorre são afecções.

“Você acredita que, um dia, um amigo meu, militar, convidou alunos dele, da escola Militar, para visitarem a galeria e um dos alunos quase brigou com o expositor? Tudo começa na rua, como já disse, e quando o artista convidado começou sua intervenção, a partir da oração do Pai Nosso, um dos alunos se sentiu ofendido e quase que atrapalha o andamento dos trabalhos?”

“Caramba! E aí?”

“Ah, menina, eu fui para frente e comecei a bater palmas; assim, eu puxei as palmas, entende?!” (risos).

Lembrei de Foucault: “Não quero ser um profeta e dizer: ‘Sente-se, eu lhe peço, o que

tenho a dizer é muito importante'. Vim para discutirmos nossos trabalhos comuns" (FOUCAULT, 2004, p. 294), pois a potência de dispositivos com a arte é da ordem da formação ética, estética e política. Tais dispositivos constituem condições favoráveis para a criação de fluxos que constroem o instituído. Linhas de fuga, espaços que possam gerar-favorecer a criação e a proliferação de relações outras entre os sujeitos e mundos. Tudo se move no sentido de não apenas relações entre sujeitos, mas também entre coisas, conceitos, cores, movimentos, músicas, filmes, enunciados etc. Essa potência de invenção de relações se expande no espaço de exposição de arte com as conversas e com o uso dos corpos criados. Trata-se de um convite, não só pelo reconhecido, à intervenção dos visitantes – menino ao fundo da turma da escola, família que frequenta regularmente exposições de arte, casal que nunca visitou uma, professor que está pensando sua aula, vizinho do bairro, morador de rua. Uma intervenção no cenário habitual da cidade.

Fica no 9º andar. "Boa noite".

"Boa noite".

"É no 9º andar o encontro das mulheres, não é?"

"É sim. Estou indo para lá".

"No elevador".

"É palestra? O que você sabe? É que uma amiga que mora no bairro me convidou e não entendi direito!"

"Não. Na verdade, me parece que a programação está dividida em três momentos: Depois das boas-vindas com um lanche, durante um encontro à mesa, haverá a abertura oficial; depois, uma profissional da saúde. Em seguida, entre essa parte e o bate-papo sobre o tema da noite, haverá um momento de assistirmos algum curta-metragem, algo assim".

"À mesa". Entro no salão localizado no último andar do prédio. Muitas mulheres e suas bolsas. Muitas pareciam ter saído do trabalho e foram direto à programação.

"Vem comer um lanche com a gente!".

O relógio marcava umas 19h15 e o início dos trabalhos deveria ocorrer

oficialmente às 19h30. Me achego na líder do encontro, pois nós já nos conhecíamos, mas não éramos íntimas. Trocamos saudações e ideias acerca da programação.

“Então vou colocar você no grupo de WhatsApp!”

“Eu? Topo”. E foi assim que eu passaria a fazer parte do *staff* idealizador das próximas programações.

Depois a gente volta para a mesa. “Boa noite, gente. Vamos sentar? Quero falar um pouco do formato e depois a gente tem um tempo, oficial, à mesa para nos conhecermos melhor, e comer, né. Ah, 15 minutos?”

Apreciar as várias guloseimas, doces e salgados, sucos e café nos tomaria mais do que quinze minutos. Porém, o salão do prédio era emprestado, os zeladores e porteiro tinham hora para deixar tudo arrumado antes de fechar o prédio e para pegar o ônibus, e isso era respeitado.

“Ei, tudo bem? Você eu não conheço”.

“Eu vi que postaram a programação no Facebook, achei interessante e vim. Mas sou de Vila Velha”.

“Oi, gente. Ah, menina! Como estou precisando ouvir sobre isso!”

Mulher, estresse e depressão, essas foram as palavras que mais ressoavam no encontro, cujo tema era ligado à autoestima feminina e o quanto nós mulheres temos abdicado de nós mesmas, em especial as envolvidas em relacionamentos abusivos. Me sentei no fundo, pois sempre gosto de ter uma visão panorâmica do cenário. O público variava entre adolescentes e senhoras que aparentavam mais de 60 anos. Mulheres de várias classes sociais, pretas, brancas, amarelas, de várias denominações religiosas, ou nenhuma, e áreas profissionais. Inclusive, alguém havia convidado uma delegada de polícia, sempre havia gente nova nos encontros. Uma chamava a outra, que chamava a outra, que chamava outras. Nesse dia específico, o tema a ser discutido era delicado, na avaliação de muitas, e o tempo era muito curto, não só para a conversa mas para os testemunhos: relacionamentos abusivos e baixa autoestima, conforme relato de muitas delas. As mulheres, atentas às colocações, também ouviram em silêncio provocações acerca de: “Que tipo de mulheres a sociedade construiu e até que ponto vestimos esse uniforme ou da mulher empoderada ou da ‘recatada e do lar’”, dizia com força a palestrante.

Lágrimas. Como não se deixar capturar pelo insistente torpor que fez com que algumas das mulheres ali ‘confessassem’, timidamente, suas realidades. Uma delas sai da sala e logo outra se levanta para ampará-la. Ao final, muitas ficaram, outras se sentaram em duplas como se alguém ali colocasse os ouvidos à disposição, para sentir o corpo da outra. Que histórias são essas? Como narrar essas experiências? E ao voltarem para casa? E se voltarem para esses encontros, trarão outras? Acompanhar os movimentos e perceber seus efeitos. Encontros com histórias outras também são formas de (re)visitar as histórias que nos constituem.

Linhas. Um rizoma, que, diferente de um crescimento arbóreo, cresce para os lados, não sabemos para onde vão ou chegarão. É da ordem de um movimento imprevisível.

Tirem os calçados. Estamos em outro encontro. Existia um grupo de voluntárias encarregadas de organizar o lanche e a mesa, que estava sempre enfeitada, além de dispor as cadeiras, ligar o som. Um dos momentos deste encontro foi registrado na Figura 20.

Uma das voluntárias do *staff* é uma professora de educação física especializada em saúde da mulher. Ela faz um pedido que, de início, tira as mulheres do conforto de estarem sentadas com seus pares. Tira várias bolas de uma sacola, as distribui e pede que nos espalhemos pela ampla sala, sem sapatos. Nos ensina a usar a bolinha em alguns exercícios para relaxar o corpo. Depois, deveríamos fazer outro exercício, mas com o apoio de uma outra colega. “Encontre um ombro amigo”, disse a nossa ‘personal’. Rapidamente, mulheres procuravam apoio em outras para a realização de alguns procedimentos para esticar um pouco o corpo, os braços.

“Oi, você está com alguém? Posso fazer com você?”

“Oi, como é seu nome?”

De olhos que, talvez apenas se viam, agora se tocavam e se penetravam. Sentir o toque de uma outra companheira cuja vida e histórias não conhecíamos fortalecia nossos laços. Toque, olhar, porquê, como ... Estrangeirar-se: verbo transitivo direto pronominal.

Entre a abertura e a fala principal, vimos um curta-metragem nordestino que contava a história de cinco mulheres de diferentes idades, formações, estados civis e modos de vida. Importante, a obra nos foi apresentada sem muitas explicações.

Sabíamos que era um curta, de origem nordestina e que o documentário era uma parte de um curta-metragem. Depois dos 10 minutos de exibição fílmica, silêncio. Que potência teve a obra sobre aqueles corpos? O que será que pensou uma senhorinha que parecia ser a mais velha do grupo? Talvez ela estivesse com 80 anos e com uma moça ao lado dela, que poderia ser sua cuidadora.

Uma fala em comum das personagens: “Eu aprendi a me valorizar e recomeçar a vida, ao meu modo. Descobri o que me faz feliz.”

“Nossa! Que bonito”.

“De onde é esse filme?”

“E aí, gente?”

“Vocês gostariam de destacar algo?”

“Aquela menina que engravidou cedo, mas não largou a escola”.

“Eu não entendi bem o que a última moça que morava na praia quis dizer”.

“Alguém quer falar sobre essa última, então, a da praia, da ioga? Podem falar, gente. Não existe certo ou errado. Estamos trocando nossas impressões”.

Uma moça, estudante de psicologia, falante, jovem e mãe de três filhos, começa a analisar o filme.

Muitas outras se atreveram a falar. Mulheres falando de mulheres e experiências diversas, de mulheres concretas. Ouvia-se de tudo. Pena que a programação tinha tempo. É curto.

Pensar a combinação arte, debate e portas abertas como formadora é vislumbrar formação como algo que vai a contrapelo do tradicional conceito de formar. É trazer formação como experiência, como algo que experimentamos com o corpo, com os sentidos. Quantas histórias caberiam naquela sala? Muitas.

“Pena, mas tenho que ir agora. Deixei as crianças com o marido e daqui a pouco ele está me ligando”.

Figura 20: Mulheres



Fonte: Acervo pessoal

“Gostei da sua blusa”. “Obrigada. Também gosto muito dela”. Naquele dia, nem percebi que estava vestida com uma das minhas blusas preferidas (ela tem o rosto de Frida Kahlo). Uma blusa que gosto, que não precisava ser passada e que combina muito com o bom e velho jeans, que é ótimo para quem vai sair e pode acabar

parando em qualquer lugar.

De plateia, acabei virando um tipo de integrante temporária do *staff*, mergulhei na experiência. Sugeri que eu poderia me responsabilizar em criar uma ponte entre a volta do cafezinho e a fala principal. Como? Fazendo uso de algum curta-metragem ou imagem para provocar pensamento e discussão. No primeiro dia, tímida, mas feliz por estar misturada, usei um curta animação e Frida⁵⁴ no peito.

Como um estrangeiro, que é levado pela novidade, ora era plateia, ora estava no centro da coordenação do evento, espaço só para mulheres. A minha participação era curta, mas provocadora, para dar passagem à fala, que viria logo depois da minha *curtuparticipação*, seria uma possibilidade de deixar linhas soltas a serem entrelaçadas, ou não.

“**Não tem a rua atrás do teatro?**” “Sim. A rua atrás do teatro, onde tem um boteco na esquina, certo?” Alguns amigos, poucos, começavam a comentar sobre um novo espaço no Centro. Não sabia se era um bar, restaurante ou bistrô. As informações mais recorrentes diziam que ficava em um velho casarão. A empolgação de quem frequentava ou esteve no local era contagiante.

“Amiga, a Pat vai cantar lá”.

Imaginava onde era a *casa-bistrô*, mas peguei a rua errada. Deve ter sido por eu ter ido de carro. Estava de Uber. Se tivesse ido a pé, talvez teria chegado a tempo. “Já cheguei, tá?!” – Esta era a mensagem de uma amiga que convidei e que raramente ia ao Centro. Ela estava tão empolgada em conhecer o lugar, estar na exposição de livros e ouvir a fala da convidada que chegou cedo e já estava bem localizada.

Boteco da esquina. “Moço, o senhor sabe onde fica um restaurante, casa que se chama...?”

“Sei não”.

“Eu tenho certeza que é para cá, mas eu não sei em que ponto da rua ele fica”.

“Ah, acho que você está falando daquele lugar que fica ao lado da escadaria. É isso mesmo.”

⁵⁴ Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderón foi uma das mais importantes pintoras mexicanas da história. Frida Kahlo foi um ícone feminino nas artes. A pintora mexicana retratava em seus quadros as tragédias de sua vida e seus amores. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/quem-foi-frida-kahlo/> Frida Kahlo>. Acesso em: 28 ago. 2021.

“Escadaria? Onde?”

“Olha ali, mais para frente”.

Correr dá nisso. Você olha, mas não vê. Acho a escadaria, subo, sou muito bem recepcionada por uma moça que trabalhava no local recebendo as pessoas, um ato de acolhimento. Havia muita gente. A fala da autora convidada acabara de começar e eu nem tive tempo de interagir com o espaço nem com outros que já havia visto antes. Que encanto de fala, que potência de provocações, das suas histórias de vida e de relatos acerca de uma Vitória e um Centro cujos movimentos em mais de 40 décadas passadas, eu não conhecia.

“Ei, moça, você quer sentar aqui para ver melhor?”

“Não, muito obrigada”.

Éramos a convidada, livros, público. Havia petiscos para quem conseguisse pedir, mas a conversa nos alimentava demais. Sair de onde estávamos era mais que “perder o lugar”, era perder um pouco da força das palavras enunciadas.

Eventos como aquele, em que trocas se davam a todo momento, é uma experiência de produção ímpar. O lugar, a *conversa debate-papo*, sem um *script* previsível, era uma fonte de criação de redes. De uma fala saía uma pergunta, que se ligava com políticas públicas, que se conectava com literatura e que fazia contornos com a música, que se voltava para Vitória, que coengendrava corpos, histórias, mundos.

As Figuras 21 e 22 exibem uma palestra e uma dinâmica, ambas ocorridas no Centro de Vitória. Já as Figuras 23 a 26 retratam o Centro de Vitória

Figura 21: Palestra

Fonte: retirada da rede social da palestrante.⁵⁵

Figura 22: Centro de Vitória, participação

Fonte: Acervo pessoal

⁵⁵ Disponível em: <https://twitter.com/vivianemose_/status/1208007532897288193>. Acesso em: 10 set. 2021.

Figura 23: Centro de Vitória, escadaria



Fonte: Wikipedia⁵⁶

Figura 24: Rua Sete de Setembro

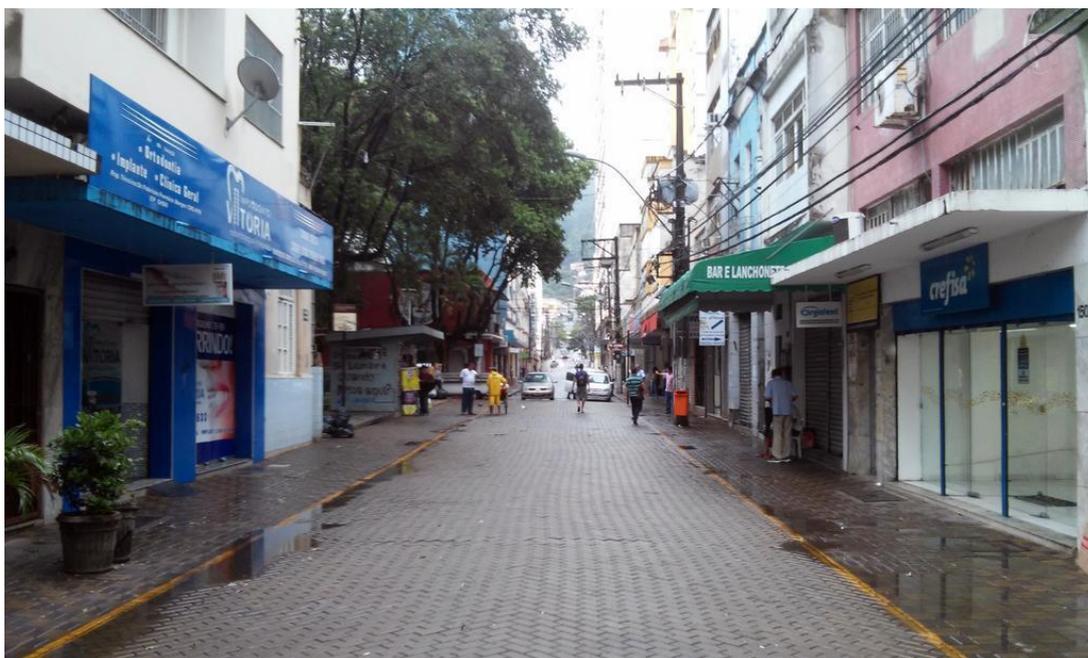


Fonte: acervo digital página: Centro de Vitória⁵⁷

⁵⁶ Disponível em: <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Igreja_de_Nossa_Senhora_do_Ros%C3%A1rio_Vit%C3%B3ria_Esp%C3%ADrito_Santo_Escadaria_2019-4209.jpg>. Acesso em: 23 ago. 2021.

⁵⁷ Disponível em: <<https://centrodevitoria.com.br/um-pouco-da-historia-da-rua-sete-de-setembro/noticias/>>. Acesso em: 23 ago. 2021.

Figura 25: Rua Sete de Setembro



Fonte: Acervo digital página: Centro de Vitória⁵⁸

Figura 26: Centro de Vitória, vista aérea da Rua Sete de Setembro



Fonte: Revista Hype⁵⁹.

⁵⁸ Disponível em: <<https://centrodevitoria.com.br/um-pouco-da-historia-da-rua-sete-de-setembro/noticias/>>. Acesso em: 23 ago. 2021.

⁵⁹ Disponível em: <<https://revistahype.com.br/>>. Acesso em: 24 ago. 2021.

5 VIAJANTE AQUARTELADA: OUVIDOS QUE VEEM A CIDADE E OLHOS QUE A OUVEM

Fechado. 2020. Pandemia da Covid-19. Enfraquecimento e esvaziamento de espaços de acolhimento e de trocas de ideias e olhares pela cidade. E agora? Como pensarmos em ações que continuassem esse processo de transversalização de experiências?

O distanciamento social imposto pela pandemia de Covid-19 impediu muitas áreas de exercerem suas atividades, pessoas de trabalharem e circularem na cidade. Mortes, medo, máscaras, muita desinformação. Governo Federal indo na contramão da promoção de cuidados com a população. Procurar palavras para explicar esse momento “tsunâmico” não dava conta. Se explicações não eram suficientes, mil perguntas surgiam. Pensar o sentido da vida em tempos de pandemia não requer uma resposta generalista, mas uma atitude concreta em termos de criar um novo modo de experienciar a vida, pela janela, pelas varandas, pelas lajes das casas, pelas telas de celulares e computadores, pelas quatro paredes da casa, pelas andanças dentro de nós mesmos. Os protocolos dariam conta de diminuir nossos medos? Muitas portas se fecham, mas muitas janelas se abrem (entender “janelas” tanto literalmente como metaforicamente).

“**Oi!! Sou eu!!!!**” Como reconhecer um rosto de máscara, passando rápido, e que te cumprimenta na rua, e dar conta do desconforto de não circular por muito tempo por conta do perigo de contaminação iminente? Onde encontrar um delicioso caldo de cana com pastel nas lojinhas ou comércio, por muitos chamadas de “portinha” pela metragem do lugar, do Centro? E se sim, será que aquela sensação de que o “tempo parou para eu deliciar meu pastel, deixando o recheio cair pelos dedos e tomar um copo grande de caldo de cana” pode criar um efeito contrário? O tempo na rua da pandemia, períodos de quarentena e tantas outras limitações é paradoxalmente estranho: mais espaço para se circular, porém espaços mais esvaziados, menos *encorpados*.

Dentre tantas perguntas que surgem, algumas me vêm com clareza: E as pesquisas? E os encontros da(s) pesquisa(s)? E as pesquisas dos encontros? Modulações devem se configurar. Buscar nos nossos corpos circunscritos pelas

experimentações, na *memória-processo*, nos bloquinhos, fotos na janela, janela, como continuar?

Diante do desgoverno federal no gerenciamento de políticas públicas efetivas para o controle da pandemia, todos nós nos deparamos **com outro centro**. No centro de desencontros de informação, centro de embates entre desaliados políticos, centro de problemas sociais desencadeados por ações políticas enfraquecidas e enfraquecedoras e no centro de linhas tênues entre vida e morte, ou vivos e mortos, ora perto, ora longe de nós.

Formação? Se a cidade e a população em geral está em frangalhos, é exatamente desses resquícios que podem ser criadas experiências outras. A tristeza e o cansaço podem, estranhamente, invocar novos (re)começos. Embora a cidade esteja vazia, com menos gente, é possível dar nascimentos a outras ideias. E se essas ideias circulam, agora muito mais pelas redes sociais, os *corpos-ideias* encontram novos modos de encontros, de troca de pensamentos sobre “qualquer coisa”, novas formas de costurar (re)sistência, protestando contra o Estado ou aquecendo redes.

Volto a circular, na escrita. Volto ao Windows⁶⁰. Meus olhos passam mais tempo olhando pela janela. Como não ouvir e também querer gritar, em meio a um ano tão intenso, sufocante e assustador acompanhado de políticas de morte? As ideias continuam circulando. Elas perpassam fronteiras, ondas se fazem visíveis pelas ruas. Podem haver, ao menos, todas as janelas abertas, tanto as de moradias, de aparelhos celulares, de computadores, de aplicativos quanto as plataformas de *softwares*. Assim, vamos criando espaços para se ouvir, falar, gritar e escrever. .

Diferentes apelos, palavras de ordem, ocupam as calçadas e deixam tocados os que almejam (re)encontrar as potências dos encontros. A cidade é solidária, ela tem muros, postes e outros palcos, cenários e circulação de ideias. Mesmo de casa, ouvem-se da rua alguns gritos escritos, desenhados – e até projetados – revoltados com a desconecção formada e construída pelo Estado (ver Figura 27). Também há os que apenas repetem o que ouviram. A urbe oferece um circular de potências e experimentações, revelam inauditos atores, frases entrecruzadas, ideias de todo tipo.

⁶⁰ Microsoft Windows (ou simplesmente Windows) é uma família de sistemas operacionais desenvolvidos, comercializados e vendidos pela Microsoft. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Microsoft_Windows>. Acesso em: 22 ago. 2021.

“Eu não aguento mais essa quarentena!”

“Quando isso tudo vai acabar?”

“Pega a máscara”.

“Esqueci a p#@*&&” da máscara”.

“Conheço uma costureira ótima que faz máscara”.

“O problema é o colapso da Saúde”.

“Só o isolamento social vai resolver”.

“Hoje tem *live* de quem?”.

“E aí? Como está?”

“Tentando seguir, né...”

“Vamos marcar depois da pandemia. Mas é só aceitar o convite que te mandei e vai abrir o vídeo”.

“É só uma gripezinha ou resfriadinho. Sei”.

“Os profissionais da saúde são nossos heróis”.

“Nossa arma (um lápis) é mais forte”.

“Balbúrdia é a família Bolsonaro”.

“Lute como uma cientista”.

#forabolsonaro

#forabolsonaro

#forabolsonaro

#forabolsonaro.

Figura 27: Protesto



Fonte: Acervo pessoal

“**Fique em casa**”. Os cantos, as danças e atividades físicas em casa e nas varandas foram comuns em vários lugares. Artistas fizeram de suas varandas seus palcos, pessoas apareciam em suas janelas para conversarem com seus vizinhos à distância ou cantarem músicas juntos, como estratégia de se manterem ativos e, por que não dizer, vivos no cotidiano que os aquartelava em suas residências. A interação se forjava de várias formas. Importante mencionar que o distanciamento foi marcado pelas diferentes manifestações nas varandas das casas e apartamentos, batendo palmas, panelas, gritos, com música, ligando e desligando a luz, como forma de aprovação ou desaprovação das medidas do governo. Aliás, nessas expressões também se manifestam a vontade de uma vida, muitos externando o que acreditam, o motivo pelo qual lutam e vivem para defender.

Portanto, consequências violentas de políticas sociais e econômicas colocaram no centro das nossas vidas a produção de um novo *ethos*. O desafio era, e é, assumir com coragem as lutas, como novas oportunidades; pensar o que realmente é potente e que gera vida. A possibilidade de ressignificar a vida, de ser uma pessoa com posturas voltadas para o coletivo, criar modos de partilha, repensar a própria

existência, sem esquecer que a vida está perguntando diariamente, a cada sujeito, o que pode ser feito através de suas ações na sociedade onde circula e vive.

Esquadro. Se por um lado a pandemia diminuiu bruscamente a circulação pela cidade, pensar que os fluxos não cessam, coengendramentos outros da pesquisa arejam os passos da tese. O meu parto já havia sido iniciado; desta forma, é preciso continuar o “trabalho de parto”. É preciso que me permita diferenciações outras. Muitas perguntas e problematizações provocavam o corpo que circulava. Como um novo cenário que se apresenta diante de meus olhos, debaixo dos meus pés, possibilitariam provocação de novos *possíveis*? Seria concebível ver através da janela?

Se antes ainda imaginava ter espaços preservados da ingerência direta dos poderes, saber que os espaços por onde circulava estão fechados, suas janelas possivelmente não estão, tampouco as ideias daqueles que os habitam.

Um capítulo. Em meio a uma pandemia, alocar o corpo entre quatro paredes e passar a andar pelos cômodos de um apartamento pode ser um estranhar-se. Por quê? É que, por mais que eu conheça a minha casa, agora a habito experimentando um outro tempo. São passos de outra ordem, vozes internas e da vizinhança. Por dias, a rua ficou lá na rua; o Centro, na periferia. Como o pensamento vem do caos, da pancada, essa experiência da pesquisadora aquartelada me propiciou problematizar o momento, momento de tentar voltar para o Centro, o foco: a pesquisa. O problematizar nos move. Corpo circunscrito, novos contatos que surgiram dos encontros alegres⁶¹. Tenho rabiscos, *memória-processo* e a janela. Aliás, muitas janelas: as virtuais e as reais.

Agora, sem artimanhas. Existe uma frase de Rubens Alves que traduz esse *momento*: “Quando a gente abre os olhos, abrem-se as janelas do corpo, e o mundo aparece refletido dentro da gente.”⁶²

Modo retrato. Gosto da ideia que os autores Deleuze e Guattari forjaram acerca do pensamento não arborizado, mas, depois das experiências provenientes

⁶¹ Expressão retirada da obra de Espinoza (1991). Para o filósofo de uma filosofia que inspire os sujeitos a não serem escravos dos encontros fortuitos, mas que se esforcem a preservar a afirmação do seu ser, na busca dos bons encontros, encontros que produzam paixões alegres que aumentem a potência do corpo de agir.

⁶² Frase retirada do texto: A arte de educar (Rubem Alves, 2000).

dos meus “partos”, entendimentos concernentes a ampliações da potência formativa da vida, considerando sua processualidade, que lhe são inerentes, paradoxalmente ou não, acabam por não se trancafiarem dentro dos setenta e poucos metros quadrados do meu apartamento. O rizoma é anterior a qualquer coisa: à pesquisa, à escrita, às ruas, aos passos, ao local em que se pisa, com quem se encontra, ao acontecimento.

Apesar do isolamento da e na cidade, criamos muitas extensões subterrâneas de caules, cujos nutrientes haviam sido absorvidos pelo meu corpo. Nas minhas empreitadas pré-pandemia, deslizei por linhas rizomáticas ao efetuar, me encontrar e desencontrar com corpos, espaços, ideias e sons nos percursos pela urbe em cada passada, estrangeirando-me.

Cir-cunscrições. Corpo e cidade se configuram mutuamente, corpos ficam inscritos nas cidades, cidades também produzem corpos. Com a chegada da pandemia – em meio à proibição das aglomerações, com a imposição do isolamento social –, a música, o teatro, a literatura, a pintura, a fotografia e tantas outras vertentes da arte deram seus jeitos de habitar as ruas.

Das janelas, alguns sons diferentes quebravam um pouco a monotonia das quatro paredes ou dos barulhinhos vindos de nossos aparelhos de celulares. Como canais de escape fundamentais para arejar nossa saúde, como alimento da alma, como alento e esperança por melhores políticas e circulação da vida, ruas “falam”. As janelas e varandas das casas passaram a ser arquibancadas, divãs, uma extensão da rua para deixar fluir sensações e aproximações a improvisos criativos e dando outro brilho a tempos tão confusos.

Grupos voluntários de músicos circulavam a pé ou de caminhão tocando peças em alguns bairros da cidade. Alguns passavam deixando as notas ecoarem, outros paravam em frente a prédios, casas, quintais e causavam estranhamento no seu público. Muitos residentes de bairros carentes, por exemplo, tiveram a oportunidade de um encontro com quartetos, corais e cameratas.

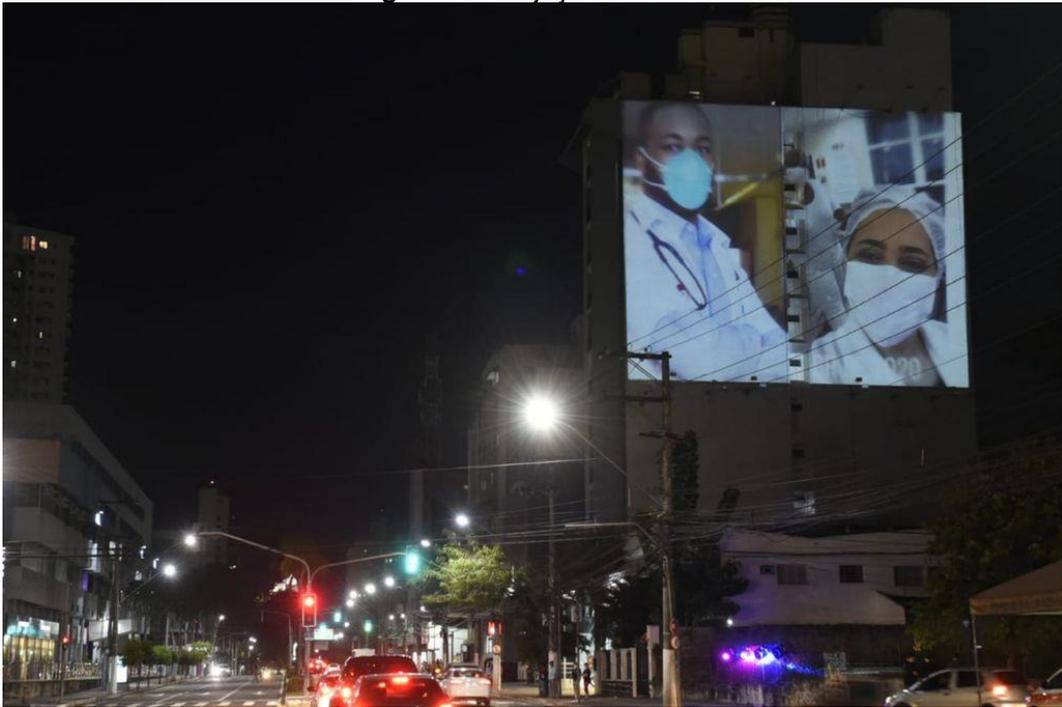
“Muito bonito o que eles estão fazendo. Muito bonito virem aqui tocar pra gente”.

Máscaras. Enquanto sujeitos mascarados andavam pelas ruas, algumas máscaras caíam. Em algumas escapulidas pelas ruas, foi possível ver em postes, muros, paredes de prédios antigos, manifestações artísticas. Arte de rua registrando

mensagens, seja de encorajamento e homenagem aos profissionais de saúde que atuam na linha de frente do combate à doença seja como forma de provocação diante da crise sanitária e política produzida no país, principalmente pelo governo autoritário e negacionista.

As Figuras 28 a 31 mostram projeções afetivas lançadas nas paredes e muros do Centro de Vitória.

Figura 28: Projeções Afetivas



Fonte: Acervo pessoal Juliana Ávila/ Agência Feelin'

Figura 29: Centro de Vitória, foco: Projeções Afetivas



Fonte: Acervo pessoal Juliana Ávila/ Agência Feelin'...

Figura 30: Projeções Afetivas



Fonte: Acervo pessoal Juliana Ávila/ Agência Feelin'.

Figura 31: Projeções afetivas



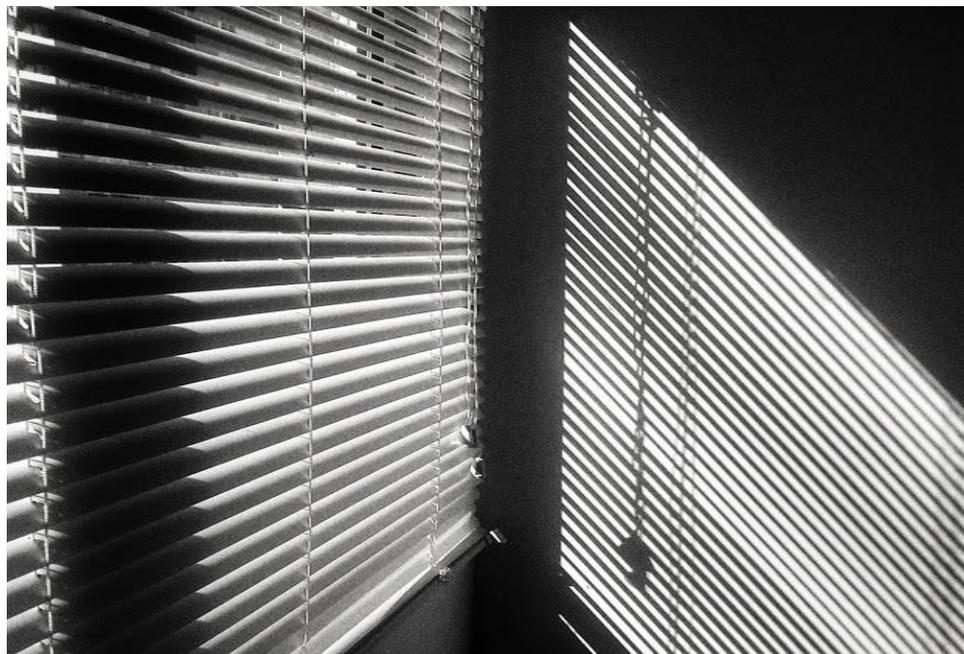
Fonte: Acervo pessoal Juliana Ávila/ Agência Feelin'.

Linhas cruzadas. Ocorreram movimentos de produção de arte e cultura *online*, presentes nas mais diversas redes sociais, encontros de diversas ordens. Muitos desses encontros permitiram, e ainda o fazem, trocas interpessoais (ainda que não presenciais), alimentando uma rede e tentando se fazer quente de esperança de tempos melhores por vir. Poderíamos aqui citar uma série de iniciativas generosas e que têm circulado na rede produzida por artistas de várias linguagens.

A resistência à política genocida está presente nos gritos *#forabolsonaro*. E se, em geral, as autoridades minimizam a situação, começam a circular informações de pequenos grupos oriundos de vários outros coletivos, instituições, grupos de profissionais que se unem para prestar solidariedade e dar o apoio possível a outros mais castigados pela pandemia.

Movimentos oportunizam a criação de práticas solidárias, redes que se convertem em ações em prol da vida. Fortalecimento de redes que se dá por contágio e escapa e transcende às *máquinas-mídias*. É preciso pontuar que as mídias sociais tiveram papel importante na pandemia. Os *encontros-rede* se deram pela via da potência dos corpos que se conectavam pela janela, ao contar as histórias, nas faixas penduradas nas instituições, de modo a se comunicar com a vizinhança, com os muros e com os relatos que traziam suas tristes histórias. A Figura 32 representa essas inúmeras formas de se perceber as “janelas”.

Importante encontrar corpos que vibram uma mesma indignação diante de enunciados cínicos, de corruptos, contra a corrupção. Compartilhar a impotência e a confusão causadas por atores que produziam e espalhavam as *fake news* é produzir força e se construir um comum, a cada encontro forjado por diversas vias, e acolher um ao outro diante de um sentimento de impotência e indignação. Assim, convocações de ajuntamentos possíveis transformam-se em força sentida nas vibrações de gestos e palavras de ordem coletivas. Re-existir é re-inventar-se. Re-existir é aprender modos outros de vida.

Figura 32: Janela

Fonte: Acervo pessoal da fotógrafa Izabel Cristina de Souza⁶³

Acompanhando Virgínia Kastrup (2001), entendemos que a aprendizagem e a relação com o aprender são pensadas não apenas como um processo de solução de problemas, mas, principalmente, como produção de problemas. A invenção de problemas nos leva à invenção de novas relações e novos modos de vida. A perspectiva cognitiva da invenção de problemas acarreta um constante movimento de problematização, de afetar-se pela novidade e pela surpresa, implicando uma cognição que não se esgota na simples repetição e na procura de soluções de hipóteses pré-concebidas. A cognição, assim, se potencializa na possibilidade e capacidade do humano de problematizar e, na sua atividade inventiva, eliminar o determinismo que a reconhecimento impõe. E agora? Respiro. É exercitar o pensamento.

Aqui se desdobra o que entendemos por formação.

Pausa. Buscamos, aqui, equivocadamente o sentido de *formação-consumo*. Formar como modo de interrogar modos instituídos de ensinar-aprender. Formação não piedosa, mas cruel, porque quer produzir seres fortes, ousados e poderosos; deseja vê-los capazes de enfrentar qualquer acontecimento e de caminhar livres, com a

⁶³ A foto em questão foi uma das finalistas do concurso “Olhares sobre a Pandemia”, organizada pela Mosaico Fotogalerias (2021), especializada em fotografias e exposições.

sabedoria alegre do riso.

Os processos de formação se fazem numa rede de relações que, permeadas como são por assimetrias de saber e de poder e por lógicas de fragmentação entre saberes/práticas, requerem atenção para a multiplicidade de condicionantes. Não cabem na redução dos conhecidos binômios ensinar-aprender, competência técnica-compromisso político. Envolver-se com a formação nos “lança” irremediavelmente no campo da complexidade das relações.

A cidade forma. As andanças formam. Formar é estrangeirar, implica estar atento à complexidade do viver e fazer escolhas teórico-metodológicas que expressem um campo de interlocução entre os saberes.

Essas escolhas são sempre escolhas ético-políticas. Sujeitos nelas implicados. Formar, ensinar, aprender e gerir acarreta a construção de redes que potencializem movimentos de mudança por meio da problematização dos modos instituídos de formar-gerir.

A formação ganha consistência de intervenção, intervir entre ações, experimentando os desafios cotidianos e da invenção de novos territórios existenciais, buscando afirmar um *ethos*, uma prática que se contrapõe aos reducionismos, à objetivação dos sujeitos.

Pensar a cidade como um vetor importante de formação requer entender o ato de formar como “atitude” em sua potência de produzir aberturas a novas sensibilidades, dizibilidades e visibilidades que expressam a multivetorialização. Nesse entendimento, a formação é um processo que extrapola o sentido clássico da aquisição de conhecimentos técnico-científicos. Formação significa, sobretudo, produção de realidade, constituição de modos de existência não centrada, não prescritiva de regras absolutas, nem proibições definitivas. Ela orienta e desperta uma vida outra, afirma multiplicidades, não para exercitar o corpo e o pensamento a vivenciar os seus limites e ultrapassá-los, mas, sim, centrada no pensamento afirmativo da vida, sobretudo cruel, o contrário da pedagogia piedosa e vingativa.

É cruel com o corpo e com o espírito, não porque quer arruiná-los, mas, ao contrário, porque quer vê-los fortes, ousados e poderosos, deseja vê-los capazes de enfrentar qualquer acontecimento e de caminhar livres, com a sabedoria alegre do riso (FUGANTI, 1990, p. 68) .

O que se pretende é afirmar uma prática de formação “impiedosa” que não busca observar uma trajetória, mas nela interferir produzindo desvios, retirando a natureza dos processos afirmativos, o que parece confortável. Entendemos que disparar processos de formação-intervenção implica construir por entre as formas dadas, incitando a criação de outros possíveis, mantendo a tensão entre problematização e ação.

Como nos indicou Foucault (1994), existem momentos na vida em que a questão de saber se pode pensar diferentemente do que se pensa e perceber diferentemente do que se vê é indispensável para continuar a existir-resistir (FOUCAULT, 1994).

Dizemos, então, que formar é uma tarefa “em ato”, na experimentação da intervenção. É um “fazer em meio ao próprio campo e em suas interferências mútuas, ali mesmo onde se dá, no próprio exercício da produção de novos sujeitos em processos de mudança.

Não são práticas apaziguadoras, mas práticas de desassossego que indagam as evidências que nos constituem (FOUCAULT, 1985).

Formação-desassossego, marcada por uma intolerância com o intolerável, processo indagador, impiedoso, cruel.

Como fazer da formação um processo nômade que reinventa caminhos ao caminhar? Não seria o estrangeirar-se uma estratégia de formação?

Hashtag. O distanciamento social nos afasta das pessoas, das festas, do toque, dos abraços, mas não das ideias. É com elas que ficamos e muitas vezes damos vazão à nossa inventividade em forma de conteúdos, invenções, novas ações. As pessoas tiveram que se conectar com esse lugar de reinvenção. Se o grito ainda estava preso na garganta, trazê-lo de outras formas foi um diferencial. Camisetas, máscaras, canecas repetiam para que sempre estivéssemos alerta: #elenão, #vacinassalvam, #vivaosus, #genocida. Ainda, provocadores “memes” nas redes, cores vermelhas, composições e versões acerca da situação do país se multiplicavam.

Um galo sozinho não tece uma manhã:
 ele precisará sempre de outros galos.
 De um que apanhe esse grito que ele
 e o lance a outro; de um outro galo
 que apanhe o grito de um galo antes
 e o lance a outro; e de outros galos

que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.
E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.⁶⁴

⁶⁴ Poema de João Cabral de Melo Neto.

6 OS CONTÁGIOS NÃO SE CONCLUEM

Agora, para cada cidade que Marco lhe descrevia, a mente do grande Khan partia por conta própria, e, desmontando cidade pedaço por pedaço, ele a reconstruía de outra maneira, substituindo ingredientes, deslocando-os, invertendo-os. (...) – De agora em diante, vou descrever as cidades e você verificará se elas realmente existem e se são como eu as imaginei. (CALVINO, 1991, p. 43)

A cidade, ao ser habitada, deixa de ser um cenário duro e ganha corpo(s) pelo uso de seus espaços. Nessa dinâmica, o *corpo-cidadão* também se depara e se *re-laço-na* sob a mediação dos projetos e planejamentos urbanos que disciplinam essa dinâmica relacional com regras segregatórias, baseadas em princípios de assepsia, o que se entende por acessibilidade, segurança e estetização, e que contribuem para a manutenção da dissociação entre corpo e cidade.

O catálogo de formas é interminável: enquanto cada forma não encontra a sua cidade, novas cidades continuarão a surgir. Nos lugares em que as formas exaurem as suas variedades e se desfazem, começa o fim das cidades. Nos últimos mapas dos atlas, diluem-se retículos sem início nem fim [...] (CALVINO, 1990, p. 126).

Encontramos em Guattari /Deleuze (1996) apud Jacques (2008) um olhar a cidade nessa direção: cidade como vetor importante na produção de subjetividade, de modos de vida.

[...] e corpo, entre o corpo urbano e o corpo do cidadão. A cidade não só deixa de ser cenário, mas, mais do que isso, ela ganha corpo a partir do momento em que ela é praticada, se torna “outro” corpo. Dessa relação entre o corpo do cidadão e esse “outro corpo urbano” pode surgir uma outra forma de apreensão urbana e, conseqüentemente, de reflexão e de intervenção na cidade contemporânea (JACQUES, 2008, s/p).

Estrangeirar-se. Ao desnaturalizar a experiência urbana por meio das narrativas trazidas aqui neste texto, buscamos ativar outro olhar sobre nosso cotidiano de seres urbanoides. Deixar percursos irem se desenhando sobre espaços projetados e em ações artístico-políticas no espaço do Centro, que destravam e/ou desvelam relações que constituem territórios urbanos, que invitam a experiências, interferências para pensar, perceber e produzir a cidade em nós e nós na cidade. A viagem percorreu um passado que varia, que se atualiza e “reatualiza” de acordo com os caminhos

seguidos.

- De agora em diante, começarei a descrever as cidades – dissera Khan.
- Nas suas viagens, você verificará se elas existem [...].
- Entretanto, construí na minha mente um modelo de cidade do qual extraí todas as cidades possíveis – disse Kublai [...].
- Eu também imaginei um modelo de cidade do qual extraio todas as outras – respondeu Marco (CALVINO, 1991, p. 67).

As ruas do centro evocam um desejo de abertura do campo de possíveis, como mostra a Figura 33.

Vivemos em um mundo infame, eu diria. Não incentiva muito, um mundo muito mal nascido. Mas há outro mundo na barriga deste esperando... E é um mundo diferente. Diferente e de parto difícil. Não é fácil o seu nascimento. Mas, com certeza, ele pulsa neste momento. Há outro mundo que “pode ser” pulsando no mundo que “é” (informação verbal).⁶⁵

Figura 33: A rua



Fonte: Arquivo pessoal Prof^a Dra.Fabiola Xavier Leal

Escutar, pensar, conversar, perceber tensões presentes em conversas anônimas é um espaço de política para dar nascimento a uma vida digna de ser vivida, para além de uma Vida Besta (PELBART, 2003).

O italiano Giorgio Agamben (2010), na introdução de “O poder soberano e a

⁶⁵ Eduardo Galeano, entrevista em acampada de Barcelona, Movimento 15-M, Espanha, 2011.

vida nua” retrata dois termos, gregos, distintos, para expressar o que entendemos por vida: *zôê*, que significava o “simples facto de viver, comum a todos os seres vivos”, e *bios* “que indicava a forma ou maneira de viver própria de cada indivíduo ou grupo” (AGAMBEN, 2010, p.11). O filósofo discute a natureza do poder na modernidade. Poder que investe contra a vida. Para *de-formá-la*.

Arestas formadas a contrapelo do que se quer fazer dos corpos são espaços potentes para a formação que defendemos neste trabalho. Uma formação que desembace o olhar, que nos dê outra visão e audição para criamos um corpo que possa inventar formas de resistência de agir e existir nesse mundo.

Leila Machado e Maria Cristina Lavrador (2009) discutem sobre uma política implicada com a vida, partindo da obra de Deleuze e Guattari (1992), no texto “As políticas que incidem sobre a vida”. Dirão as autoras sobre apoderar-se da vida e transformá-la para além das formas hegemônicas como uma:

[...] reapropriação existencial que nos impulse a desejar que nossas palavras, nossos olhares, nossas vidas sejam diferentes do que são. Diferentes no sentido, de menos capturadas, menos servis, menos coadunadas aos padrões, menos reprodutoras de esquemas sutis e cotidianos de micro-fascismos, menos apaixonadas pelo poder, pelos títulos, pelos cargos, pela produtividade acadêmica, pela produção de discípulos (MACHADO; LAVRADOR, 2010, p.119).

Nosso *corpus* é a cidade, a urbe, a experiência urbana, o viver urbano. *Corpus* amplo, múltiplo, de “complexidade que beira o caos”, dirão Deleuze e Guattari (1992, p.159). Como falar da experiência do existir na cidade? Como falar do cotidiano da urbe, sua potência e seu esvaziamento? Como falar da vida urbana já tão naturalizada, que atravessa nossa pele e nos constitui? Respirar, tocar, ver o urbano é inspirar, tatear, olhar nada mais que o ordinário. A cidade já faz parte de nossa construção, de nossas vidas. Paisagens misturadas a outras paisagens. Estrangeirar-se busca o calor no encontro, no outro, na surpresa que a multidão traz em si. Apostamos na via indicada por Suely Rolnik em entrevista a Britto (2010):

Quando você faz uma intervenção que promove, que ganha corpo, aquilo que está quando isso se apresenta na experiência urbana tem um poder de contaminação que não é necessariamente de mudar algo ali naquele espaço em que você está intervindo, mas é de mudar algo na subjetividade dos que vivem essa experiência relâmpago. No meu entender, tem um poder muito maior do que tem o poder de convocação mesmo deste espaço proibido, mais que proibido, recalcado, porque se fosse só proibido a gente liberaria. Mas é um espaço recalcado e só tem condição de reativar o que está recalcado se encontra um ambiente de forças ativas que afirma isso e se encontra

possibilidade de sustentação para que isso se faça também na subjetividade. [...] o que essas intervenções urbanas fazem são como guerrilhas culturais, abrem espaços cuja proliferação não tem como prever, são em tempos diferidos, em lugares diferidos, podem promover uma mudança na sexualidade de uma pessoa que viveu aquela experiência e com isso abrir outros espaços (BRITTO, 2010,s/p).

O que pode uma Tese? O que é o “inédito?” Colocar as palavras, o corpo à prova é acreditar que não estamos sozinhos, nem na proposição do chamado “ineditismo” de um tema, nem tampouco na confecção dele. Como investigar a vida, *loci* que nos cercam nas suas coletividades e nas suas diversidades qualitativas: que virtualidades e processos de virtualidade pulsam no campo, em nós, nesse Centro? Quantas teses invisíveis cabem em uma?

Na obra de Calvino, Kublai pergunta a Marco qual seria a utilidade dos seus relatos de viagem, tendo em vista que os outros embaixadores do reino dão ao imperador descrições mais “benéficas” economicamente, sugestões mais utilitárias, como preços de mercadoria mais vantajosos, fontes de minérios e propostas de fornecimento de produtos. A resposta vem no seguinte trecho: “Marco Polo imaginava responder (ou Kublai imaginava sua resposta) que, quanto mais se perdia em bairros desconhecidos, melhor compreendia as outras cidades” (CALVINO, 1990, p. 28).

A utopia está lá no horizonte. Se me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve, então, a utopia? Serve para isso: para caminhar (GALEANO, 1994, p. 310).

7 CONCLUSÃO E RITORNELO⁶⁶

Do lugar onde estou já fui embora...

Manuel de Barros

Nesse percurso acadêmico percorrido e por nós experimentado ocorreram muitos improvisos. Improvisos e incertezas apresentados pelo campo, *campo-caos*.

Corpo lançado nas palavras, tons, sons que eram ora lentos, ora caóticos. Arriscou dançar no e o ritmo dos territórios e seus atores.

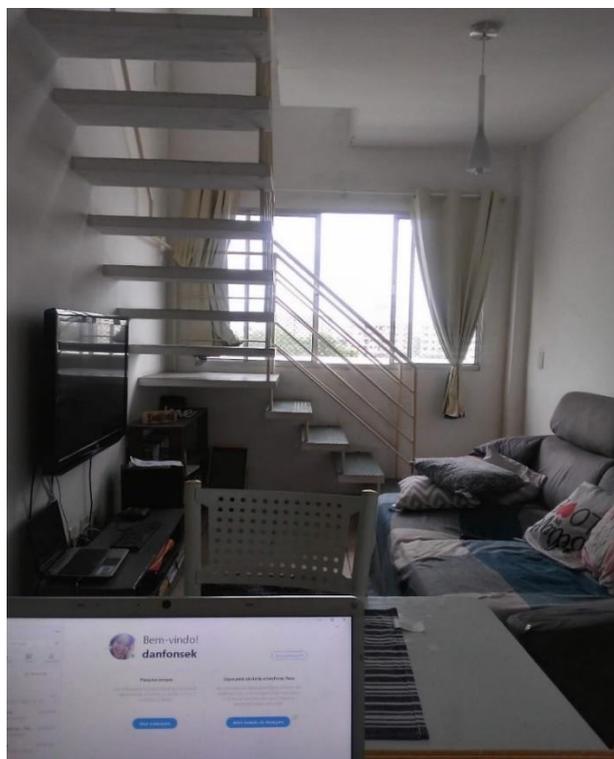
Sem centro. Estrangeirando-me (Figura 34), esse *corpo-viajante* não fez reserva em nenhum local, não estabeleceu um QG⁶⁷ para que servisse de guarida e se o fizesse teria que ter várias casas, já que, ao sair de uma, ao voltar para a mesma, não a reconheceria, corpo atravessado por tantas coisas inéditas!

Todas as idas e voltas ao Centro foram escalas, antes, durante e depois da pesquisa, que envolvem e envolveram algumas linhas: escolas, entretenimento, espetáculos e estudos. As experiências oportunizaram muitas experimentações e improvisações.

Caminhar pelas ruas, habitar espaços rastreando uma potência que não está exatamente localizada em um ou outro grupo, sujeito, ladeira, beco ou no carisma e retórica que emergem dos corpos, é experienciar nos espaços a potência que emerge dessas conexões.

⁶⁶ Ritornelo é uma marcação usada para delimitar um trecho musical em uma partitura, sendo que a tal trecho é atribuído o valor de refrão, e este virá porventura a ser repetido uma ou mais vezes durante a execução de uma composição. A marcação é composta por dois símbolos na partitura, um que marca o início ":", e outro que marca o fim ":", " Todo trecho compreendido entre esses símbolos é o segmento a ser repetido. Classe gramatical: substantivo masculino; Separação das sílabas: ri-tor-ne-lo. Ritornelo é um refrão, um estribilho. Para muitos, o ápice de uma música; o segredo de uma boa canção. Para os filósofos franceses de quem empresto a citação, mais do que uma célula que se repete e nos faz seguir a melodia, o ritornelo conduz a uma espécie de lugar entre o "eu" e "o que está fora de mim", em que essa conexão parece fazer sentido – ao menos momentaneamente. Disponível em: <<https://educalingo.com/pt/dic-pt/ritornelo> >. Acesso em: 07 set. 2021.

⁶⁷ Abreviação para Quartel General.

Figura 34: Estrangeira

Fonte: Acervo pessoal

Sobre dar voltas, sigo Deleuze e Guattari (2012) para explorar as questões de improvisos a nós mesmos e para buscar um conceito que me auxilia neste circular, quando os autores lançam mão do ritornelo.

Foi preciso traçar um círculo em torno do centro frágil e incerto, organizar um espaço limitado [...] componentes para a organização de um espaço e não mais para a determinação momentânea de um centro. Eis que as forças do caos são mantidas no exterior tanto quanto possível e o espaço interior protege as forças germinativas de uma tarefa a ser cumprida, de uma obra a ser feita (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 116).

Como em uma música de *jazz*, os temas estão lá – escolas, encontros, entretenimento, espetáculos e estudos –, mas o *corpomúsico* não repete as marcações, criando outras trilhas. Nesse sentido, o trabalho com sensação, percepção e memória, com movimentos circulares, são aspectos fundamentais do ritornelo criado pelos autores. “[...] Dessa vez é para ir ao encontro de forças do futuro, forças cósmicas. Lançamo-nos, arriscamos uma improvisação. Mas improvisar é ir de

encontro ao Mundo, ou confundir-se com ele” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 117).

Encontrei no conceito suporte para refletir sobre as *costuras-escrita* e a articulação desta tese que, antes de circular pela cidade, pelo Centro, revisita e retorna ao mestrado, escrita que também me fez dar uma volta e parar aqui, porém *ritorno* para um texto composto há uns cinco anos, que visava produzir vias outras de formação. Retorno a uma composição feita na época, **sob outro céu**, em 2016, no término do mestrado.

7.1 O CÉU DE SUELI⁶⁸

A aula era de literatura inglesa, Modernismo. Uma das obras de T.S. Eliot, um dos grandes nomes da literatura Moderna, estava em pauta naquele dia. Aliás, continuaríamos nossas leituras sobre sua obra e estilo. Naquele aula, leríamos “Old Possum's Book of Practical Cats”, uma coleção de poemas humorísticos e fantasiosos sobre psicologia e sociologia felina, livro publicado em 1939. Na verdade, não leríamos todo o livro, mas alguns dos poemas que estavam na apostila. Sim, apostilas, cuidadosamente montadas por mim, pois os alunos a preferiam, mesmo se a obra estivesse facilmente disponível.

A turma era pequena, uns 14 no máximo, e estão no último período do curso. Naquele dia, estavam todos lá. Lembro bem. Gostaria de destacar quatro deles. Começo pela Rosy (a melhor aluna em Literatura), a que lia muito e tudo; pesquisava além do que estava na apostila e, geralmente, me confrontava com perguntas ótimas. Aprendi muito com ela. Acho até que Rosy lia mais que a professora e quando socializava suas questões e inquietações confundia a maioria dos colegas. Eu achava

⁶⁸ A obra “O Céu de Suelly” (Karim Aïnouz, 2006) conta a história de Hermila (Hermila Guedes), uma jovem cearense que volta à sua cidade-natal, a pequena Iguatu, com seu filho, à espera do marido que foi a São Paulo e prometeu voltar, mas não volta. Suelly busca a felicidade e, como tantas outras histórias, este filme poderia ser mais um acerca disso. Porém, a obra nos surpreende ao não nos dar respostas óbvias. Um filme, cujo estilo aplicado pelo diretor se aproxima muito dos cinemas asiáticos e do leste europeu, pontuado pela narrativa lenta, simbolismos, silêncios e olhares. O sertão nordestino e o céu tomam a maior parte do quadro. Aliás, “céu” que, para a personagem Hermila, tanto liberta quando intimida, mas ela quer olhar outros “céus”.

O cenário, a narração dos fatos e as personagens são reais (a não ser seus nomes, que foram trocados). A infinidade de sujeitos, os encontros, os olhares, as tantas falas, o silêncio, os sustos, as frustrações, os cortes, as aberturas, os escapes, protagonismos, enfim, a infinidade de coisas que nos aguardam dentro de uma sala de aula, por vezes, nos parece tão infinito quanto o céu.

ótimo, pois gosto desse tipo de problematização. O *eu-caos* poderia dar nascimento a outras trilhas, outras estratégias de pensamento.

Estudar e lecionar literatura em um ambiente com tantos sujeitos diferentes deveria criar barulhos e desconfortos – um pouco de caos senão eu ensurdeço. Laura também estava presente. Loira, alta, bonita, gostava de andar bem vestida e, apesar de ter dificuldades com o conteúdo da aula, era bem responsável com as leituras. O que me chamava atenção nela era a liberdade e tranquilidade com que perguntava coisas que seriam, para quem está terminando um curso de Letras, óbvias, talvez, talvez (?). Me lembro de uma pergunta da Laura, em uma de nossas aulas em que foram apresentados a William Shakespeare: “Professora, esse homem ainda está vivo?”.

Ah, outro que estava na sala era Pedro. Pedro... Ele e Laura geralmente sentavam juntos e, às vezes, víamos um acariciando os cabelos do outro. Um jovem rapaz com seus 23 anos, forte. Ele raramente fazia as atividades, dormia em sala e era muito doce – sua doçura e sua displicência contrastavam com seus quase dois metros de altura e grandes músculos.

Outra figura inesquecível era Dona Maria. Na verdade, só eu não a chamava de “Dona”, mas, para os outros, era “Dona Maria”. Maria, sempre pontual, primeira da fila, avó, já passara dos 55 anos, evangélica pentecostal, viúva e criou os filhos sozinha. Havia decidido entrar na faculdade, pois, além de ser um sonho, já estava com os filhos criados; então, tomou fôlego e decidiu voltar à escola. Ela nunca passaria despercebida, não por ser a mais velha da turma, mas pelos seus comentários. Por conta de seu comportamento e olhar desconfiado para comigo, passava a impressão de que seu mundo se limitava a sua família, Deus no céu e sua religião na Terra. Era pessoa extremamente religiosa e um pouco radical nas posições. O segredo era ter paciência com ela, não bater de frente, ou até confrontá-la, mas na hora certa. Maria era gente boa, mas não era fácil trocar algumas ideias com ela, muitas questões eram levadas para o lado religioso: “pecados”, hora ou outra, entravam nos debates. Nas aulas, quase toda semana havia um filme ou parte de obras fílmicas para assistirmos. Eles eram importantes vetores de auxílio para a compreensão das matérias. Era interessante vê-la assistindo a algumas daquelas obras, que geralmente não seriam vistas em grandes *shoppings centers*. Ao longo do semestre, suas opiniões foram se tornando menos radicais, ela fitava os olhos no

televisor de porte médio, que era sempre reservado na instituição, e percebia-se que ficava sem jeito, muitas vezes, pois os filmes mostravam corpos nus, sexo, palavrões, cenas de explorações sociais cruas, o feio da nossa existência, mas também o belo da vida. Os filmes seguiam tempos não lineares, filmes sem heróis, histórias que desconstruíam o socialmente instituído, filmes sem finais previsíveis.

Maria não estava acostumada com isso, nem seus colegas. Os últimos meses para acabar o curso, Maria se punha ainda mais conectada à TV e parecia se chocar menos. Para a surpresa de muitos, por exemplo, em cenas de sexo Maria ficava tão concentrada que um dia, os chistes engasgados nas gargantas dos colegas soou: “Nossa! Feche os olhos Dona Maria. A senhora não pode ver essas coisas, não!” Maria segurava o riso. E eu também. Outra coisa muito cara foram os momentos depois das aulas, vê-la chegando perto da mesa da professora e perguntando bem discretamente: “Professora, você pode me emprestar este filme pra eu assistir em casa?”

Bom, voltemos à aula sobre as obras de T. S. Eliot. Naquela aula especificamente, depois da discussão de algumas histórias de “Old Possum's Book of Practical Cats”, a ideia era assistirmos ao musical “Cats”, do diretor inglês Andrew Lloyd Webber, que o adaptou do livro em pauta. A ideia era ver o musical, conversar sobre este tipo de produção e conhecermos como ficou a adaptação da obra de Eliot para o teatro. A proposta era apenas ver umas três ou quatro músicas do musical. Bom, pensei: Musical!!? Acho que esse debate não vai durar muito. Conheço poucas pessoas que curtem musicais.

Depois das introduções básicas antes de colocar a obra, informei também que não teríamos tempo para vê-la na íntegra. Eu havia escolhido três ou quatro músicas da peça, que eram as mesmas cujos textos estavam na apostila. Assistimos à primeira, mais uma e a terceira. Acabei passando uma quarta música pois se tratava de uma canção que havia se tornado popular nas rádios. Surpresos com o tema principal da peça, pois, como eu suspeitava, muitos se lembraram da canção. “Ahh, que linda!!” “Adoro essa música.”

Na hora de interromper a sessão, pois queria ouvi-los, fiquei inquieta com um certo silêncio. Me aproximei da TV delicadamente e de repente ouço em coro: “Não!! Não!! Professora. Não mexa em nada!! Deixa rolar o resto”.

Fui me afastando da TV. Silêncio se fez por quase mais 20 minutos. Eu percebi o silêncio deles. O encontro com aquela obra, as canções, a dança, a produção impecável. Silêncio de quem parece estar organizando o caos, deixando os sentidos fluírem, pura experimentação. Assim, contrário ao meu planejamento, que seria de umas quatro canções do musical, acabamos por assisti-lo quase todo. Finalmente, me aproximo bem devagar da TV, pego o controle e eles nem me percebem. Antes que eu tocasse em qualquer coisa, olhei para aqueles rostos estupefatos ou encantados. Estranhei. Nunca os tinha visto tão paralisados, em um silêncio tão profundo e com olhares tão fixos.

Pronto. Últimas notas da última música da peça. Hora de tirar o DVD. Antes de qualquer palavra, levantam-se (Dona) Maria, Rosy, Laura e Pedro, que acabam por contagiar os outros, que também se levantaram. De pé, olhos marejados, estavam lá batendo palmas como se estivessem no teatro. Nunca havia visto aquilo. Alunos encantados (e encantamento é a palavra que me ajuda a descrever o que vi) batendo palmas diante de uma TV de 29 polegadas depois de assistirem a um musical. Nunca mais irei esquecer daquela aula.

Pois é. A história é essa. E você, leitor, deve estar se perguntando quem sou eu, não é? Ah, sim, *sorry*, esqueci de me apresentar: Sueli. Aluna e também professora. Aluna da profissão, aluna de mim mesma, aluna dos meus professores, aluna dos meus alunos, dos meus amigos, de tantos outros, aluna do mundo, aluna da cidade. Recentemente, me descobri viajante, piso em várias ruas, em vários palcos e cenários.

A pele que habito é formada de muitas outras peles. Também formada por muitos encontros que tive e que ainda reverberam em mim. Fui me fazendo nos dialogismos com os outros, na observação, tentando ler o mundo e criá-lo. Percebi que, por onde ando e por onde for, dependo do outro para me constituir.

Ensinar está no campo dos afetos e é criar posturas, posturas na vida. Esse é o sentido de Formação que tentei afirmar nesta tese. Formação, arte de ouvir o outro, ser testemunha da sua história, da sua experiência, é se deixar ser afetado por outro corpo. Sigamos pensando, criando outras histórias, pisando em outros chãos, experienciando novas posturas, indo a novos territórios, vendo outros tons de céus.

Nunca mais soube de Maria, Laura ou Pedro. Maria vai à minha mesa com um

pequeno pacote. Estava juntando dinheiro para mandar comprar um DVD para me presentear (na época, já não se produziam mais VHS, mas DVDs).

“Professora, eu trouxe um presente pra você. Tomara que você goste. Não sei se é seu estilo, pedi para meu filho comprar”.

“Puxa, Maria, que legal! Muito obrigada”.

Um filme de presente. Vale dizer que, de tantas obras apresentadas a ela nas aulas, ela adquiriu o hábito de pedir ao filho para baixar filmes. Já pensando no DVD que estava para chegar, ela via filmes no computador dividido pelos membros da família. Aliás, quando estudávamos certas obras, ela às vezes perguntava: “Professora, tem filme disso?”

E era uma vez Dona Maria, dona de novos saberes. Por conta dos encontros com tantas obras nas aulas de Literatura Inglesa, Maria se abriu ainda mais para os filmes, muitos deles releituras de grandes obras da literatura mundial. Acho que a possibilidade de ela diminuir seu tempo assistindo programas religiosos de TV havia sido em detrimento dos filmes. Eu não mencionei, mas, por conta da sua religião, assistir à TV não era algo cotidiano para ela. É que isso poderia desviar os fiéis da “Palavra”.

Maria representa muitas outras Marias, mulher fruto de uma vida difícil, que circulava pelos mesmos e poucos ambientes que poderiam ser pouco arejados por novidades, mas que nutria um desejo que ela não abafou: estudar, fazer faculdade. A mulher cujas primeiras histórias literárias conheceu depois dos 55 anos na faculdade, ora orgulhosa de seu esforço, ora um pouco chorosa e perdida com as atividades exigidas pelas disciplinas, foi se deixando formar pelos encontros. Era uma vez Dona Maria para se encontrar com Maria.

O filme que ela me presenteou no último dia de aula era um "piratão" do O Homem-Aranha. “Homem-Aranha!!?” OK. Até havia esquecido que gosto de filmes de super-heróis. Tudo bem. Olhei para Maria e ela com os olhos brilhando, talvez pela despedida. Disse: “Gostou, *teacher*?” “Gostei, Maria.”

Essa história se passou há quase 10 anos e faz parte das minhas memórias. Quanta coisa boa essa viagem ao passado me trouxe. Quantas histórias esse *corpo-professora-viajante* tem para contar. E falando em contar, essas experiências experimentações viraram até dissertação. E até podem virar tese!

Ah, e se você quiser saber do “piratão” do Homem-Aranha, eu assisti. E revendo minhas coisas em casa dias desses, eis que o encontro. Ele estava bem guardado. Hoje, se andarmos pelas ruas procurando vendedores de filmes piratas, dificilmente os encontraremos. Eu até cheguei a ter um ou outro, mas já se foram. Porém, aquele do Homem-Aranha, não. Ele me lembra Maria, que me lembra, Laura, que me lembra Pedro, que me lembra a turma inteira, que me lembra outras turmas, que me lembra Cats, T.S. Eliot, que me lembra o mundo que me lembra a mansidão do “céu” que é ser professora – que é estar com tantos corpo

Cada vez que tentei fazer um trabalho teórico, foi a partir de elementos de minha própria experiência: sempre em relação com processos que eu via se desenvolverem em torno de mim. Foi porque acreditei reconhecer nas coisas que via, nas instituições com que me ocupava, em minhas relações com os outros, fissuras, abalos surdos, disfunções, que empreendi esse trabalho - algum fragmento de autobiografia (FOUCAULT, 1994, p. 82).

Conclusão

ESTRANGEIRAR-SE pela cidade, pelos cantos, pelo centro, Centro da Cidade de Vitória foi não só a aposta metodológica desta tese, mas também o garimpo de espaços de produção formativa e como eles se forjam. Um *parto*, um passo, vários passos aos encontros, sem garantias a princípio, mas acreditando nas potencialidades da Cidade, do Centro de Vitória e de *atores-sujeitos* múltiplos que ali circulam. Cidade como via de formação importante. Descolarizar a formação. Ir além dos espaços escolares, não abrindo mão deles.

Em um fundir-se naquilo que víamos e ouvíamos, prolongamos movimentos de experimentação. Ao estrangeirar-me, como um artista, sou capaz de aproximar ato de ver, sentir, com o ato de criar. As experimentações vividas foram disparadoras de comunicação direta com as coisas, com outros corpos do mundo, produção de modos outros de subjetivação, de aprendizagem. Buscamos traçar uma formação estética, criadora e transformadora.

O partir e circular pela cidade, seu Centro, vielas e deixar que o corpo nos guiasse foi apostar no seu caráter formativo. Nossa aposta é, também, na vontade de invitar outras vias para os processos de formação e, desse modo, deixar o corpo e ideias brotarem, constituir campo de saberes e fazeres possíveis de **Formação**, ou seja, apostar que alguns meios, *loci*, sujeitos, *conteúdos-ações* vão se engendrando

no percurso e, assim, potencializar uma aprendizagem inventiva, criadora de mundos.

É pela abertura que se dá na experiência da formação, é na experimentação que se produz modos de compartilhamento de sentidos, entre corpos e possibilidades de transformação do cotidiano. Formar e cuidar da experiência tornam-se, assim, dimensões inseparáveis, um convite ao estrangeirar-se para aprender com os vários centros e com as várias periferias, com mundos.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Homo Sacer**: o poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

ANDRADE, C. D. **Carlos Drummond de Andrade poesia e prosa em um volume**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.

BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 52-75.

BARROS, R. B.; PASSOS, E. Clínica, política e as modulações do capitalismo. Lugar Comum, n.19-20, p.159-71, 2004. Disponível em: <<https://repositorio.observatoriodocuidado.org/bitstream/handle/handle/1274/LC.S0102-7182200500020000400008.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 5 jul. 2021.

BECKETT, S. *Esperando Godot*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1952.

BENJAMIN, W. *Obras escolhidas II. Rua de mão única*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1979.

BENJAMIN, W. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

BRITTO, P. Entrevista a Suely Rolnik. Revista digital Redobra, nº8, 2010. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/319603474/Entrevista-Redobra-Suely-Rolnik>>. Acesso em: 30 set. 2021.

CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Cia. das Letras, 1990. Tradução Diogo Mainardi.

DELEUZE, G. ¿Que és un dispositivo? In: **Michel Foucault, filósofo**. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Barcelona: Gedisa, 1990, p. 155-161.

DELEUZE, G. **Conversações**: 1972-1990. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, G. **Espinoza**: filosofia prática. São Paulo: Editora Escuta, 2002.

DELEUZE, G. **Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Maio de 68 não ocorreu. **Revista Trágica**: estudos de filosofia da imanência. v. 8, n. 1, p.119-121, 2015. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/tragica/article/view/26807/14902>>. Acesso em: 19 maio 2021.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. vol. 3. Trad. de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DIDI-HUBERMAN, G. **Sobrevivência dos vagalumes.** Belo Horizonte: UFMG, 2011.

ESPINOZA, B. **Ética.** 2. ed. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

FOUCAULT, M. **A ética do cuidado de si como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, M. **Dits et écrits** (vol. 4) Paris: Gallimard, 1994.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 3: o cuidado de si.** Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FUGANTI, L. A. Saúde, desejo e pensamento. In: LANCETTI, A. (Ed.). **Saúde e Loucura.** São Paulo: Hucitec, 1990, v. 2, p. 19-82.

GALEANO, E. **Las palabras andantes.** José Borges: Siglo XXI, 1994.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo.** Petrópolis: Vozes, 1999.

JACQUES, P. B. Corpografias urbanas. Arqutextos, São Paulo, ano 08, n. 093.07. **Vitruvius**, fev. 2008. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/08.093/165>>. Acesso em: 03 abr. 2021.

KASTRUP, V. A aprendizagem da atenção na cognição inventiva. **Psicologia & Sociedade**, v. 16, n. 3, p. 7-16; set./dez. 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/Zs7wtDMRTYJX338HyT5YqyJ/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

KASTRUP, V. Aprendizagem, arte e invenção. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 6, n. 1, p. 17-27, jan./jun, 2001. Disponível em: <https://www.academia.edu/49353048/Aprendizagem_arte_e_inven%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 15 maio 2021.

MACHADO, L. D.; LAVRADOR, M. C. C. Por uma clínica da expansão da vida, **Interface**, Botucatu, v. 13, n. 1, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832009000500004>.

MOSÉ, V. **Desato.** São Paulo: Record, 2006a.

MOSÉ, V. **Nietzsche e a grande política da linguagem.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011a.

MOSÉ, V. **O homem que sabe.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011b.

MOSÉ, V. **Pensamento chão**: poemas em prosa e verso. Rio de Janeiro: Record, 2007.

NIETZSCHE, F. **Ecce Homo**: Como se chega a se ser o que se é. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PELBART, P. P. **A vertigem por um fio**: políticas da subjetividade contemporânea. São Paulo: Iluminuras, 2000.

PELBART, P. P. **Vida capital**: ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. Disponível em: <www.vitoria.es.gov.br>. Acesso em: 18 set. 2021.

RIO, J. **A alma encantadora das ruas**. ANTELO, R. (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SHAKESPEARE, W. **Hamlet**. Tradução: José Antonio de Freitas. Coleção A obra-prima de cada autor. São Paulo: Martin Claret, 2010.

TEIXEIRA, R. **As redes de trabalho afetivo e a contribuição da saúde para a emergência de uma outra concepção de público**. 2004. Disponível em: <https://www.academia.edu/12680923/As_redes_de_trabalho_afetivo_e_a_contribui%C3%A7%C3%A3o_da_sa%C3%BAde_para_a_emerg%C3%Aancia_de_uma_outra_concep%C3%A7%C3%A3o_de_p%C3%BAblico>. Acesso em: 10 out. 2021.

Obras Musicais

BANDUR, M. Carl Orff: Carmina Burana. In: Albrecht Riethmüller (ed.): **Geschichte der Musik im 20. Jahrhundert: 1925–1945** (Handbuch der Musik im 20. Jahrhundert. vol. 2), Laaber, Laaber 2006. ISBN 3-89007-422-7

BRANDÃO, B.; MOSKA, P. **O último dia**. Rio de Janeiro: Emy-Odeon, 1995. 4:38.

BRANT, F.; BORGES, L. **Paisagem da janela**. 1972.

CALCANHOTO, A. **Esquadros**. Álbum Senhas, 1992.

CORRER; C. J.; PINTO, M. R. A. **Extranjero**. Rio de Janeiro: Sony/ATV Music Publishing LLC, BMG Rights Management US, LLC, 2011. 3:49.

LENINE, O.; ARAGÃO C.; CHEBABI M. **Hoje eu quero sair só**. Rio de Janeiro: Sony BMG Music Entertainment, 1997. 5:38.

PITTY, P. N. **Admirável chip novo**. Rio de Janeiro: Deckdisc, 2003. 3:11.

SATTER, A.; TEIXEIRA, R. **Tocando em frente**. São Paulo: Phillips Records, 1990. 3:21.

VANDRÉ, G. **Pra não dizer que não falei das flores**. 1979. Gravadora: Som Maior, 1968.